

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

SILVIO SANTIAGO VIEIRA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 05/07/2018.



PANORAMA RELIGIOSO-CULTURAL PARA SURDOS EM BELÉM/PA

VITÓRIA
2018

SILVIO SANTIAGO VIEIRA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 05/07/2018.



PANORAMA RELIGIOSO-CULTURAL PARA SURDOS EM BELEM/PA

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. David Mesquiati de Oliveira

Vitória - ES
2018

Vieira, Silvio Santiago

Panorama religioso-cultural para surdos em Belém/PA / Silvio Santiago Vieira. - Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018. xii, f. 106; 31 cm.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

Referências bibliográficas: f. 99-106.

1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública. 3. Geografia da religião. 4. Estudos culturais. 5. Estudos surdos. 6. Religião e surdez. - Tese. I. Silvio Santiago Vieira. II. Faculdade Unida de Vitória, 2018. III. Título.

SILVIO SANTIAGO VIEIRA

PANORAMA RELIGIOSO-CULTURAL PARA SURDOS EM BELÉM/PA



Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

Doutor David Mesquiati de Oliveira – UNIDA (presidente)

Doutor Jose Mario Gonçalves – UNIDA

Doutor Jackson dos Santos Ribeiro – UEMA



Dedico esta dissertação

A Deus, meu companheiro de todas as horas.

Aos meus familiares, em especial a minha mãe.

Ao meu amado pela ajuda e força para resistir nos momentos mais difíceis.

A todos os Surdos e ouvintes que contribuíram com a pesquisa.

A todos os meus alunos do Curso de Ciências da Religião da UEPA.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares e amigos, pela paciência que tiveram durante as minhas muitas ausências para que este texto pudesse ficar pronto.

Ao Jakson, por me dar forças sempre e por ser o maior motivador deste projeto em que me lancei. Muito obrigado pelo seu carinho, atenção e amor dispensados durante todas essas 128 semanas.

Ao meu orientador, o Professor Dr. David Mesquiati de Oliveira pela orientação, paciência e rapidez ao dar o retorno. Seus conselhos foram essenciais para o aprimoramento da pesquisa.

Aos professores do Mestrado da Faculdade Unida de Vitória: Osvaldo Luiz Ribeiro, Francisco de Assis dos Santos, Abdruschin Rocha, José Adriano Filho, José Mário Gonçalves, Claudete Beise Ulrich e Kenner Roger Cazotto Terra, por instigarem, provocarem e compartilharem o conhecimento, permitindo que pudéssemos ampliar mais nosso universo.

Ao meu amigo Ozivan Santos, pela paciência em me ouvir a qualquer momento do dia para compartilhar ideias. Obrigado pelas valorosas contribuições e conselhos.

A todas as cosmovisões que me permitiram acesso colher os dados para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A todos os Surdos e ouvintes que participaram dessa pesquisa, em especial o meu muito obrigado para me@s amig@s Hilma Lúcia e Joab Queiroz que eu muito perturbei durante a coleta de dados.

A minha amiga Jacqueline Machado, Milene Moraes e Margareth Santos que sempre me motivaram durante essa jornada.

A todos os meus alunos da Universidade do Estado do Pará, em especial aos alunos do Curso de Ciências das Religiões e minha querida Letícia Santos, que me acompanhou como monitora no ano passado e sempre “quebrou um galhão” quando precisei ir à campo para colher os dados da pesquisa.

Aos membros do Grupo de Estudos Surdos & Interfaces (GESI) pelo carinho e dedicação em pesquisar sobre o sujeito Surdo, em especial ao Diego e ao Sérgio que pesquisam o Surdo inserido no terreiro da religião Tambor de Mina. Fico feliz e saber que os contaminei com o desejo de pesquisar o sujeito Surdo.

A Ilma Almeida, Laicy Leni Gomes, Augusto Candido e Francisco Negreiros, novos amigos que conquistei ao longo dessa jornada acadêmica. #Estamosjuntos!

A todos os colegas da turma do mestrado 2016.2 da Faculdade Unida de Vitória, turma plural em todos os sentidos que se possa imaginar.

À Vitória - ES, querida Vix, pela estadia acadêmica durante os meses de janeiro e julho ao longo desses dois anos.



Todos nós um só

Todos nós os mesmos

Todos nós um nó.

Chico César e Arnaldo Black.



Afinal, é possível que a natureza, o mar, o sussurro das árvores, os animais, os rostos, as máscaras, as facas cruzadas, tudo isso fale, [...] e mais do que nunca estamos à escuta de toda essa linguagem possível, tentando surpreender por baixo das palavras um discurso que seria mais essencial

Foucault.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a dimensão religiosa-cultural para Surdos em Belém-PA a partir da apresentação dos espaços sagrados de circulação desses indivíduos, marcadores de territorialidades e, as formas como se constituíram, transformaram ou conseguiram se perpetuar. Demonstramos, de antemão, que o traçado desse panorama passaria, necessariamente, por um diversificado universo religioso que revela o pluralismo que abarca a inclusão de pessoas Surdas em seus rituais; evento relativamente recente na história da inclusão do Surdo nas cosmovisões em Belém-PA. Tratou-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa. Para o desenvolvimento da pesquisa nos pautamos em dois campos temáticos: Estudos Culturais – Estudos Surdos e Geografia da Religião. Utilizamos a *pesquisa documental* a partir da análise de registros das cosmovisões e a *pesquisa de campo*, tendo contato com as lideranças (Surdos e ouvintes) envolvidos nas ações para Surdos nos espaços sagrados. O estudo aponta a presença de espaços sagrados atuantes com Surdos, a saber; vinte e nove (29) de matriz profética e duas (02) de matriz espiritualista. Sendo assim, ressalta-se que gerar reflexões em torno de questões relacionadas à constituição espacial contribuem com as discussões na área da geografia da religião, uma vez que o debate sobre os valores simbólicos atribuídos por Surdos, presentes no território, configuram territorialidades específicas.

Palavras-Chave: Geografia da Religião. Estudos Culturais. Estudos Surdos. Religião e Surdez.

ABSTRACT

This research aimed to understand the religious-cultural dimension for the Deaf in Belém-PA from the presentation of the sacred spaces of circulation of these individuals, markers of territorialities, and the ways they were constituted, transformed or succeeded in perpetuating. We have shown, in advance, that the outline of this panorama would necessarily pass through a diverse religious universe that reveals the pluralism that includes the inclusion of Deaf people in their rituals; relatively recent event in the history of the inclusion of the deaf in the worldviews in Belém-PA. It was a descriptive research with a qualitative approach. For the development of the research we focus on two thematic fields: Cultural Studies - Deaf Studies and Geography of Religion. We use documentary research from the analysis of records of the worldviews and the field research, having contact with the leaders (Deaf and hearers) involved in the actions for the Deaf in the sacred spaces. The study indicates the presence of sacred spaces acting with the Deaf, to wit; twenty-nine (29) of prophetic matrix and two (02) of spiritualistic matrix. Thus, it is worth emphasizing that generating reflections around issues related to the spatial constitution contributes to the discussions in the area of the geography of religion, since the debate on the symbolic values attributed by the Deaf present in the territory, configure specific territorialities.

Keywords: Geography of Religion. Cultural Studies. Deaf Studies. Religion and Deafness.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 POR UMA EPISTEMOLOGIA DA RELIGIÃO E SURDEZ	16
1.1 O século XX e a discursividade religiosa nos dicionários de sinais-terminos	16
1.2 O século XXI e a produção de pesquisas com foco na religião e Surdez.....	28
1.3 O “lugar” das pesquisas sobre religião e Surdez	39
2 ESPAÇO SAGRADO ENQUANTO RECORTE DA CULTURA SURDA.....	45
2.1 Territórios e territorialidades da cultura Surda	46
2.2 Espaços sagrados e as territorialidades de Surdos	54
3 TERRITÓRIOS DO SILÊNCIO: UMA CARTOGRAFIA DOS ESPAÇOS SAGRADOS COM AÇÕES PARA SURDOS NA CIDADE DE BELÉM/PA	65
3.1 Estudos de caso.....	66
3.1.1 Primeira Igreja Batista de Belém (PIB).....	66
3.1.2 Igreja Batista da Agulha	67
3.1.3 Igreja Católica.....	68
3.1.4 Igreja Batista do Guamá	70
3.1.5 Assembleia de Deus	71
3.1.6 Igreja Batista da Pedreira.....	73
3.1.7 Salão do Reino das Testemunhas de Jeová – Congregação em língua de sinais (LS)	73
3.1.8 Igreja do Evangelho Quadrangular do Umarizal.....	75
3.1.9 Casa Grande de Mina Jêje-Nagô de Toy Lissá & Abê Manja Huevy	75
3.1.10 Igreja Adventista do Sétimo Dia	77
3.1.11 Igreja Presbiteriana Central do Pará (Ipcpa).....	78
3.1.12 Igreja Batista do Sorriso	79
3.1.13 Comunidade Cristã de Belém	79
3.1.14 Videira Igreja Em Células	80
3.1.15 Igreja Batista em Libras.....	81
3.1.16 Igreja do Evangelho Quadrangular do Guamá	82
3.1.17 Igreja Batista do Tapajós	82
3.1.18 Igreja Universal do Reino de Deus (Catedral da Fé).....	83

3.1.19 Centro Espírita Yvon Costa.....	84
3.2 Cartografias das cosmovisões com ações para Surdos em Belém.....	85
CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICES	107
ANEXOS.....	109



INTRODUÇÃO

Por onde começar a descrição da multiplicidade de crenças, religiões, igrejas e associações que se estabeleceram na vastidão amazônica, do que constituíram, criaram, transformaram ou conseguiram nela perpetuar?¹

Belém do Pará é uma cidade cosmopolita com quase 1.5 milhões de habitantes (quase 2,5 milhões na região metropolitana)² vindos de muitas partes do país e do mundo, que perpassa por um diversificado universo religioso. As ruas de Belém são espaços de circulação de pessoas e, também espaço de manifestação do sagrado, pois ao sairmos pelas ruas “nos deparamos com a presença de tantas identidades religiosas quanto fossem os templos e associações que revelam o pluralismo religioso, evento relativamente recente na história da Amazônia”³.

Para se ter uma ideia da variedade de cosmovisões que consolidam um projeto político-religioso-cultural significativo na *urbe* belenense, nos apoiamos nos estudos de alguns autores que constituíram um campo de estudos sobre a temática. Iniciaremos citando os estudos do antropólogo Arthur Napoleão Figueiredo, sobre a medicina popular⁴. Napoleão Figueiredo tratou sobre o “uso de ervas, raízes, cascas, defumações, banhos, dentre outros, denominados popularmente de ‘puçangas’ – vendidos nas feiras de Belém, especialmente a feira do Ver-o-Peso – como medicamentos do receituário popular ligados a procedimentos religiosos vinculados a Umbanda, ao Batuque e à Pajelança”. O historiador Aldrin Moura de Figueiredo⁵, que descreve em parte da sua dissertação de mestrado, o período (1880 – 1930) em que Belém foi palco de disputas ideológicas entre a medicina oficial e as práticas terapêuticas de cura originárias da pajelança ou da medicina popular. A antropóloga Anaiza Vergolino, que desenvolveu um mapeamento religioso e cultural da Amazônia apresentando as matrizes indígena, lusitana, africana e os novos credos que emergiram a partir de velhas matrizes, destacando o Santo Daime, Evangélicos e Espíritas.

¹ VERGOLINO, Anaíza. Panorama Religioso e Cultural da Amazônia. In: MATA, Raimundo Possidônio C., TADA, Cecília. *Amazônia: desafios e perspectivas para a missão*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 62.

² IBGE. *Censo Demográfico*, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

³ VERGOLINO, 2005, p. 62.

⁴ De acordo com Napoleão Figueiredo, medicina popular trata-se de “[...] conjunto de práticas mágicas, cerimoniais e rituais persuasivas, baseadas no pensamento simbólico, utilizadas pelos povos de todo mundo para a prevenção, classificação, diagnóstico e tratamento das enfermidades” (p. 01). Para saber mais ler: FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. *Rezadores, Pajés e Puçangas*. Belém: UFPA/Boitempo, 1970.

⁵ FIGUEIREDO, Aldrin Moura. *A cidade dos Encantados: pajelança, feitiçaria e religião afro-brasileira na Amazônia, 1870 – 1950*. (Dissertação de Mestrado). Campinas. IFCH/Unicamp, 1996.

Numa análise mais contemporânea, a antropóloga Daniela Cordovil e o cientista da religião Dannyel Teles de Castro, desenvolveram em conjunto duas pesquisas. A primeira “analisa a presença e expansão das Religiões de Nova Era na cidade de Belém, Pará”⁶ e a segunda “discute a presença das religiões neopagãs no espaço público por meio de uma etnografia de grupos e eventos realizados [...] entre julho de 2013 e junho de 2015 e de como estes grupos contribuem para a construção de novas formas de sociabilidade.”⁷

Dessa forma, observamos que o panorama religioso em Belém se apresenta com sua diversidade, contrastes e complexidades que se configuram a partir da multiplicidade de crenças, associações religiosas e igrejas que montam o cenário da religião em suas vertentes históricas, sociológicas, filosóficas, pedagógicas e sociais, no cenário social da cidade. Essas múltiplas configurações de saber-poder⁸ das cosmovisões sobre a sociedade, apresentadas no levantamento das produções científicas citados anteriormente, incidem sobre brancos, negros, indígenas, moradores urbanos e ribeirinhos da região metropolitana da grande Belém, porém, apesar da contribuição que essas pesquisas trazem para a formação da cartografia da religião belenense, nenhuma delas possui foco no grupo cultural objeto de estudo desta dissertação.

A motivação que desencadeou esta pesquisa se deu quando fui lotado para trabalhar com a disciplina Língua Brasileira de Sinais (Libras) no curso de Licenciatura em Ciências da Religião (CR), da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Por ser professor desta instituição de ensino superior, vinculado ao Departamento de Ensino Especializado (DEES), no ano de 2016 fui lotado, pela primeira vez, para trabalhar com a disciplina no curso de graduação em CR. Ao iniciar o planejamento da disciplina percebi a carência de literaturas que apresentassem a conexão existente ao tema religião e Surdez, demonstrando que o fenômeno religioso de Surdos em contextos de decolonialidade pode ser mais explorado pelas Ciências das Religiões.

Vale ressaltar que durante a minha formação em Letras-Libras (Graduação) e em Libras (Pós-graduação *Lato Sensu*), tivemos a disciplina Aspectos Históricos da Educação de Surdos onde foi tratado, de forma simplificada, a relação do Cristianismo (Catolicismo e Protestantismo) com os processos de ensino-aprendizagem para esses sujeitos, sobretudo em relação a catequese, colocando esses indivíduos como objetos de salvação religiosa. Ademais, a experiência como tradutor-intérprete de Libras em igreja evangélica (período de 2011 a

⁶ CORDOVIL, Daniela, CASTRO, Dannyel Teles. Urbe, tribos e deuses: neopaganismo e espaço público em Belém. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, v. 6, p. 116-139, 2015, p. 116.

⁷ CORDOVIL, Daniela, CASTRO, Dannyel Teles. Espiritualidades Holísticas na Metrópole da Amazônia: presença e expansão de Religiões de Nova Era em Belém, Pará. *Estudos da Religião*, v. 28, n. 2, jul./dez., p. 115-137, 2015, p. 115.

⁸ FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

2016), permitiram contatos com Surdos e ouvintes de outras denominações cristãs, sendo possível traçar um singelo mapeamento mental contendo algumas das cosmovisões cristãs com ações para Surdos.

Por esse motivo, elaborei o projeto de pesquisa para pleitear uma vaga no curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religiões da Faculdade Unida de Vitória – UNIDA, tendo escolhido como objeto de pesquisa o Surdo inserido nos espaços sagrados e como recorte empírico-geográfico, a cidade de Belém-PA, a qual possui cosmovisões com trabalhos voltados à surdez configurados desde a década de 1980.

Dessa forma, esta pesquisa buscou responder ao seguinte problema: Quais espaços sagrados constituem o panorama religioso-cultural para Surdos em Belém-PA marcados por configurações de territórios e territorialidades? Esta pesquisa apresenta-se como uma cartografia das cosmovisões que configuram espaços, territórios e territorialidades de Surdos a partir da sua relação com o transcendente, tendo como objetivo geral: Compreender a dimensão religiosa-cultural para Surdos em Belém-PA a partir da apresentação dos espaços sagrados de circulação desses indivíduos como marcadores de territorialidades. Os objetivos específicos propostos são: i) Descrever a produção intelectual e científica realizada do século XX e XXI com a intenção de levantar discussões no campo da CR para as discursividades religiosas que emergem a partir do uso da Libras, assim como considerar as especificidades do fenômeno religioso para Surdos; ii) Desenvolver a cartografia das cosmovisões que apresentam espaços, territórios e territorialidades de Surdos a partir da sua relação com o sagrado; iii) Analisar as formações de territorialidade ao apresentar o engendramento da comunidade Surda em espaços sagrados em Belém/PA, mediados por configurações de saber-poder.

A presente proposta de estudo tratou-se de uma pesquisa descritiva que, segundo Eva Maria Lakatos e Mariana de Andrade Marconi, tem como objetivo tratar os dados atuais, observando o contexto onde se inserem para explicar os fenômenos pertinentes a problemática estabelecida, numa abordagem qualitativa⁹. Elizabeth Teixeira ao tratar sobre a abordagem qualitativa retrata que o social é visto como um mundo de significados passível de investigação e a linguagem dos atores sociais e suas práticas as matérias primas dessa abordagem. É o nível dos significados, motivos e aspirações, atitudes, crenças e valores, que se expressam pela linguagem comum e na vida cotidiana, o objeto da abordagem qualitativa.¹⁰

⁹ LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1983.

¹⁰ TEIXEIRA, Elizabeth. *As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa*. 6 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a *pesquisa bibliográfica* sob dois campos temáticos: Estudos Culturais – Estudos Surdos e Geografia da Religião. Num segundo momento utilizamos a *pesquisa documental* a partir da análise de registros das instituições (contemporâneos e retrospectivos) e a *pesquisa de campo*, tendo contato com as lideranças (Surdos e ouvintes) envolvidos nas ações para Surdos nos espaços sagrados.

Sendo assim, ressalta-se que gerar reflexões em torno de questões relacionadas à constituição espacial contribuem com as discussões na área da geografia da religião, uma vez que o debate sobre os valores simbólicos atribuídos por Surdos, presentes no território, configuram territorialidades específicas. Dessa forma, para compreensão desta pesquisa nos moldes do campo da geografia da religião, essa pesquisa se desenvolve em três capítulos.

No primeiro capítulo intitulado “Por uma epistemologia da religião e surdez”, desenvolvemos uma descrição e análise das produções intelectuais e científicas realizada nos séculos XX e XXI com a intenção de levantar discussões no campo das Ciências das Religiões para as discursividades religiosas que emergem a partir do uso da Libras, assim como considerar as especificidades do fenômeno religioso para Surdos.

No segundo capítulo, “Espaço Sagrado enquanto Recorte da Cultura Surda” discutimos a concepção teórica pertinente ao nosso objeto de estudo. Dessa forma, para compreensão desta pesquisa nos moldes do campo dos Estudos Culturais – Estudos Surdos – e da Geografia da Religião explicitamos algumas categorias conceituais que julgamos relevantes, a saber: i) Cultura Surda; ii) Identidades Surda; iii) Libras; iv) Território/Territorialidade (poder); v) Espaço Sagrado como forma simbólica e vi) Identidade Religiosa.

No terceiro capítulo, “Territórios do Silêncio: uma cartografia dos espaços sagrados com ações para Surdos na cidade de Belém/PA”, a partir de um mapa, confeccionados como fruto das investigações empíricas, desenvolvemos uma descrição e análise sobre as concentrações dos espaços sagrados para Surdos.

1 POR UMA EPISTEMOLOGIA DA RELIGIÃO E SURDEZ

Este capítulo trata-se de um estudo cujo objetivo foi descrever a produção intelectual e científica realizada do século XX e XXI com a intenção de levantar discussões no campo das Ciências das Religiões para as discursividades religiosas que emergem a partir do uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), assim como considerar as especificidades do fenômeno religioso para Surdos. Assume-se como metodologia a revisão bibliográfica, associada a criação de tipologias/categorias sobre a produção como critério teórico da investigação de modo a entender a singularidade das pesquisas analisadas.

O recorte temporal se deu, pois nesse período as visões sobre o que hoje denominamos língua de sinais, Surdo, comunidade Surda e identidade Surda ganham diferente conteúdo: época de consolidação da pesquisa de campo e documental com foco nas configurações de saber-poder da religião que incidem sobre Surdos no Brasil e vice versa, partindo do pressuposto que esses indivíduos têm diferenças comunicativas que devem ser consideradas no âmbito religioso.

Partimos dos ensinamentos de Michel Foucault, quando nos diz que o poder é engendrado “nas relações sociais cujas interações e disputas por saberes e poderes acabam por produzir resistência”.¹¹ Dessa forma, o autor nos informa que o poder se apresenta de forma dicotômica, reprimindo ou combatendo. Nesta pesquisa, chamaremos de resistência a produção de território, pois ao engendrará-lo, necessariamente, existem relações poder sobre o espaço, ou seja, se dá como poder contra o poder que reprime ao buscar normatizar.

Dessa forma, este capítulo parte de um estudo de um inventário diversificado de pesquisas, mantendo uma base empírica e descritiva que juntas podem compor o que ambicionamos chamar de base epistemológica da religião e Surdez no Brasil.

1.1 O século XX e a discursividade religiosa nos dicionários de sinais-terms

A década de 1960 é o momento aqui apresentado como de início das pesquisas situadas em contextos religiosos urbanos de indivíduos sinalizantes. Trata-se de um período de transição, no qual lentamente os espaços de sociabilidade passam a ceder lugar para aquilo

¹¹ SILVA, Claudionor Borges da. *Corredores do Silêncio: territórios e territorialidades de resistência da cultura surda*. Porto Alegre: UFRGS/PPG, 2014. p. 57.

que foi chamado na época de “palavra gesticulada (mímica)”¹², em especial nos espaços religiosos católicos e espaços educacionais com influência dessa religião.

Um personagem importante para o desenvolvimento de ações missionárias com Surdos foi o Padre Eugênio Oates, um missionário redentorista americano, nascido em 1915. Trabalhou por mais de trinta anos nos estados do Amazonas e no Pará. Ainda no Seminário Maior, começou a interessar-se pelo apostolado com os Surdos e, por isso, dedicou-se ao estudo da língua de sinais. Em 1965, começou a trabalhar com Surdos, entrando em contato com pessoas e instituições dedicadas a este trabalho.

Sendo assim, iniciaremos citando os estudos de Eugênio Oates, quando desenvolveu um livreto intitulado *No Silêncio da Fé: catequese e oração na linguagem das mãos*. Visando os Surdos, especialmente os que se comunicam com as mãos, o livro foi criado para apresentar “em forma de gestos” o sinal da Cruz, as orações “ato de Fé”, “ato de Esperança”, “ato de Caridade”, “Ato de Contrição”, os 10 mandamentos da Lei de Deus. Além destes, há também a oração do Pai Nosso, a Ave-Maria, práticas importantes para a vida Cristã e os Sacramentos. Em língua portuguesa foi apresentado alguns trechos da Bíblia Sagrada para ajudar os Surdos a meditar e rezar, sendo o primeiro trecho apresentado o evangelho de Marcos (7: 31-37).

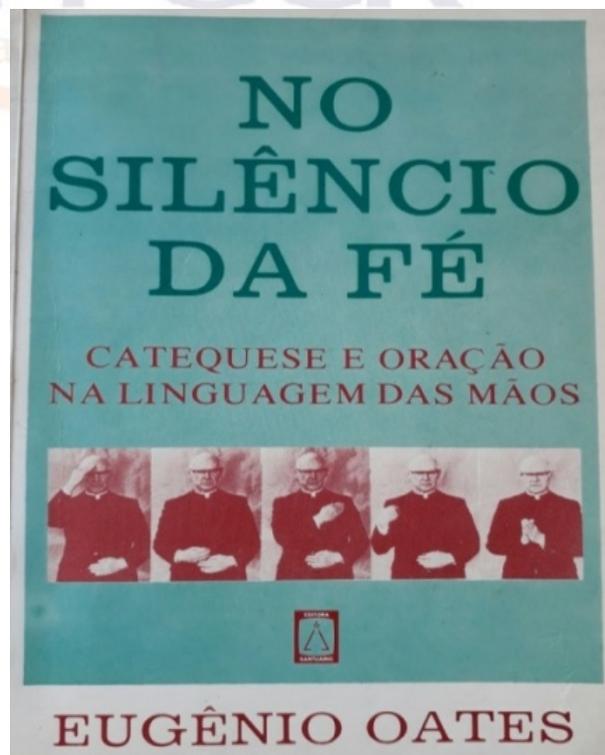


Figura 1: Capa do livro *No Silêncio da Fé: catequese e oração na linguagem das mãos*.¹³

¹² OATES, Eugênio. *No Silêncio da Fé: catequese e oração na linguagem das mãos*. São Paulo: Aparecida, 1990. p. 3.



Figura 2: Sinalização palavra a palavra.¹⁴

O diferencial deste livreto em relação às outras produções utilizadas para a educação religiosa catequista de indivíduos ouvintes da época está na frequente presença da linguagem visual. Repleto de iconografias, tais como: a imagem de Jesus Cristo tocando na língua e ouvidos de um menino; a cruz; vela acesa simbolizando a luz; pintura da imagem de Jesus; desenho sobre a morte de Jesus; templos católicos associados ao termo sagrado; o Cristo Redentor (Rio de Janeiro/RJ), Catedral Basílica de Nossa Senhora Aparecida (Aparecida/SP), o Congresso Nacional (Brasília/DF) associados à imagem de Nossa Senhora Aparecida;

¹³ OATES, 1990.

¹⁴ OATES, 1990, p. 14.

pintura de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; pintura da Sagrada Família e a foto da Bíblia Sagrada.

Sobre a linguagem enquanto imagem e símbolo, Etienne Alfred Higuét observa que:

a linguagem visual constitui uma parte importante da expressão religiosa. Em particular, as imagens contribuem na elaboração e apresentação dos símbolos religiosos. [...] Enquanto símbolos, as imagens exercem uma função de *intercessão* entre o ser humano e seu próprio mundo, o qual inclui o que ficaria além deste mundo como divino ou sagrado.

[...] O símbolo tem a capacidade de abrir para nós níveis de realidade para os quais a linguagem não simbólica é inadequada.¹⁵

Percebemos que as expressões religiosas ligadas à visão são compreendidas como uma representação simbólica carregada de valor e relevância. Como efeito disto se abre a janela do olhar para um invisível além do visível, “mas os símbolos religiosos abrem janelas para o nível supremo, que é o nível do Ser, do incondicionado transcendente.”¹⁶ Dessa maneira, entendemos que a linguagem da fé no transcendente é uma linguagem simbólica.

Dando continuidade à análise do livro, Eugênio Oates, por meio de fotografias, sinaliza cada uma das palavras das orações e sacramentos católicos com um sinal-termo correspondente (ver Figura 2). Quando as palavras não possuíam sinalização correspondente era feito a datilologia¹⁷, letras por letra. Se esse livro fosse produto dos tempos hodiernos ele seria categorizado como obra com *português sinalizado* haja vista tomar a estrutura gramatical da Língua Portuguesa para a sinalização em despeito a estrutura gramatical da Libras.

Oates também desenvolveu em 1969 o livro *Linguagem das Mãos*¹⁸, cuja esta primeira edição foi publicada em parceria com o Ministério da Educação (MEC) sendo distribuído gratuitamente nas escolas e comunidades surdas da época, posteriormente sendo republicada pela editora Santuário. O trabalho é fruto de “pesquisas pelo território nacional, colecionando sinais-terms nos lugares onde conviveu com os Surdos, registrando seus

¹⁵ HIGUET, Etienne Alfred. Interpretação das imagens na teologia e nas ciências da religião, p. 85. In: NOGUEIRA, P. A. S. (Org.). *Linguagem da Religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 84-89.

¹⁶ HIGUET, Etienne Alfred. Reformulação do programa de pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo: aspectos históricos e epistemológicos. In: *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*: Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 343-375, 2012, p. 360.

¹⁷ Segundo Fernando César Capovilla, datilologia é comunicação por meio de um alfabeto manual usado por surdos, quando se soletra uma palavra em português ou em outra língua oral-auditiva. Para mais, ver: CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte; TENOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielli Cantarelli. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*. vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. p. 853.

¹⁸ O ano de 1969 corresponde a publicação da primeira obra e para situá-la historicamente, me refiro a este ano, porém obra que tive acesso data do ano de 1990. Ver: OATES, Eugênio. *Linguagem das Mãos*. Aparecida: Santuário: 1990.

achados no livro”¹⁹ cujo objetivo foi o de ajudar os Surdos brasileiros a terem um melhor entrosamento na sociedade e que haja um melhoramento contínuo na sua vida social, educacional, recreativa, econômica e religiosa. “Tal publicação possui um enorme efeito de cristalização do léxico do que, atualmente, denomina-se Libras”²⁰.

Essa produção intelectual é constituída por quinze capítulos de categorização de sinais com índice temático em ordem alfabética, incluindo os sinais religiosos de matriz católica. Há 1.268 sinais-termos²¹; sendo que apenas 38 sinais constituem a categoria “religião”.



Figura 3: Capa do dicionário Linguagem das Mãos.²²

¹⁹ DOUETTES, Brenno Barros. *A tradução na criação de sinais-termos religiosos em Libras e uma proposta de organização de um glossário terminológico semibilíngue*. Florianópolis: UFSC/PPGET, 2015, p. 84.

²⁰ ASSIS SILVA, ASSIS SILVA, César Augusto de. *Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012, p. 32.

²¹ Podem ser remetidos a 5000 palavras em relação sinonímica. Ver: SILVA, Nilce Maria. *Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: constituição e formulação*. Campinas: USP/PGLING, 2012, p. 186.

²² OATES, 1990.

No ano de 1983, foi organizado por dois luteranos e um padre (Harry W. Hoemann, Eugênio Oates & Shirley A. Hoemann) o livro *Linguagem de sinais do Brasil*²³. Essa obra é uma produção da Igreja Luterana do Rio Grande do Sul, idealizada por Naomi H. Warth. Ela foi a fundadora do Centro Educacional para Deficientes Auditivos Escola Especial Concórdia, situada em Porto Alegre/RS. Naomi também foi a coordenadora do Ensino Religioso nessa escola. Para o desenvolvimento desta produção intelectual, participaram indivíduos envolvidos na Associação de Pais e Amigos dos Surdos, o ex-diretor do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, professores e padres, ou seja, pessoas ligadas a outras instituições. O livro é fruto de uma pesquisa significativa cujo objetivo foi de documentar o repertório de sinais-termos da língua de sinais utilizada na região sul do Brasil. Ele é a concretização de pensamentos de inclusão de surdos pautados na teologia da missão transcultural.

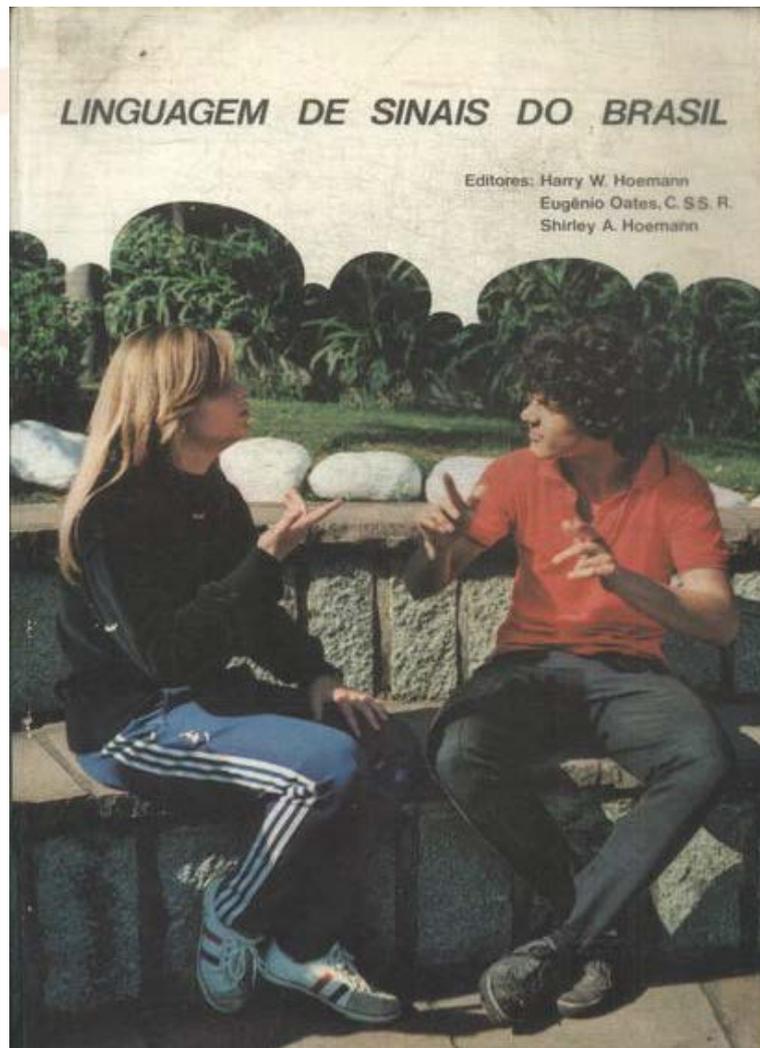


Figura 4: Capa do livro Linguagem de Sinais do Brasil.²⁴

²³ HOEMANN, Harry; OATES, Eugênio; HOEMANN, Shirley (Orgs.). *Linguagem de Sinais do Brasil*. Porto Alegre: [s.e.], 1983.

²⁴ HOEMANN; OATES; HOEMANN, 1983.

Esta obra possui 33 sinais-termos religiosos registrados em forma de desenhos que representam o Padre Eugênio Oates. Apesar de ser um livro construído por diversos atores pertencentes a espaços religiosos e não religiosos, Nilce Maria da Silva, em sua tese doutoral, ao discutir a referida produção aponta que:

No capítulo da obra *O surdo começou a falar*, assinado pelo Padre Eugênio Oates, encontramos um conjunto de sinais que, mesmo distribuídos alfabeticamente, estão organizados por tema, intitulado 'Vocabulário de sinais de religião'. [...] É a memória religiosa cristã sendo inserida também na organização do dicionário, evidenciada na segunda parte da obra, intitulada 'Aplicações religiosas da linguagem de sinais do Brasil'. As formulações 'deste livro, também, reflete preocupações religiosas e interesses religiosos', assim como 'frequentemente os pais se sentem perdidos porque não sabem como ensinar a seus filhos surdos os hinos e orações que fazem parte de sua tradição religiosa' mostram que o interesse na produção da obra perpassa pelo ensinamento da religião, pela catequese do surdo.²⁵

Nesse cenário de criação/catalogação de sinais religiosos, em 1990 ocorreu um encontro batista no município de Petrópolis/RJ para tratar sobre o objetivo do Ministério com Surdos: "Alcançar o Surdo, capacitando para o relacionamento com Cristo como Salvador e Senhor, promovendo a integração entre o Surdo, a família, a igreja e a sociedade"²⁶. Em 1991, a Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira – JMN, publicou o livro *O clamor do silêncio. Manual de Sinais Bíblicos*.²⁷ A parte denominada *Manual de sinais bíblicos* foi organizado pelos Surdos Valdecir Menis e Salomão Dutra Lins (o segundo responsável pelas ilustrações) com foco apenas em sinais-termos bíblicos categorizados em: sinais-termos de livros da Bíblia; sinais-termos de personagens bíblicos; sinais-termos de funções e sinais-termos de lugares.

Vale ressaltar que Valdecir Menis não é citado como um dos organizadores do trabalho. Há um vídeo no *youtube*, no canal Brenno Douettes, contendo uma entrevista em Libras, postado em 03 de abril de 2015²⁸, onde Salomão Lins se retrata por não ter informado à JMN que a produção entregue para reprodução das cinco mil cópias que foram distribuídas, se tratava de uma construção conjunta com Valdecir Menis. Logo, este manual é de grande relevância para a construção da discursividade religiosa que emerge a partir dos dicionários de sinais-termos criados no século XX, pois ele inaugura o registro de termos bíblicos em Libras,

²⁵ SILVA, Nilce Maria da. *Instrumentos lingüísticos de língua brasileira de sinais: constituição e formulação*. Campinas: USP/PGLING, 2012. p. 200-201.

²⁶ JUNTA DAS MISSÕES NACIONAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *O clamor do silêncio. Manual de sinais bíblicos*. Rio de Janeiro: [s.e], 1991. p. 7.

²⁷ JUNTA DAS MISSÕES NACIONAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, 1991.

²⁸ Entrevista em Libras com Valdecir Menis e Salomão Lins em 03/04/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bA7_6Fl--LU>. Acesso em: 27 out. 2017.

o que o diferencia das obras citadas anteriormente; sendo utilizado até hoje por igrejas evangélicas que ofertam cursos de sinais bíblicos em Libras em Belém/PA.

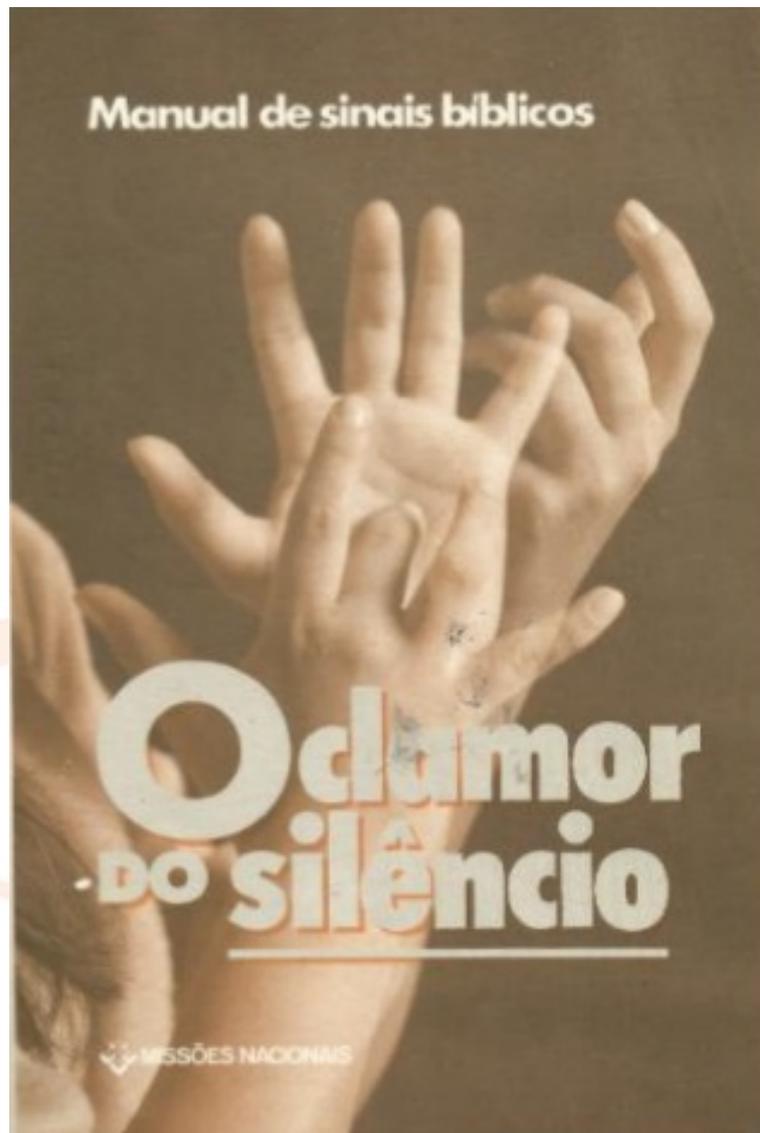


Figura 5: Capa do livro O Clamor do Silêncio.²⁹

Dessa forma, a parte denominada *O Clamor do Silêncio* passa a ser uma referência para todas as igrejas evangélicas que possuíam ministério com Surdos, pois ela trabalha com orientações sobre o papel do tradutor – interprete de Libras/Língua Portuguesa, além de apresentar um panorama das particularidades de Surdos e como eles podem ser alcançados.

Seguindo a cronologia das publicações dos dicionários, as Testemunhas de Jeová através da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, publicou em 1992, o livro

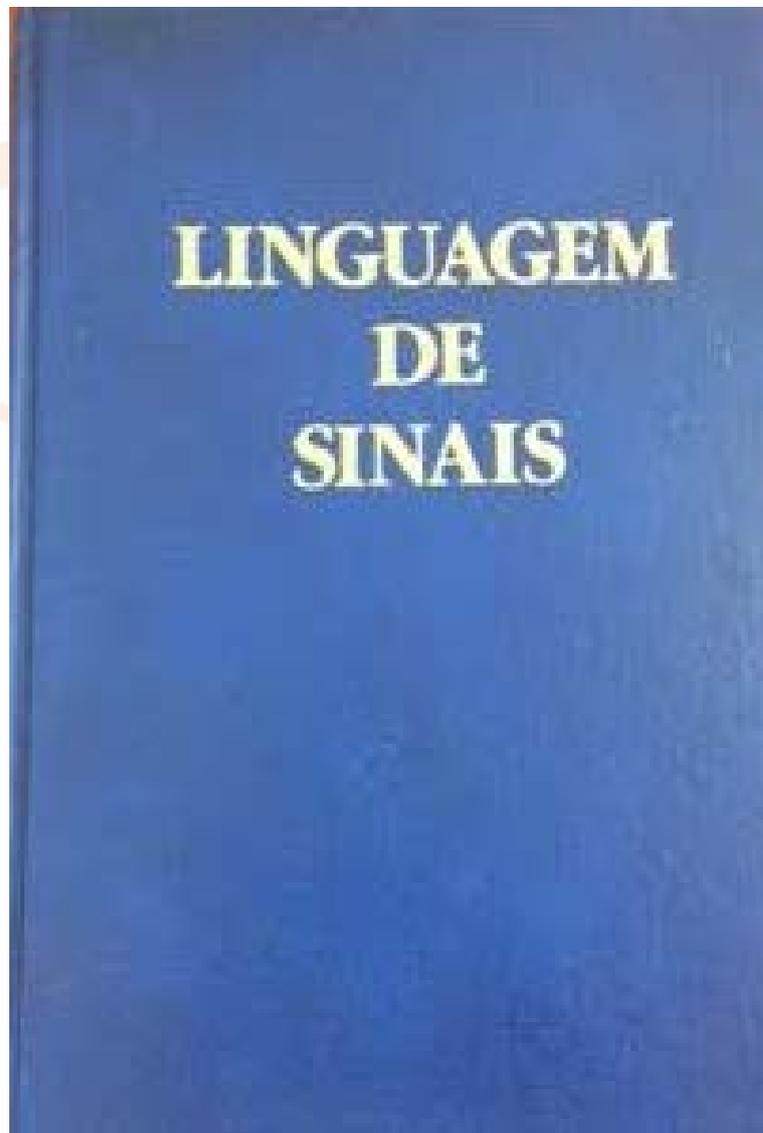
²⁹ JUNTA DAS MISSÕES NACIONAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, 1991.

Linguagem de Sinais.³⁰ A obra possui 1.256 sinais-termos, sendo 246 de caráter religioso, que compõem o quarto capítulo intitulado “assuntos bíblicos”. Este compêndio foi reeditado em 2008, passando a se chamar *Língua de Sinais*. De acordo com Silva:

Muitos sinais presentes na obra são relacionados com a prática religiosa das Testemunhas de Jeová como os sinais: ASSINATURA DA DESPERTAI, BETEL, TRANSFUSÃO DE SANGUE.

O sinal TRANSFUSÃO DE SANGUE, por exemplo, presente apenas neste dicionário, só faz sentido estar entre os sinais sobre assuntos bíblicos em função da prática religiosa das Testemunhas de Jeová de recusarem-se a se submeter a tratamentos médicos ou cirúrgicos que incluam transfusões de sangue, a partir da leitura que fazem de passagens bíblicas (Livros de Gênesis, 9:3-4; Levítico, 17:10 e Atos 15:19-21).³¹

A seguir a capa do compêndio em sua segunda edição:



³⁰ TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. *Linguagem de sinais*. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992.

³¹ SILVA, 2012, p. 202.

Figura 6: Capa do livro Linguagem de Sinais.³²

Interessante ressaltar que, cada um dos dicionários abordados nesse capítulo estão ligados com uma organização religiosa, ou seja, com uma igreja:

ORDEM	DICIONÁRIO	ANO DE PUBLICAÇÃO	INSTITUIÇÃO RELIGIOSA
01	Linguagem das Mãos	1969	Igreja Católica
02	Linguagem de Sinais do Brasil	1983	Igreja Luterana
03	O Clamor do Silêncio	1991	Igreja Batista
04	Linguagem de Sinais	1992	Salão do Reino das Testemunhas de Jeová

Tabela 01: Dicionários de sinais-terminos com discursividades religiosas cristã produzidos no século XX.

As quatro obras apresentadas fazem parte do conjunto que denominamos como *obras com discursividade religiosa cristã* que emerge a partir dos dicionários de sinais-terminos em Libras. Essas produções tratam-se de um grupo de dicionários, “produzidos e publicados por instituições religiosas, aliando uma ampliação do léxico da língua de sinais à uma discursividade religiosa”³³, gerando um texto cultural religioso cristão em prol da evangelização de Surdos, partindo da premissa de que essas cosmovisões, enquanto espaços de circulação marcados pela trajetória e territórios, devem primar pelo que consideramos como bilinguismo religioso.

Dessa forma, o século XX apresenta produções de “cunho epistemológico-acadêmico que, baseado na hermenêutica da história cristã, busca oferecer diretrizes ao Cristianismo, seja o vivido nas comunidades eclesiais, seja o pensado na doutrina, moral ou entendimento bíblico, que é responsabilidade da instituição.”³⁴

Se antes os Surdos brasileiros, em sua maioria, não tinham acesso à escritura sagrada cristã em razão das barreiras linguísticas, a partir dessas quatro obras, é possível pensar a presença de agentes religiosos sinalizando fundamentos e personagens bíblicos, dando sentido a questões religiosas para Surdos cristãos e perfazendo a missão em busca da conversão de novos Surdos ao Cristianismo.

³² TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. *Linguagem de Sinais*. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992.

³³ SILVA, 2012, p. 9.

³⁴ COSTA, Matheus Oliva da; MARCHINI, Welder Lancieri. Confusões e demarcações: um estudo tipológico das produções de eventos acadêmicos de Ciência da Religião e Teologia no Brasil. In: *SACRILEGENS*, v. 14, p. 8-30, 2017. p. 25.

Ademais a criação de sinais-termos dispostos nestes dicionários além de proporcionar maior autonomia ao indivíduo usuário de Libras nos contextos religiosos, produziu novos significados a partir dos interlocutores envolvidos, pois um texto religioso codificado na língua natural dos interlocutores facilita a compreensão das questões religiosas e ele relacionadas.

Sobre a relação de significância e a presença dos interlocutores, Paulo Augusto de Souza Nogueira nos diz que:

O texto para produzir novo significado, precisa de um interlocutor. No encontro com a consciência heterogênea são produzidos novos significados a partir da estrutura imanente do texto. Assim como é indispensável a presença do interlocutor, também se faz necessário o contato com textos diferentes, textos relativamente indecifráveis, cujas exigências de interpretação e tradução farão com que a cultura receptora aumente sua produção de textos. A cultura que recebe estes textos novos investe com muita energia criativa para traduzi-los para dentro de seu próprio sistema.³⁵

Dessa forma, a produção dos sucessivos dicionários com foco na discursividade religiosa em Libras gerou a compreensão dos textos sagrados cristãos por indivíduos Surdos. Logo compreender a religião pressupõe adaptação de um para com o outro. É a partir da religião enquanto linguagem que esse processo de adaptação se faz visando a compreensão do outro sobre o fenômeno religioso.

Observamos que nos dicionários em questão foram feitas classificações dos relatos dos rituais, dos nomes divinos e dos escritos considerados canônicos. “Trata-se de uma fala da religião que classifica os elementos de uma cultura como sagrados e profanos, canônicos e apócrifos [...]”³⁶, demonstrando forte evidência das teologias tradicionais.

Dessa forma, entendemos que a Teologia Cristã foi o elemento condutor para a produção desses livros. Afirmamos tal assertiva ao observamos que o *discurso êmico* se sobrepõe ao *discurso ético*³⁷ nessas publicações, haja vista que esses dicionários, à luz da Teologia, tratam “todas as coisas à luz de Deus”³⁸, onde a hermenêutica teológica recai sobre o discurso religioso aplicado aos sujeitos Surdos.

³⁵ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Religião como texto: contribuições da semiótica da cultura. In: _____. (Org.). *Linguagens da Religião: Desafios, métodos e conceitos centrais*. 01ed. São Paulo: Paulinas, 2012, v. 01. p. 19.

³⁶ NOGUEIRA, 2012, p. 14.

³⁷ Busca seguir a postura acadêmica de agnosticismo metodológico de distanciamento, nem negando e nem afirmando visões de mundo religiosas, mas somente tratando do que for empiricamente e humanamente observável ou, em outras palavras. Ver: USARSKI, Frank. *História da Ciência da Religião*. Em: J. D. Passos; F. Usarski. (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 51.

³⁸ *Discurso êmico*. Ver: BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998. p. 23.

No final do século XX, surge uma produção acadêmico-científica com um foco diferente das produções lexicográficas citadas. Trata-se uma dissertação de Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O autor, Sergio Andrés Lulkin no terceiro capítulo intitulado *Os Surdos como objeto de salvação religiosa: a cura e salvação do pupilo e consagração do mestre* analisa, a partir dos discursos religiosos e de medicalização, as categorias Surdo e Surdez por meio de um estudo dos conhecimentos registrados nos séculos XVI e XVII (Espanha), XVIII e XIX (França).³⁹ Especificamente no capítulo 3, Lulkin descreve:

alguns procedimentos no ensino de pessoas surdas, através de registros disponibilizados por pesquisas históricas, destacando a importância do conhecimento religioso para obtenção de uma posição jurídica, econômica e social. Nessa visão, o mestre é um ‘salvador’ que pode mediar a aprovação do aluno surdo diante da comunidade ouvinte e garantir a manifestação da sua alma perante Deus.⁴⁰

A pesar da citação acima está recheada de termos que, numa primeira instância poderiam levar o leitor a classificar a análise de Lulkin como uma proposta voltada mais aos pressupostos da Teologia Cristã, observamos que os seus escritos caminham em sentido oposto, pois, localiza-se no campo dos Estudos Culturais com objetivo de analisar as configurações de saber-poder a partir da teoria da representação.

Essa produção é convidativa a leitura, pois analisa pinturas e documentos arquivados em instituições religiosas e seculares da Europa, desenvolvendo seu enredo a partir do que o autor convencionou denominar de *mostras públicas* – “espetáculos e outros eventos onde o sujeito surdo está exposto diante de uma platéia - concebidas pelas poéticas e pelas políticas sob o controle de pessoas ouvintes.”⁴¹ – que eram realizadas nos séculos XVI e XVII na Espanha e a partir do século XVIII, na França por Padres, educadores, sob o discurso constituído de Surdos como *objetos de salvação cristã*.⁴² De acordo com o autor, essa intenção de tornar o Surdo “visível” evidenciava que as *mostras públicas* serviam “como objetos de observação e exame, era a visibilidade como aparato de controle dos ouvintes sobre a comunidade de surdos.”⁴³

Sobre a questão de tornar “visível”, Jorge Larrosa contribui dizendo que:

³⁹ LULKIN, Sérgio Andrés. *O silêncio disciplinado: a invenção dos Surdos a partir de representações ouvintes*. Porto Alegre, 2000. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, 2000.

⁴⁰ LULKIN, 2000, p. 26.

⁴¹ LULKIN, 2000, p. 9.

⁴² Em inglês *objects of Christian salvation*. Para mais, ver: WRIGLEY, Owen. *The politics of deafness*. Washington D.C.: Gallaudet University Press, 1996, p. 230.

⁴³ LULKIN, 2000, p. 16.

a visibilidade é, para Foucault, qualquer forma de sensibilidade, qualquer dispositivo de percepção. O ouvido e o tato na medicina, o exame na pedagogia, a observação sistemática e sistematizada em qualquer aparato disciplinar, a disposição dos corpos nos rituais penais, etc. [...] Poderíamos formular o problema como o de determinar, em um mesmo movimento, o que é visível e o olho que vê, o sujeito e o objeto do olhar.⁴⁴

Dessa maneira, o século XX sinaliza a abertura de produções com foco na Religião e Surdez onde se evidencia mais o pensamento teológico Cristão nas obras com intenção de tornar “visível” à luz de performances hegemônicas de ouvintes, que Carlos Skliar chama de *Ouvintismo*.⁴⁵ Contrário a este percurso, a pesquisa de Sérgio Aldrin Lulkin, a pesar de cronologicamente, situar-se no século XX, observa-se que suas perspectivas se assemelham mais as produções geradas no século XXI, conforme veremos no próximo tópico.

1.2 O século XXI e a produção de pesquisas com foco na religião e as particularidades étnico-linguísticas do surdo

As tendências hodiernas das pesquisas religiosas urbanas com foco em Surdos no Brasil estão marcadas pelo intercâmbio do saber à medida que ela não é apenas objeto de estudo da Teologia/Ciências das Religiões, pois possui interfaces em áreas como a Educação, Linguística, os Estudos de Tradução, a Antropologia e a Sociologia cada vez mais intensas. Isso contribuiu para um aprofundamento teórico-metodológico direcionado às investigações no campo da *Religião e Surdez* e um enriquecimento da compreensão das múltiplas dimensões socioculturais que emergem à luz do objeto de estudo desta dissertação.

Sendo religiões objetos de estudos complexos, é natural que haja muitas formas de abordá-la. Há formas conscientes e escolhidas teoricamente para analisar esses e outros objetos, como abordagens sociológicas, psicológicas ou culturalistas, bem como explicitamente da Ciência da Religião, como a histórico-comparativa, e da Teologia, como a sistemática.⁴⁶

Nesse sentido, as abordagens interdisciplinares que apresentaremos a seguir estão diretamente ligadas com a base epistemológica de um estudo sobre o fenômeno religioso, pois a Ciência da Religião e, especificamente, o fenômeno religioso enquanto objeto de pesquisa,

⁴⁴ LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 35-86

⁴⁵ Segundo Carlos Skliar, “trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”. Para mais, ver: SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: _____, Carlos (Org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

⁴⁶ COSTA; MARCHINI, 2017, p. 15.

necessita de uma linha colaborativa de muitos saberes, haja vista a pluralidade de suas manifestações.

Dessa forma, o século XXI nos apresenta um leque de produções intelectuais. Durante o levantamento bibliográfico pudemos constatar que a linguista Germana Fontoura Holanda Hortêncio descreve uma visão geral da situação da interpretação em Libras em Fortaleza/CE, observando como tem sido realizada a partir do fenômeno religioso no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová. Essa pesquisa tem como objeto de estudo a comunicação religiosa, campo que se apresenta com grande complexidade nas pesquisas contemporâneas e no qual se podem aferir práticas e resultados de considerável impacto e influência no cotidiano de uma comunidade.⁴⁷

Esta autora efetuou um mapeamento dos modos como são realizados os procedimentos comunicacionais a partir do processo de tradução/interpretação de Língua Portuguesa para Libras no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová de Fortaleza/CE e as concepções que sustentam as decisões que são tomadas com relação a conteúdo e veiculação de mensagens, os recursos com que são produzidos os materiais, os programas a que estão vinculados e os defeitos que se fazem notar. Hortêncio concluiu informando “que os intérpretes abandonaram o uso do português sinalizado em favor do uso da Libras.”⁴⁸

Ainda sob o viés da linguística, Nilce Maria da Silva em sua Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas –

UNICAMP, para obtenção do título de Doutora em Linguística intitulada *Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: constituição e formulação*. Ela discute que um conjunto composto por quatro dicionários religiosos ampliam o léxico da Libras uma vez que foram distribuídos pelo Brasil, com o intuito de ensinar Surdos e ouvintes a se relacionar, quebrando a barreira da comunicação. No quarto capítulo da tese, intitulado *Dicionários de Língua(gem) de Sinais (das mãos): a discursividade religiosa no “réveil des sourds” do Brasil*, a autora aborda que as formulações dos dicionários filiam-se a um discurso religioso: obra de catequese e de língua.

A questão é que o trabalho gramatical sempre tem uma finalidade ‘prática’, como diz Auroux. No caso da língua dos surdos, nesse período, como na dos índios na época da colonização, essa finalidade era a catequese. Isto é, obra de língua para a catequese e para a comunicação.

[...] Esses dicionários de língua de sinais do Brasil foram produzidos na segunda metade do século XX e, como no período colonial, a religião (a conversão) era uma

⁴⁷ HORTÊNCIO, Germana Fontoura Holanda. *Um estudo descritivo do papel dos intérpretes de Libras no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová*. Fortaleza: UECE/PosLA, 2005.

⁴⁸ HORTÊNCIO, 2005, p. 6.

questão central na gramatização, estabelecendo um lugar outro para dizer, por outra língua, para novos sujeitos, os sujeitos surdos.⁴⁹

No campo da Teologia, encontramos duas obras. A primeira de autoria da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil – CNBB, lançada em 2006, intitulada *Pastoral dos Surdos rompe desafios e abraça os sinais do Reino na Igreja do Brasil*⁵⁰, publicado pela editora Paulinas. Por pastoral dos Surdos a CNBB descreve no livro que:

A Pastoral dos Surdos é formada por surdos de diferentes faixas etárias, por famílias constituídas, jovens e idosos. É uma comunidade aberta a todos. Junto da comunidade de surdos, estão sacerdotes e religiosos, ouvintes e intérpretes dedicados à evangelização, à catequese e às celebrações litúrgicas. Além da dimensão comunitária cristã, diversas atividades são realizadas, sempre visando ao crescimento, à inclusão e ao bem-estar dos surdos.⁵¹

A Pastoral dos Surdos foi oficializada no Brasil no ano de 1950 sob o impulso do Padre Eugênio Oates e do Monsenhor Surdo Vicente Penido Bunier e, até a época de lançamento do livro, já totalizava mais de 200 comunidades espalhadas pelo Brasil.

A segunda obra se trata da dissertação de mestrado de Luís Sérgio Damasceno de Souza, apresentada ao Centro Universitário Assunção Pontifícia Universidade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, intitulada *Desafios e propostas éticas na acolhida eclesial à pessoa surda*.⁵²

A relevância dessas duas obras se encontra no levantamento histórico da exclusão e inclusão de Surdos em contextos religiosos e sociais e a afirmação de que a Igreja Católica, por meio de algumas congregações, já assumem perspectivas de inclusão de Surdos pelo viés da cultura Surda, evidenciando o caráter missionário transcultural, principalmente ao reforçar a presença do tradutor-intérprete de Libras nos rituais. Ressalta-se, porém, no discurso abaixo as dificuldades de dialogar com algumas congregações no sentido de sensibilizá-las para a inclusão de Surdos.

[...] nós sabemos e entendemos que nem todas as paróquias têm mediação necessária para realizar esta acolhida, e saber de que acolhida se trata, entretanto, há algumas paróquias onde a pastoral do surdo se faz presente, assim como a língua de sinais, sendo inclusive a Missa para eles. Existem as Congregações e as Instituições que se interessam por esta atividade, entretanto, acreditamos não ser necessário que a pessoa surda faça essa longa caminhada até as instituições, pois existe uma igreja

⁴⁹ SILVA, 2011, p. 165.

⁵⁰ CNBB. *Pastoral dos surdos rompe desafios e abraça os sinais do reino na igreja do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2006.

⁵¹ CNBB, 2006, p. 21.

⁵² SOUZA, Luís Sérgio Damasceno de. *Desafios e propostas éticas na acolhida eclesial à pessoa surda*. São Paulo: IESP / PFTNSA, 2006.

próxima com sensibilidade, cuidado e atenção e com possibilidades de acolhê-las na paróquia, na catequese, no grupo⁵³

Dessa maneira, as duas obras no campo da Teologia levantam a possibilidades de discussões mais aprofundadas sobre as tensões e conflitos gerados entre as modalidades de comunicação – oral e espaço-visual – dentro do contexto eclesial, onde muitos defensores de uma visão colonialista não cultivam o diálogo e promovem trabalhos a partir de uma política mais voltada para a oralização, apontando que “a discriminação ainda persiste”⁵⁴ no meio eclesial.

No campo da Ciência da Religião – CR, Janaina Aguiar Peixoto desenvolveu uma pesquisa de mestrado focalizada num grupo de Surdos de João Pessoa/PB que se auto declararam entre católicos, evangélicos e sem religião. Em sua dissertação, buscou-se a significação do sagrado nas religiões sob o viés da cultura Surda, através de um estudo linguístico sobre o vocabulário utilizado nas religiões, partindo do pressuposto que as religiões performatizam comportamentos nas culturas. O vocabulário religioso analisado foi composto de dez signos, a saber: Santo, Deus, Céu, Diabo, Alma, Morte, Pecado, Fé, Oração e Amor. A pesquisa aponta para as variações linguísticas das terminologias de acordo com a matriz religiosa.⁵⁵ Sobre essas variações Oliveira Junior, Santiago-Vieira & Ribeiro diz que estas se constroem

[...] a partir da visão de sagrado do ‘eu’ individual e coletivo, transformando-se em valores religiosos que são transmitidas através dos vários mecanismos de comunicação. Para o [...] Surdo, esse fato também ocorre a partir desse processo, só que a base do mecanismo de compreensão sustenta-se na observação visual, pois este é o fator chave que permite a criação de associações entre os elementos, principalmente para relacionar o sagrado e o terreno.⁵⁶

Dessa maneira, o surgimento das variações linguísticas das terminologias de acordo com a matriz religiosa, compreende-se, pois o *homo religiosus*⁵⁷ possui formas distintas de entender o sagrado a partir dos ensinamentos que são transmitidos no grupo religioso. Logo, para o *homo religiosus* Surdo, esses ensinamentos adquiridos também são assimilados pelas vivências no cotidiano dos espaços sagrados, mas sucede-se de acordo com a sua percepção

⁵³ SOUZA, 2006, p. 93.

⁵⁴ CNBB, 2006, p. 64.

⁵⁵ PEIXOTO, Janaina Aguiar. *O conceito de sagrado em surdos congênitos: um estudo na Língua Brasileira de Sinais*. João Pessoa: UFBP/PPGCR, 2011.

⁵⁶ OLIVEIRA JUNIOR, Sérgio Maurício de; SANTIAGO-VIEIRA, Silvio; RIBEIRO, Jakson dos Santos. Identidade religiosa do médium Surdo no Terreiro de Mina Jeje Nagô Huevy em Belém-PA. In: *Revista Periferia*, v. 10, n. 1, p. 100-119, jan/jun. 2018.

⁵⁷ Sob o viés do pensamento histórico-religioso com caráter laico o *homo religiosus* é aquele que possui o sagrado enraizado na percepção de seu grupo social, ou seja, na cultura.

visuo-espacial. Sendo assim, essa configuração de variações linguísticas está pautada em ensinamentos de cada cosmovisão analisada e organizada da maneira que possam expressar representações simbólicas do sagrado e “atribuir uma função ao espaço sagrado, *geografizando*, assim, sua prática religiosa.”⁵⁸ Esse processo se estabelece como um ritual.

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição).⁵⁹

O “sentido” parte da essência do sagrado, em toda ação do divino, de sua importância para o individual e para o coletivo. O “saber” é transmitido pela experiência com as práticas diárias no âmbito religioso no qual se está inserido e, a “expressividade” se apresenta nas várias representações do sagrado através dos ritos, que ligam o terreno e o divino.

Outro estudo nas CR foi a dissertação de Marissandra Silva Freitas, onde analisou o trabalho de inclusão de Surdos em igrejas cristãs de Belo Horizonte, tendo como base a atuação das instituições Pastoral do Surdo de Belo Horizonte (Igreja Católica) e Ministério Ephatá (Igreja Batista).⁶⁰

Dessa forma a autora discute “as relações entre o fato religioso (igreja) e as demandas sociais dos surdos enfatizando as correlações entre religião, cultura, identidade Surda e cidadania.”⁶¹ A pesquisa aponta para uma questão de ordem social, que é a inclusão, tendo as igrejas cristãs papel relevante, pois “contribui para perpetuar, no imaginário religioso, a possibilidade de inclusão social a partir da inclusão religiosa”, principalmente em razão dos laços que esta vertente religiosa (sobretudo o Catolicismo) possui com outras formas de poder, em especial o poder político.

Abordada pela Antropologia Social, a religião e surdez foi objeto de um estudo etnográfico que compõe a tese de doutorado do antropólogo César Augusto de Assis Silva intitulado *Entre a deficiência e a cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de

⁵⁸ GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Orgs.). *Compêndio da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013, p. 282.

⁵⁹ PEIRANO, Mariza. *Rituais Ontem e Hoje*. São Paulo: Jorge Zahar, 2003.

⁶⁰ FREITAS, Marissandra Silva. *Religião e inclusão social em Belo Horizonte*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, 2016.

⁶¹ FREITAS, 2016, p. 7.

São Paulo – USP, o qual avança nesse campo ao analisar o processo de constituição da surdez como particularidade étnico-linguística. Em seus escritos, “a surdez é concebida como um efeito de configurações discursivas de saber-poder. [...] O poder sobre estes sujeitos produz saber, o qual reforça as mesmas relações de poder.”⁶² O estudo, com a intuito de demonstrar como as diferenças entre Surdos e ouvintes são produzidas, no que tange língua e cultura, focou nos aspectos performativos que compõem os rituais das instituições Católica, Batista e Testemunha de Jeová. Sua tese tornou-se livro em 2012, publicado pela editora Terceiro Nome.

Desde 2005 Assis Silva vem contribuindo com um relevante número de produções intelectuais sobre a questão da circulação de agentes religiosos em espaços não religiosos (universidades, movimentos sociais de surdos, cursos de Libras e Tradutores Interpretes de Libras/Língua Portuguesa) e, sobretudo, da influência de agentes religiosos para – por parte de uns – a promoção de resistências e permanências ao perfil de anormalidade – por outro lado – o engendramento da surdez, Libras e da Cultura Surda, em artigos individuais ou assinados com outros pesquisadores do – Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo NAU/USP. Suas produções com foco nos movimentos religiosos de pessoas Surdas compõem o quadro abaixo:

CATEGORIA	ORDEM	PRODUÇÃO INTELECTUAL
REVISTA	01	ASSIS SILVA, César Augusto. A constituição da língua brasileira de sinais: considerações sobre a missão protestante com surdos. <i>Revista Sures</i> , v. 3, p. 1-14, 2014.
	02	ASSIS SILVA, César Augusto. O papel de agentes religiosos na surdez: considerações sobre a constituição da cultura surda. <i>Espaço</i> (Rio de Janeiro. 1990), v. 39, p. 5-16, 2013.
	03	ASSIS SILVA, César Augusto. Igreja Católica e surdez: território, associação e representação política. <i>Religião & Sociedade</i> (Impresso), v. 32, p. 13-38, 2012.
	04	ASSIS SILVA, César Augusto. As congregações em língua de sinais das Testemunhas de Jeová: a universalidade do Governo do Reino de Deus e a particularidade das línguas. <i>Debates do NER</i> (UFRGS. Impresso), v. 20, p. 121-144, 2011.
	05	ASSIS SILVA, César Augusto; TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Entre a “cultura surda” e a cura da surdez: análise comparativa das práticas da Igreja Batista e da Igreja Internacional da Graça de Deus. <i>Cultura y</i>

⁶² ASSIS SILVA, 2012, p. 24.

		<i>Religi3n</i> (En l3nea), v. II, 3, p. 1-17, 2008.
LIVRO	01	ASSIS SILVA, C3sar Augusto. <i>Cultura Surda: agentes religiosos e a constru3o de uma identidade</i> . 1. ed. S3o Paulo: Terceiro Nome, 2012. v. 1. 248p.
CAP3TULO DE LIVRO	01	ASSIS SILVA, C3sar Augusto. Controv3rsias sobre a educa3o de surdos no Plano Nacional de Educa3o. In: MONTERO, Paula. (Org.). <i>Religi3es e controv3rsias p3blicas: experi3ncias, pr3ticas sociais e discursos</i> . 1ed. S3o Paulo; Campinas: Terceiro Nome; Editora da Unicamp, 2015, v. , p. 97-125.
	02	MAGNANI, Jos3 Guilherme Cantor; ASSIS SILVA, C3sar Augusto; TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. As festas juninas no calend3rio de lazer de jovens surdos na cidade de S3o Paulo. In: LUCENA, C3lia Toledo; CAMPOS, Maria Christina de Souza. (Org.). <i>Quest3es ambientais e sociabilidades: 34º Encontro de Estudos Rurais e Urbanos (16 a 18 maio 2007)</i> . S3o Paulo: Humanitas, 2008, p. 55-76.
	01	ASSIS SILVA, C3sar Augusto. O papel de agentes religiosos na surdez: considera3es sobre a constitui3o da cultura surda. In: <i>III Semana Pedag3gica "Educa3o: pol3ticas p3blicas, pesquisa e pr3ticas docentes em diferentes contextos s3cio-culturais"</i> (Anais), Rio de Janeiro, Departamento de Ensino Superior do INES, 2011, p. 1-24.
	02	ASSIS SILVA, C3sar Augusto. Agentes da surdez em circula3o: media3o entre dom3nios laicos e religiosos. In: <i>XVI Jornadas sobre Alternativas Religiosas em Am3rica Latina</i> (Anais), 2011, Punta del Este, 2011, v. 1, p. 1-20.
	03	ASSIS SILVA, C3sar Augusto. Esfera p3blica e defici3ncia: normas e associa3o civil na Igreja Cat3lica. In: <i>II Encontro Nacional de Antropologia do Direito</i> (Anais), S3o Paulo, USP, 2011. p. 1-15.
	04	ASSIS SILVA, C3sar Augusto. Da falta 3 diferen3a no espa3o p3blico: considera3es sobre a miss3o crist3 voltada para a surdez. In: <i>26ª Reuni3o Brasileira de Antropologia</i> (Anais), Porto Seguro-BA, 2008.
ANAIS	05	ASSIS SILVA, C3sar Augusto. A cura espiritual da surdez: considera3es sobre a experi3ncia batista. In: <i>13º Encontro de Ci3ncias Sociais do Norte Nordeste. II Encontro de Antropologia Visual em Alagoas</i> (Anais), Macei3 - AL, 2007.
	06	ASSIS SILVA, C3sar Augusto; TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Povo a converter ou povo a ser curado: an3lise comparativa de duas experi3ncias mission3rias protestantes com surdos. In: <i>VII Reuni3o de Antropologia do Mercosul</i> (Anais), Porto Alegre - RS, 2007. v. 1.
	07	ASSIS SILVA, C3sar Augusto. Da miss3o 3 profiss3o: produzindo novas experi3ncias da surdez. In: <i>2º Encontro de profissionais</i>

tradutores/intérpretes de língua brasileira de sinais do Mato Grosso do Sul (Anais), APILMS, 2006. v. 1. p. 46-56

-
- 08 ASSIS SILVA, César Augusto. O trabalho missionário com surdos na Igreja Batista. In: *ALER - Asociación Latinoamericana para el Estudio de las Religiones. Congreso Latino-Americano sobre Religión e Etnicidade* (Anais), São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.
-

Quadro 2: Produções de Assis Silva sobre os movimentos religiosos de Surdos no Brasil.

Dessa forma, o Quadro 2 apresenta que ao longo das décadas de 2000 e 2010, os trabalhos de Cesar Augusto de Assis Silva se destacam na sistematização do campo de estudo sobre a Religião e Surdez. Não faremos a análise de cada uma das obras listadas, pois a tese doutoral do referido autor apresenta um panorama-síntese dos conhecimentos que compõem cada das suas produções acadêmico-científica citadas.

O pesquisador dos Estudos da Tradução Brenno Barros Douettes, discutiu a terminologia religiosa em Libras com foco na Léxico-terminologia, à luz das explicações semânticas e conceituais. Para esta pesquisa, foram selecionados três manuais, um da religião Católica - Linguagem das Mãos, um da religião Evangélica (denominação Batista) - Clamor do Silêncio e outro das Testemunhas de Jeová - Linguagem de Sinais sendo extraídos os termos religiosos neles presentes e, posterior análise desses sinais-termos para refletir sobre a interferência cultural de cada religião no processo de tradução dos léxicos do Português para Libras.⁶³

Douettes apresentou uma tabela síntese comparativa entre os sinais-termos encontrados nas três obras e criou um glossário contendo 93 sinais-termos bíblicos, a partir da categoria “Personagens bíblicos e sua história”, que vêm acompanhados de seus respectivos conceitos e exemplos, todos listados no menu do DVD e possuem uma versão *web*.

Voltando nossos olhares para as produções sobre Religião e Surdez na Amazônia, um marco do estudo em Belém/PA é a pesquisa do cientista da religião Ozivan Perdigão Santos. Neste estudo foi realizado um levantamento sobre o histórico de evangelizações inclusivas em instituições de Belém do Pará, além de observar a nível de Brasil, a inclusão de Surdos em comunidades religiosas no sentido de propor a compreensão deste fenômeno social. O objetivo foi estudar o aprendizado da religiosidade através da Libras enfocando os sinais bíblicos, tendo como *locus* da pesquisa a Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Igreja

⁶³ DOUETTES, Brenno Barros. *A tradução na criação de sinais-termos religiosos em Libras e uma proposta de organização de um glossário terminológico semibilíngue*. Florianópolis: UFSC/PGET, 2015.

Evangélica Assembleia de Deus – Templo Central e Salão do Reino das Testemunhas de Jeová do bairro Marco.⁶⁴

Santos analisou que as instituições buscam por meio da evangelização, aproximar-se dos Surdos usando a Libras, que se constitui em uma comunicação visual-motora, com o objetivo de possibilitar-lhes o acesso ao estudo, às práticas e cultos religiosos, porém as evangelizações se tornam mais difíceis para com a representatividade do fenômeno religioso para público em questão devido a carência de interpretes e recursos didáticos para o trabalho com Surdos, tornando essa evangelização não inclusiva. Ele também aponta a resistência por parte dos ouvintes e de líderes religiosos em relação aos Surdos e ao trabalho de evangelização e, também, levanta discussões sobre o trânsito religioso de Surdos.

Nos anos de 2012 e 2017, Santos publicou artigos em Anais de eventos científicos com foco nas linguagens da religião em Libras. O primeiro intitulado *Os símbolos bíblicos e a variação lexical da Libras em comunidades religiosas de Surdos*⁶⁵, publicado no II Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística e o segundo *Aspectos linguísticos e histórico-religiosos da Língua Brasileira de Sinais em Belém do Pará: de 1990 a 2010*⁶⁶ publicado no I Congresso Internacional de Letras.

Nessas pesquisas, Santos teve como um dos aspectos investigados: i) Os (as) Surdos (as) aprendem e representam a religiosidade por meio de Libras e os Sinais bíblicos; ii) as sincrônicas, as iconicidades e as arbitrariedades existentes na Libras como elementos de ressignificação do sagrado; iii) as instituições religiosas buscam por meio da evangelização, aproximar-se dos Surdos (as), usando Libras, com o objetivo de possibilitar-lhes o acesso à inclusão, as práticas culturais e religiosas, entretanto, ainda existem muitas ações que são de responsabilidades governamentais, praticadas nesses espaços sagrados, em relação às pessoas Surdas as quais são: o acesso a saúde, a assistência social e a educação básica.

Também, consideramos a produção intelectual de Janaína Torres Monteiro, a qual estudou a forma como as pessoas com surdez compreendem o fenômeno religioso através da Libras enfocando nas palavras religiosas, consideradas sagradas, a saber: fé, amor, Deus, pecado e céu. O estudo foi realizado em Belém/PA com o Ministério do Silêncio Mãos e

⁶⁴ SANTOS, Ozivan Perdigão dos. *Evangelização Inclusiva em Instituições Cristãs: o uso de Libras*. Belém: UEPA, 2006.

⁶⁵ SANTOS, Ozivan Perdigão. Os sinais bíblicos e variação lexical da Libras em comunidades religiosas de surdos. In: *II Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística, 2012, Belém. Anais II Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística* (Anais). São Luiz: Editora da Universidade Federal do Maranhão - EDUFMA, 2012. v. 2. p. 1943-1952.

⁶⁶ SANTOS, Ozivan Perdigão. Aspectos linguísticos e histórico-religiosos da Língua Brasileira de Sinais em Belém do Pará: de 1990 a 2010. In: *I Congresso Internacional de Letras* (Anais), Bacabal. Pedro e João Editora, 2017, v.1, p. 1602-1615.

Adoração da Primeira Igreja Batista do Pará (PIBPA). A pesquisa apontou que o fenômeno religioso pode ajudar na inclusão dos Surdos, fazendo com que os mesmos atuem ativamente nos cultos religiosos dessa comunidade e que a Libras pode ajudar no processo de comunicação entre Surdos e ouvintes através da evangelização.⁶⁷

Uma pesquisa no campo da Ciência da Religião Aplicada – Ensino Religioso (ER) – foi desenvolvida pelo do cientista da religião Paulo Henrique Gomes Nunes que objetivou promover o diálogo entre o ER na perspectiva da Educação Inclusiva através da Libras para alunos Surdos. Dessa pesquisa, foi produzido um material didático em forma de vídeos (em DVD) o qual foi denominado *Vídeopédia em Libras* (uma enciclopédia em forma de vídeos), tendo como abordagem o fenômeno religioso, que visa auxiliar na formação dos alunos do curso de Ciências da Religião, a partir do aprendizado de sinais-terminos religiosos e o estabelecimento de um diálogo religioso com possíveis alunos Surdos durante o exercício da profissão.⁶⁸

Abordada pela Sociologia, a temática da Religião e Surdez teve reservado um capítulo intitulado *Religião, limites e possibilidades para o Surdo* da tese de doutorado do sociólogo Ronaldo Manasses Rodrigues Campos onde analisou-se as culturas e as trajetórias dos Surdos em Macapá/AP.⁶⁹ No capítulo em questão, o autor busca refletir sobre a problemática “que conceitos os surdos constroem sobre a religião, como vêm este processo místico e sobrenatural?”⁷⁰

A partir das pesquisas de campo com os Surdos (todos de religiões de matriz protestante), surgiram indagações por parte dos sujeitos pesquisados (ao visitarem a casa de um professor que é membro do Candomblé) sobre o Candomblé. Dessa forma, Rodrigues Campos sentiu a necessidade de criar um glossário de sinais-terminos do Candomblé da Nação *Jeje Savalú*. Ele finaliza o capítulo tratando que:

A religião ainda é uma grande incógnita para os Surdos. Mesmo nas que estes recebem certa atenção, ainda assim são muitas performances e que na maioria das vezes, o Surdo não as compreende. A mudança é necessária, a atitude de indiferença vista em vários momentos da trajetória de Surdos na religião demonstra o quanto esta população ainda é estigmatizada.⁷¹

⁶⁷ MONTEIRO, Janaína Torres. *A Religião do Silêncio: uma análise sobre as palavras religiosas interpretadas na Libras*. Belém: UEPA, 2009.

⁶⁸ NUNES, Paulo Henrique Gomes. *Ensino Religioso e a Língua Brasileira de Sinais*. Belém: UEPA, 2015.

⁶⁹ RODRIGUES CAMPOS, Ronaldo Manassés. *Ecos do Silêncio: culturas e trajetórias de surdos em Macapá*. Fortaleza: UFC/PPGSOL, 2016.

⁷⁰ RODRIGUES CAMPOS, 2016, p. 90.

⁷¹ RODRIGUES CAMPOS, 2016, p. 119.

Vale destacar que em outubro de 2016, foi criado em Belém/PA, o Grupo de Estudos Surdos e Interfaces – GESI, vinculado ao Instituto de Educação e Cultura do Pará – IEPA. Este grupo possui uma linha de estudos denominada *Religião e Surdez*. O GESI tem contribuído com pesquisas sobre o fenômeno religioso para Surdos, analisando esses sujeitos inseridos nas diversas cosmovisões com perspectivas inclusivas existentes no centro urbano da região metropolitana de Belém, em especial a religião Tambor de Mina, o Espiritismo, além das outras instituições religiosas de diversas correntes do cristianismo.

Como frutos acadêmico-científicos deste grupo surgiram algumas pesquisas. O primeiro artigo assinado por Diego Jonatas Carvalho Dias & Silvio Santiago-Vieira intitulado *Corpo Surdo Também recebe Orixá: um estudo de caso*⁷², onde os autores desenvolvem uma análise da religião afro-brasileira Tambor de Mina e do processo de agregação, comunicação e o transe/possessão do médium Surdo no cenário do Terreiro Casa Grande de Mina *Jêje-Nagô de Toy Lissá e Abê Manja Huevy*. A pesquisa aponta que o processo de inclusão de Surdos nas religiões afro-brasileiras não é algo ordinário pela grande maioria das casas de culto, ressaltando que não é dos tempos hodiernos a inclusão social de pessoas com deficiência na religião, contudo, essa questão ainda é pouco desvendada, principalmente quando se trata da cultura religiosa afro-brasileira, incluindo o Surdo nesse contexto. Os autores buscaram compreender o fenômeno do transe no indivíduo pesquisado tendo concluído que o símbolo do transe pode ser visto como algo que integra o Surdo e lhe confere uma condição de destaque no rito e no ambiente do terreiro.

O segundo artigo intitulado *Diálogos entre a formação inicial em Ciências da Religião e a Libras: um estudo de caso*.⁷³ Uma produção com perspectivas da Ciências da Religião Aplicada. A pesquisa foi realizada com alunos do Curso de Licenciatura em CR da UEPA. Tratou-se de um estudo com abordagem qualitativa que, à luz da análise do discurso buscou verificar quais as principais dificuldades encontradas pelos graduandos em CR para o trato com o aluno Surdo incluído nas aulas de ER. A pesquisa aponta para estratégias que devem ser observadas nessa relação dialógica professor-aluno.

Outro produto do grupo foi a produção assinada por Oliveira Junior, Santiago-Vieira & Ribeiro denominado *Identidade religiosa do médium Surdo no Terreiro de Mina Jeje Nagô Huevy em Belém – Pará*⁷⁴, tendo sido publicado na Revista Periferia. A presente pesquisa

⁷² DIAS, Diego Jonatan Carvalho; SANTIAGO-VIEIRA, Silvio. Corpo Surdo Também recebe Orixá: um estudo de caso. In: *Revista Alpha*, v. 18, p. 27-40, ago/set. 2017.

⁷³ SANTIAGO-VIEIRA, Silvio; DIAS, Diego Jonata Carvalho. Diálogos entre a formação inicial em Ciências da Religião e a Libras: um estudo de caso. In: *Unitas*, v. 5, n. 2, p. 293-307, ago/dez. 2017.

⁷⁴ OLIVEIRA JUNIOR, SANTIAGO-VIEIRA; RIBEIRO, 2018.

teve como objetivo compreender a representação simbólica das guias (Ogum, Iemanjá e Xangô) na construção da identidade religiosa do médium Surdo na *Casa Grande de Mina Jeje Nagô de Toy Lissá e Abê Manjá Huevy*, pertencente ao Tambor de Mina.

Para o desenvolvimento do trabalho foi aplicado o método fenomenológico. Nesse sentido, observou-se que a identidade religiosa do indivíduo estudado é constituída de inúmeros fatores, sendo que as guias e a sua representação simbólica, configuram-se como um fator principal na constituição identitária do médium Surdo, visto a sua percepção visuo-espacial. Eles concluem que as guias são elementos simbólicos que institui ao médium Surdo uma significação religiosa para o entendimento da sua identidade, pois a espiritualidade desse sujeito pesquisado é evidenciada com o uso das guias para confirmação das suas práticas religiosas no terreiro no qual ele está inserido.

Dessa maneira, no século XXI, como demonstram as pesquisas apresentadas, é perceptível a variedade de campos do saber em que a Religião e Surdez vêm sendo abordada como objeto de estudo. Seja qual for a área, essas pesquisas tomam como base uma análise do Surdo e da Surdez a partir das vertentes: antropológica, fenomenológica, sociológica, linguística, etc., que permite analisar os fenômenos religiosos que se engendram a partir do sujeito Surdo, enquanto indivíduo com particularidades étnico-linguísticas.

1.3 O “lugar” das pesquisas sobre religião e surdez

Como demonstram as pesquisas elencadas anteriormente, as instituições religiosas, tornaram-se, a partir da década de 1960 espaços de acolhimento de Surdos e também agentes de configurações de saber sobre a relação do indivíduo Surdo com o sagrado. Dessa maneira, este capítulo identificou as características das pesquisas em Religião e Surdez a partir da análise da atividade científica com foco: i) movimentos religiosos com pessoas Surdas em espaços urbanos; ii) na discursividade religiosa em Libras; iii) nas experiências religiosas de Surdos.

Sendo assim, esta abordagem atentou para o proposto no documento *Orientações para APCN – 2016/CAPES* (Área de Avaliação 44/2016), referente ao campo da ciência da religião e da teologia, que caracteriza os cientistas das religiões como aqueles que debruçam suas investigações sobre “o fato religioso, a experiência religiosa, os fenômenos, as

experiências, os conteúdos, as expressões, os textos, as tradições, as linguagens, as culturas religiosas e as tradições de sabedoria, considerados em perspectiva externa.”⁷⁵

Para tanto foi realizado um levantamento de obras publicadas no século XX e XXI no Brasil com a intenção de gerar discussões que emergem no seio acadêmico-científico de distintas áreas que utilizam os estudos das Religiões a partir do uso da Libras em ambientes sagrados, assim como consideraram as especificidades do fenômeno religioso para Surdos, demonstrando que o campo de produções intelectual e científica tem crescido. Esse impulso no campo da pesquisa sobre religião e surdez se deu, principalmente, em razão do crescente surgimento de trabalhos com propostas inclusivas para surdos nos mais diversos espaços sagrados.

Nessa perspectiva, observou-se que é relativamente recente nos estudos das religiões, a produção de saber-poder sobre um grupo que outrora era excluído de acessar as cosmovisões em razão de barreiras linguísticas: os Surdos.⁷⁶

A categoria *surdos* emergiu como legítima para nomear o grupo, cuja existência uma grande quantidade de agentes afirma e performatiza. Apesar de bastante naturalizada atualmente, o uso que se faz dela, indicando um grupo que possui *língua, cultura e história* particulares, é bastante recente. [...] Contudo, apesar da categoria *surdos* ser utilizada quase com unanimidade entre os agentes [...] religiosos [...], em certos contextos, a categoria *deficiente auditivo* é mais legítima, sobretudo em âmbitos do Estado que tratam da questão da *deficiência* em geral (Saúde, Educação e Trabalho, entre outros).⁷⁷

Um fator de destaque para a emergência de novos olhares sobre os Surdos por parte das cosmovisões e da sociedade em geral, deu-se, pois, este grupo ganhou impulso a partir da promulgação da Lei nº 10.436/2002, também conhecida como Lei da Libras.⁷⁸

No processo histórico, antes da categoria *libras* se estabilizar como legítima, diversas foram as expressões utilizadas para nomear a comunicação gestual-visual atribuída aos *surdos*. Nos anos de 1960, o padre católico Eugênio Oates utilizou os termos *mímicas, gestos e linguagens das mãos* (Oates [1969], 1988). Nos anos 1980, luteranos utilizam a categoria *linguagem de sinais do Brasil* (Hoemann, Oates & Hoemann, 1983). [...] Nos anos 1990, testemunhas de Jeová utilizam *linguagem de sinais* (Testemunhas de Jeová, 1992) e batistas utilizam *linguagem e língua de sinais* (Junta das Missões Nacionais, 1991). A categoria *libras* remonta aos anos 1980 [...],

⁷⁵ Orientações para APCN – 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/52n4Ak>>. Acesso em: 07 set. 2017.

⁷⁶ Conforme defende Sacks, aos que se enquadram nos modelos “audistas” – os surdos que não são culturalmente surdos – são indicados com “s” minúsculo, relativa à surdez auditiva; os “Surdos” com “S” maiúsculo, portanto, são aqueles formadores de uma identidade linguística e cultural. Para saber mais, ver: SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. Trad. Alfredo B.P. de Lemos. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

⁷⁷ ASSIS SILVA, 2012, p. 25-26.

⁷⁸ Reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Para saber mais ver: BRASIL, *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/821803.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

a partir dos anos 1990, torna-se progressivamente a categoria utilizada amplamente por intelectuais e religiosos, até ganhar normatividade jurídica no século XXI.⁷⁹

Segundo o Censo⁸⁰ de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 9,7 milhões de pessoas têm deficiência auditiva e o reconhecimento jurídico da Libras, traz consigo mudanças significativas no cenário religioso para as comunidades Surdas espalhadas em todo Brasil, pois permite ao Surdo o direito de poder expressar o fato religioso, ter experiências com o transcendente em sua língua natural e, também, inferir performances em espaços religiosos a partir do uso dela.

Mas a realidade nem sempre foi esta e ainda está muito longe de ser a ideal no que tange, tornar todos os espaços religiosos em ambientes capazes de promover acessibilidade para Surdos, a partir de um princípio que reconheça as múltiplas identidades que emergem a luz do Surdo e suas particularidades étnico-linguísticas. Ainda hoje, há espaços religiosos, tais como a Igreja Internacional da Graça de Deus⁸¹, a Igreja Mundial do Poder de Deus⁸², a Igreja Missionária Canaã em Bayeux/PB⁸³, respectivamente dirigidas pelos pastores R. R Soares, Valdomiro Santiago e Josimar Lopes, que promovem práticas onde a busca da cura patológica da Surdez está presente no discurso oficial dessas instituições para justificar a inserção dos Surdos nesses espaços. Dessa maneira, “um registro de correção e normalização, produzindo o *effata* por meio da oralização, ou seja, em nada afirmando formas de particularidade étnico-lingüística relativas à surdez”⁸⁴.

Tal prática, “aponta justamente para essa procura por algo detrás da ‘doença e da cura’, que seria ‘o sagrado’ ou ‘a magia’. A dificuldade gerada é que isso não é demonstrável ou simplesmente observável empiricamente”⁸⁵. De outra forma percebemos que isso demonstra que “a exclusão religiosa tem associação direta com a exclusão social. Comprova-se, com isso, que a exclusão religiosa faz parte de um amplo processo de privações que sofre o indivíduo, grupos ou camadas sociais”⁸⁶.

De acordo com Assis Silva, a base para o surgimento de “procedimentos de abertura

⁷⁹ ASSIS SILVA, 2012, p. 28 -29.

⁸⁰ IBGE. *Censo Demográfico*, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

⁸¹ SOARES, RR. *Ele é lindo, é maravilhoso, é nosso amigo*. Youtube, 21 de fev. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iVJ55tr1Kus>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

⁸² PACHECO, B. *RR Soares Orações para Surdos*. Youtube, 20 de abr. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DJdy-yIBdIU>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

⁸³ LOPES, Josimar. *Cura da menina surda e muda de nascença*. Youtube, 3 de ago. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EhMDpg5W3EU>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

⁸⁴ ASSIS SILVA, 2012, p. 63.

⁸⁵ COSTA; MARCHINI, 2017, p. 25.

⁸⁶ PEREIRA, José Carlos. *Religião e Exclusão Social: a dialética da exclusão e inclusão nos espaços sagrados da Igreja Católica*. Aparecida-SP: Santuário, 2009, p. 101.

de corpos surdos”⁸⁷ para a cura da surdez, por exemplo, possui referência no *effata* que significa abrir-se. Trata-se de um milagre bíblico proferido no Evangelho de Marcos 7: 31-37.⁸⁸

[...] essas disciplinas corporais em torno da surdez são transformações históricas do mesmo mito do *effata*, pois todos eles introduzem o corpo surdo em procedimentos de abertura. A surdez é um efeito sempre histórico na exata medida em que o *effata* institucionalizado também o é.⁸⁹

Longe de nós reafirmamos tal prática, pois “escapa do rigor do *agnosticismo metodológico* e do uso de fontes materiais próprios da Ciência da Religião”⁹⁰. A pesar de ainda observamos na contemporaneidade procedimentos colonizadores da língua e cultura de Surdos, onde a “cura” está presente no discurso oficial de algumas instituições que ainda associam a Surdez ao pecado ou a castigos divinos; contrariamente a este modelo, há de se considerar o relevante crescimento de movimentos religiosos com foco nas particularidades étnico-linguísticas destes indivíduos, principalmente após o desenvolvimento dos Estudos Culturais que institucionalizaram uma alegoria do *effata* como uma nova perspectiva de abertura do corpo.

Dessa maneira, este capítulo visou discutir o “lugar” ocupado pela produção de pesquisas urbanas sobre a temática, partindo da constatação da diversidade de temas de interesse das pesquisas no país com este foco.

Em linhas gerais, o presente estudo identificou que, em grande medida, as pesquisas cuja linha envolve saberes da linguística estão ligadas a gênese das produções acadêmico e científicas sobre Religião e Surdez, mas é salutar analisar que estes estudos abriram outros caminhos para pesquisas com temas diversificados situados, preferencialmente, em contextos religiosos urbanos, conforme mostra o Quadro 03.

⁸⁷ ASSIS SILVA, 2012, p. 39.

⁸⁸ A seguir Jesus saiu dos arredores de Tiro e atravessou Sidom, até o mar da Galileia e a região de Decápolis. Ali algumas pessoas lhe trouxeram um homem que era surdo e mal podia falar, suplicando que lhe impusesse as mãos. Depois de levá-lo à parte, longe da multidão, Jesus colocou os dedos nos ouvidos dele. Em seguida, cuspiu e tocou na língua do homem. Então voltou os olhos para o céu e, com um profundo suspiro, disse-lhe: “Efatá!”, que significa “abra-se!” Com isso, os ouvidos do homem se abriram, sua língua ficou livre e ele começou a falar corretamente. Jesus ordenou-lhes que não o contassem a ninguém. Contudo, quanto mais ele os proibia, mais eles falavam. O povo ficava simplesmente maravilhado e dizia: “Ele faz tudo muito bem. Faz até o surdo ouvir e o mudo falar”. Ver: MARCOS 7, 31-37. In: *A Bíblia Sagrada*. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/marcos_7/>. Acesso em: 07 ago. 2017

⁸⁹ ASSIS SILVA, 2012, p. 39.

⁹⁰ COSTA; MARCHINI, 2017, p. 25.

ÁREAS	RELIGIÃO/AMBIENTE	TIPOLOGIA	LINHA DE PESQUISA/ESCOLA
Linguística	Catolicismo	Discursividade religiosa em Libras	Linguagem da Religião
	Protestantismo histórico		
	Candomblé – Nação <i>Ketu</i>		
	Candomblé – Nação <i>Jeje</i> <i>Savalú</i>		
	Tambor de Mina – Nação <i>Jeje Nagô</i>		
Estudos de tradução	Catolicismo		
	Protestantismo histórico		
Educação	Catolicismo	Religião, Arte e Educação	Linguagem pictórica da Religião
Sociologia	Catolicismo	Experiências religiosas de Surdos.	Abordagem Interdisciplinar da Religião e Cultura
	Protestantismo histórico		
	Camdomblé – Nação <i>Jeje Savalú</i>		
Antropologia	Catolicismo		Religião e Cultura
	Protestantismo histórico		
Teologia	Catolicismo	Movimentos religiosos com pessoas Surdas em espaços urbanos	Teologia e Igreja Cristã
	Catolicismo		
Ciência da Religião	Protestantismo Pentecostal		Religião e Cultura /
	Protestantismo Histórico	Experiências religiosas de Surdos.	Fenomenologia da Religião
	Tambor de Mina -Nação <i>Jeje Nagô</i>		Fenomenologia da Religião

Quadro 03: Formação histórica do campo (restrito as fontes brasileiras).

A verificação de um significativo arcabouço de trabalhos não enquadrados nos domínios tradicionais da análise do fenômeno religioso – que tomam o indivíduo ouvinte como objeto de investigação – e que transitam em um sujeito com aspectos e cultura não hegemônica devem levantar questionamentos ao campo da Ciência da Religião sobre a

necessidade de surgirem mais pesquisas sobre o fenômeno religioso com foco em indivíduos Surdos.

Dessa forma podemos considerar que os resultados desses estudos apontam que as condições de vida do sujeito Surdo atribuem novas perspectivas ao estudo desses temas, ampliando a visão que se tem sobre esses indivíduos e oportunizando visibilidade nos campos de estudo voltados a religião com interfaces na cultura, identidade, discursividades, história, territorialidade, espaço, entre muitas outras que precisam estudar os fenômenos que se particularizam a partir da relação religião e surdez.

Sendo assim, esta pesquisa corrobora com o pensamento de Frank Usarski quando diz que “Ciência da Religião refere-se a um empreendimento acadêmico que [...] dedica-se de maneira não normativa ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais.”⁹¹

Logo, este estudo, pautado nos preceitos das Ciências das Religiões, seguindo perspectivas éticas⁹², desenvolveu uma investigação histórico-científica, pautada em contextos socioculturais-religiosos de pessoas Surdas. Observamos uma significativa produção intelectual que consideramos relevante de ser incluída na *episteme* hodierna da Religião e Inclusão a partir da criação de uma interface na religião e Surdez. Esta interface vem desenvolvendo um *corpus* teórico que poderá subsidiar a constituição de um campo de estudos no Brasil com foco nos movimentos religiosos que envolvem pessoas Surdas.

⁹¹ USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 51.

⁹² USARSKI, 2013, p. 51.

2 ESPAÇO SAGRADO ENQUANTO RECORTE DA CULTURA SURDA

Este capítulo discutirá a concepção teórica, pertinente ao nosso objeto de estudo. Dessa forma, para compreensão desta pesquisa nos moldes do campo dos Estudos Culturais – Estudos Surdos – e da Geografia da Religião é necessário explicitar algumas categorias conceituais que julgamos relevantes, a saber: 1. Estudos Culturais – categorias conceituais: i. Cultura Surda; ii. Identidades Surdas; iii. Língua Brasileira de Sinais - Libras. 2. Geografia da Religião – categorias conceituais: i. Território/Territorialidade (poder); ii. Espaço Sagrado como forma simbólica; iii. Identidade Religiosa.

Esses conceitos aparecem no texto de forma não-linear e dialógica, pois é preciso pensar que a relação indivíduo Surdo e Espaço Sagrado, segundo Sylvio Fausto Gil Filho assumem os valores simbólicos que emergem do território e criam as relações de identidade e pertencimento e, por conseguinte, ações que apresentam o sentimento de pertença.⁹³ Também, partimos de uma fundamentação teórico-conceitual como um diálogo constante com a antropologia, a geografia e a sociologia na intenção de operar uma epistemologia fundante da Geografia da Religião, sobretudo sobre o espaço sagrado com ações para Surdos e dos aspectos da identidade religiosa que emergem em contexto territorial e linguístico. Sobre o assunto, David Shoper *apud* Gil Filho reflete:

A geografia cultural diz respeito ao homem, não como um indivíduo, mas como um compartilhador e um transmissor de cultura. Seu principal interesse diz respeito a dois tipos de relações: a interação entre a cultura e seu completo ambiente terrestre, e a interação espacial entre suas diferentes culturas. A Geografia da Religião investiga essas relações, concentrando sua atenção no componente religioso presente na cultura.⁹⁴

A Geografia como uma ciência humana, tende a explicar os fenômenos humanos e dentre eles, pode-se explicar a religião. Portanto a Geografia da Religião contribuiu para mapear o fenômeno religioso, haja vista que ele ocorre em algum lugar do espaço geográfico. A partir dessa subdisciplina é possível analisar percentuais e outros dados pertinentes as pesquisas a partir das categorias espaciais de análise da Geografia. Dessa forma, ao se aprofundar na abordagem teórica, percebemos um encontro e casamento da Geografia da Religião com a Ciência da Religião, sendo essa última uma guarida da primeira.

⁹³ GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião*. 2 ed. Curitiba: IBPEX, 2012.

⁹⁴ GIL FILHO, 2013, p. 275.

Assim, a religião é operacionalizada na pesquisa como um “agente subjacente à dinâmica dos gêneros de vida, na qual é evidenciada a materialidade imediata na relação entre homem e meio.”⁹⁵

2.1 Territórios e territorialidades da cultura surda

O território dos Surdos na cidade de Belém [...] Compartilham experiências usando a mesma língua, os mesmos costumes, histórias, interesses e culturas em comuns. O uso de aparelhos celulares e redes sociais, são os mais utilizados para marcar o encontro, definindo coletivamente o ‘local escolhido’, tornando-se o território móvel, a referência imediata e momentânea, assim, como os Shopping Centers da região (Castanheira, Pátio Belém e Boulevard), Orla de Icoaraci, Praça da República, Praça Batista Campos, Estação das Docas, Igreja Evangélicas e entre outros pontos, assim como os locais de trabalho são referências territoriais do grupo. E é daí que surge as comunidades surdas na união de sua identidade e cultura.⁹⁶

Ao olharmos para os diferentes espaços apontados na epigrafe, percebemos que a *urbe* belenense já possui um número diversificado de lugares que se tornaram territórios de Surdos mediante as suas práticas de sociabilidade que incidem sobre estes espaços e demarcam a territorialidade destes indivíduos permeada por identidades e cultura Surda. Dessa forma, nesse debate, entende-se que os conceitos de território, territorialidade merecem ser considerados em destaque. No entanto, antes de retratá-los, convém direcionarmos uma discussão para os conceitos de identidades e cultura Surda.

Antes de adentrarmos, entretanto, no porque deste conceito propriamente dito, precisamos situá-lo em meio ao bojo de discussões culturais mais amplas. Sendo assim, Edward Tylor nos diz que cultura “[...] é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.”⁹⁷

Roque de Barros Laraia, entretanto, aponta que Tylor apenas desenvolveu/reformulou percepções. O próprio John Locke, por exemplo, já pensava que a mente humana nasce vazia e tem capacidade de aprender com as experiências e os valores

⁹⁵ GIL FILHO, 2013, p. 275.

⁹⁶ FERREIRA, Alan Leonardo Oliveira; PINHEIRO, Lilia Elizabeth Barbosa; VALÉRIO, Maria de Nazaré Moreira. A espacialização do Surdo em Belém do Pará: o território como uso social do espaço urbano. *In: I Simpósio Mineiro de Geografia: das diversidades à articulação geográfica* (Anais). Alfenas: Universidade Federal de Alfenas, 2014, p. 886-877.

⁹⁷ TYLOR, Edward *apud* LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 25.

passados pela sociedade.⁹⁸ Em ambos os casos, como podemos perceber, tem-se a percepção de um aprender e um internalizar contínuos conforme se vive em sociedade.

De certa forma, percebemos resquícios destas percepções nos postulados de Clifford Geertz, ao classificar a cultura enquanto semiótica, pautada em uma verdadeira teia de significados por nós tecidas, resultando em uma constatação. Para este autor “nossas idéias, nossos valores, nossos atos e até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso, produtos culturais, na verdade produtos manufaturados a partir de tendências, capacidades, disposições com as quais nascemos.”⁹⁹ No mais, à medida que somos moldados, acabamos também por moldarmos o que nos cerca, “quando se pensa em cultura, o conceito recorrente é de um conjunto de práticas simbólicas de um determinado grupo: língua, artes (literatura, música, dança teatro etc.), religião, sentimentos, idéias, modos de agir e de vestir”¹⁰⁰.

Geertz ao citar Kluckhohn nos apresenta uma lista de definições sobre cultura. Dessa forma, Kluckhohn conseguiu definir a cultura como:

(1) ‘o modo de vida global de um povo’; (2) ‘o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo’; (3) ‘uma forma de pensar, sentir e acreditar’; (4) ‘uma abstração do comportamento’; (5) ‘uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente’; (6) ‘um celeiro de aprendizagem em comum’; (7) ‘um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes’; (8) ‘comportamento aprendido’; (9) ‘um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento’; (10) ‘um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens’; (11) ‘um precipitado da história’¹⁰¹

Como podemos perceber, os debates são abrangentes e esgotá-los não se encontra em nossas propostas para este trabalho. Este breve apanhado serviu-nos como base para refletirmos sobre a cultura Surda. Apontar, todavia, para as existências desta cultura sinaliza, logicamente, a existência outra de uma cultura ouvinte. A diferença cultural que existe entre a cultura Surda e a cultura ouvinte imprime no espaço a diferença: a cultura Surda já não é mais a cultura ouvinte, ela está autônoma. Não se trata, entretanto, ao reconhecermos isto, de dicotomizar uma realidade em jogo à beira do maniqueísmo - do qual mesmo a academia não escapa -, mas de evidenciar particularidades e diferenças sobre aspectos políticos e identitários.

⁹⁸ LOCKE, John *apud* LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 25-26.

⁹⁹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Guanabara, RJ: Koogan, 1989, p. 62.

¹⁰⁰ SANTANA, Ana Paula. & BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidades surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *In: Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, nº. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005, p. 572.

¹⁰¹ GEERTZ, 1989, p. 4.

Também não pretendemos generalizar apontando que todos os surdos têm uma cultura Surda, sob o risco de cairmos no discurso do mito de consistência cultural. Portanto, preferimos pontuar que este trabalho, quando usa o termo Surdo não quer se referir as pessoas que escutam com dificuldade ou aos ensurdecidos que utilizam como forma de comunicação os mecanismos das línguas orais. Queremos nos referir aos Surdos que por não conseguir naturalmente ter acesso a língua oral, formam um grupo diferente, com elementos culturais específicos, pois as culturas são lugares de sentidos que podem ser ampliadas ou alteradas. Dessa forma, Karin Strobel ao considerar a cultura Surda nos diz que:

Cultura surda é o jeito de um sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo¹⁰²

Por outro lado, percebemos que a escolha da cultura Surda pode parecer um processo anômalo para quem defende a normalidade. No entanto, ela, vista do nível das múltiplas culturas ou das diferenças, faz com que transpareça com toda a sua excelência nas linguagens constitutivas das culturas. Por normalidade, Tomaz Tadeu da Silva reflete:

Fixar uma determinada identidade como uma norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é ‘natural’, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem se quer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade. Paradoxalmente são as outras identidades que são marcadas como tais.¹⁰³

Ressignificando as reflexões de Silva para nosso objeto de estudo, observa-se que a cultura hegemônica ouvinte tenta sobrepular o indivíduo Surdo e todo o arcabouço cultural que ele carrega a medida que o enquadra numa categoria que é analisada sob o modelo da deficiência e que, para se tornar um indivíduo normal, deverá submeter-se as representações dos ouvintes e, por conseguinte, ao ouvintismo. Sobre o exposto, Harlan Lane enfatiza que

¹⁰² STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 4ª Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016, p. 29.

¹⁰³ SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

“no estereótipo do ouvinte, a surdez representa a falta e não a presença de algo. O silêncio é sinônimo de vácuo.”¹⁰⁴

Neste sentido, a homogeneidade enquanto padrão cultural, de comportamento, de língua, não leva em consideração as diferenças que emergem no seio social. No que tange a normalidade, a intenção é a busca da homogeneidade, por meios que não deixam de ser violentos. Sobre o assunto, Raffestin reflete:

Pode tratar-se de fato da gestão ou do controle da heterogeneidade. Mas a população reage, resiste. Ela é um ator-trunfo que pode e que provoca o malogro de manipulações das quais é objeto. Oposição, resistência e revolta são os termos que ressaltam as etapas da retomada de um poder do qual frequentemente a população é desapropriada[...].¹⁰⁵

Desse modo verificamos que a cultura Surda é “então a diferença que contém a prática social dos Surdos e que comunica um significado”.¹⁰⁶ Sabemos que, dentro do contexto da academia, ainda há uma discordância sobre a existência de uma cultura Surda, principalmente quando alguns pesquisadores julgam dizer que é reducionista conceituar cultura tomando como referência apenas a língua. Nídia Regina Limeira de Sá nos diz que as pessoas ouvintes tem dificuldade em aceitar que os Surdos possuem processos culturais específicos¹⁰⁷. É importante ressaltar, de acordo com Strobel, que a cultura Surda possui variados artefatos culturais e, faz-se necessário enumerá-los aqui para que não aja dúvida sobre a vivacidade da cultura em questão. São eles: “Experiência visual; Desenvolvimento linguístico; Familiar; Literatura Surda; Vida social e esportiva; Artes visuais; Política e Materiais”.¹⁰⁸

Logo, discutir a cultura Surda requer conhecimentos da experiência do ser Surdo com toda a transformação que o acompanha. Convém para esta pesquisa, explicitar dois dos artefatos culturais: a Experiência Visual e o Desenvolvimento Linguístico. O primeiro está relacionado à leitura que o Surdo faz do mundo a partir da sua subjetividade. Esse sujeito, mesmo com ausência de audição, vê e entende o mundo a partir da experiência visual. Como reflete Gladis Perlin e Wilson Miranda:

¹⁰⁴ LANE, Harlan. *A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992, p. 23.

¹⁰⁵ RAFFESTIN, 1993, p. 80.

¹⁰⁶ PERLIN, Gladis. O lugar da cultura surda. In: LOPES, Maura Corcini; THOMA, Adriana da Silva (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 77.

¹⁰⁷ SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Cultura, poder e educação de surdos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

¹⁰⁸ STROBEL, 2016, p. 44-98

Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura¹⁰⁹

Os autores complementam em nota de rodapé que para alguns Surdos, outra característica da experiência visual pode dar-se quando ele utiliza de técnicas de leitura labial. A partir de suas reflexões, percebemos que uma marca importante para a representação deste artefato tem relação com a língua natural dos Surdos – a Libras. Desse modo, convém adentrar no segundo artefato cultural: o desenvolvimento linguístico.

A língua é, sem sombra de dúvida, um dos meios mais importantes de identidade de que uma população pode ter. Por esse motivo destina-se a ela um local primário na cultura. Ela é, por si mesma, um instrumento que pode desencadear múltiplos conflitos. Contudo, “é conveniente recolocá-la no contexto das relações de poder para melhor compreender sua significação”.¹¹⁰ Nosso objetivo em tecer essas discussões não será de ordem linguística, mesmo se, por necessidade, buscarmos recorrer às contribuições e preceitos da linguística.

A língua, enquanto linguagem, na qualidade de instrumento, carrega o sentido de funcionalidades múltiplas. Na perspectiva antropológica a língua é um elemento da cultura. No sentido semiótico, a cultura é uma língua. Sobre o exposto, Raffestin nos diz que:

As funções da linguagem são múltiplas e diversas: funções de comunicação, de organização do real e de transmissão. Na qualidade de instrumento (admitamos esse termo mesmo que não seja tão satisfatório), a língua pertence à cultura (aqui em seu sentido antropológico) e pode ser definida como ‘o conjunto de toda a informação não hereditária e dos meios para sua organização e sua conservação’. No sentido semiótico geral, a cultura é uma ‘língua’. Uma língua natural pertence à cultura e é um instrumento que preenche funções. Como tal, a língua é um recurso, um trunfo, e por consequência está no centro de relações que são, *ipso facto*, marcadas pelo poder.

A língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura Surda. Dessa forma, compreende-se cultura Surda como uma questão de diferença, da alteridade, da identidade do *povo Surdo*¹¹¹ que busca autonomia quanto às suas identidades socioculturais. Essas

¹⁰⁹ PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. In: *Ponto de Vista - Revista de Educação e Processos Inclusivos*, UFSC/CED/NUP, Florianópolis, n. 5, p. 2017-226, 2003. p. 218.

¹¹⁰ RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993, p. 97.

¹¹¹ [...] conjunto de pessoas que falam a mesma língua, tem costumes e interesses semelhantes, história e tradições comuns. [...] conjunto de pessoas que vivem em comunidade num determinado território, nação, sociedade [...] conjunto de pessoas que não habitam o mesmo país, mas que estão ligadas por uma origem, sua religião ou qualquer outro laço. Para mais ver: HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2275 *apud* STROBEL, 2016, p. 36-37.

identidades, no bojo dos estudos culturais com foco nos indivíduos Surdos é denominada de identidades Surdas. Gladis Perlin descreve que:

[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez. De inclusão entre os deficientes, de menosvalia social.¹¹²

Neste sentido, guiando-nos por Perlin, as ideias mais adequadas referentes às identidades Surdas são as que enfocam não as diversidades ou “deficiências”, mas sim as diferenças. É no seio delas que se engendram as comunidades Surdas, configurando no espaço o território e a territorialidade contra a cultura hegemônica, nesse caso a cultura ouvinte. Essa análise corrobora com o exposto por Claude Raffestin ao dizer que o “espaço é anterior ao território”.¹¹³

O espaço é, portanto anterior, preexistente a qualquer ação. O espaço é, de certa forma, ‘dado’ como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. ‘Local’ de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar.¹¹⁴

O espaço, sem dúvida alguma é a matéria prima da ciência geográfica, porém podemos ter interpretações diferentes acerca do uso do espaço. Quando abordamos o termo território, percebemos que há uma relação intrínseca do espaço com o poder, ou seja, na medida em que observamos o exercício de poder sobre espaço ocorre a territorialização. Dessa forma, autor salienta que o território é o espaço apropriado por uma relação de poder. Diante do exposto, podemos observar que uma das maiores marcas dessa relação para as comunidades Surdas é a Libras, engendrada a partir de lutas políticas dos Surdos brasileiros usuários de língua de sinais, os quais constituíram, historicamente, territórios específicos de sinalização formados de elementos identitários da sua cultura.

Os Surdos urbanos brasileiros, posteriormente, criaram um sistema, uma estrutura de poder e gestão do território constituído, formando territorialidades que unem os Surdos em comunidades que se percebem com a mesma identidade cultural e que geram o poder a partir da constituição das estruturas de poder por eles criadas. Esse feito se expande, principalmente, após a normatividade jurídica da Língua Brasileira de Sinais. A Libras ganhou representação

¹¹² PERLIN, 2004, p. 77-78.

¹¹³ RAFFESTIN, 1993, p. 143.

¹¹⁴ RAFFESTIN, 1993, p. 144.

a partir da Lei nº 10.436/02, a qual a reconhece como meio legal de comunicação e expressão das comunidades Surdas brasileiras. A partir da normatividade jurídica passou a ser considerada a língua natural dos Surdos que de acordo com Raffestin, “uma língua natural pertence à cultura e é um instrumento que preenche funções”¹¹⁵. Sendo a Libras, também, uma característica identitária do grupo em questão, Claudionor Borges da Silva, considera que:

a Libras constitui-se em uma língua espaço-visual, há que se considerar que os sujeitos usuários das línguas de sinais estabelecem uma relação e concepção diferenciada do espaço e tempo influenciando diretamente na organização de uma linguagem em que uma de suas características marcantes é a contextualidade¹¹⁶.

Dessa forma, verifica-se que a Libras é fruto de lutas do povo Surdo brasileiro. Ela é um artefato cultural que marca a territorialidade de resistência desse grupo contra a imposição cultural ouvintista. O uso da Libras pelas comunidades Surdas envolve questões de identidade e territórios de Surdos. De acordo com Raffestin entendemos que:

O território [...] é o produto de atores sociais. São esses atores que produzem o território, partindo da realidade inicial dada que é o espaço. Há portanto, um processo do território quando se manifestam todas as espécies de relações de poder, que se traduzem por malhas, redes e centralidades cuja permanência é variável mas que constituem invariáveis na qualidade de categorias obrigatórias.¹¹⁷

A Libras é, hoje, também uma língua de uso mercadológico que Raffestin chama de território enquanto um produto vivenciado por aqueles mesmos personagens que, sem haver participado de sua elaboração, o utilizam como meio. Desse modo, o uso da Libras reflete na territorialidade do povo Surdo brasileiro, usuário de língua de sinais, a qual reflete com segurança o “poder que se dá ao consumo por intermédio de seus produtos.”¹¹⁸ Assim, podemos inferir que as comunidades Surdas configuram – são – as territorialidades que vão de contra as territorialidades dos ouvintes. Essas disputas ocorrem no espaço e, em razão de haver relações de poder, se constroem territórios para Surdos viverem a luz da sua cultura e subjetividade. Logo, “o sistema territorial é, portanto, produto e meio de produção.”¹¹⁹ Sobre territorialidade Raffestin reflete:

¹¹⁵ RAFFESTIN, 1993, p. 98.

¹¹⁶ SILVA, Claudionor Borges da. Cultura Surda: território e territorialidades de resistência. In: *X Encontro de Geógrafos da América Latina (Anais)*, São Paulo, p. 14321-12335, 2005, p. 14330.

¹¹⁷ RAFFESTIN, 1993, p. 8.

¹¹⁸ RAFFESTIN, 1993, p. 8.

¹¹⁹ RAFFESTIN, 1993, p. 158.

a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do ‘vívido’ territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens ‘vivem’, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais.¹²⁰

Desta maneira, podemos inferir que para ocorrer o engendramento de uma territorialidade se faz pertinente uma organização política de um grupo capaz de produzir e gerir controle sobre a constituição territorial, pois as territorialidades envolvem as formas e representações do uso do território. Sobre as práticas identitárias que incidem sobre o território gerando territorialização, Thais Alves Marinho se apropria do pensamento sociólogo Pierre Bourdieu sobre o *habitus* refletindo que:

Como prática social, o território é um campo que se constitui simultaneamente à identidade coletiva moradores, que se expressam por meio de sua cultura e das possibilidades de sua condição socioeconômica. Somando esse conjunto de elementos, temos um conjunto de variáveis que sinalizam para um *habitus* comum, ou seja, um repertório de práticas, conhecimentos e habilidades que está contido no território, na mesma medida que tais práticas o contêm (Bourdieu, 1989). O *habitus* comum, produto da territorialidade, estrutura as relações culturais em um território que assenta a identidade social do grupo.¹²¹

Deleuze e Guatarri contribuem com o exposto quando refletem que o território se constrói no movimento, pois ao se repetir uma determinada ação no próprio cotidiano, se constrói um território na mobilidade. Dessa forma, ao se articular em redes determinados espaços descontínuos, cria-se uma nova constituição do território funcional e expressivo que pode ser subscrito pela própria repetição do movimento. Cabe acrescentar o pensamento de Deleuze ao dizer que “não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território sem ao mesmo tempo um esforço para se reterritorializar em outra parte”¹²², pois o território é visto como um movimento constante e não como algo fixo. Logo falar em território é falar em processo, em dinâmica, ou seja, são relações sociais constantemente construídas.

Dessa maneira, esta pesquisa se preocupa em apresentar o território a partir da ideia de processo, onde o território seria o produto do movimento de territorialização do espaço, isto é, de relações de poder, pois se há um elemento que perdura através da concepção de

¹²⁰ RAFFESTIN, 1993, p. 158-159.

¹²¹ MARINHO, Thais Alves. Territorialidade e Cultura entre os Kalunga: para além do culturalismo. In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 30, n. 80, p. 353-370, Maio/Agosto, 2017, p. 358.

¹²² DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Youtube, 10 de out. 2016. Disponível em: <<http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-integral-do-video>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

território é o que se refere a relação de poder mediada pelo espaço, construída no/com espaço tanto de poder no sentido de dominação (concreto), quanto no sentido de apropriação (poder simbólico).¹²³

Dessa forma, falar em território de Surdos consiste não apenas em poder material, que controla processos sociais, há também referências territoriais simbólicas que mobilizam pessoas em prol de um objetivo, demonstrando assim que os territórios podem ser mais funcionais ou mais simbólicos, sendo um contínuo. No que tange os espaços sagrados com ações para Surdos, essa referência dar-se de forma mais simbólica, marcando o espaço da territorialidade. Entendemos espaço da territorialidade aquele que é suporte para a identidade. No caso dos indivíduos Surdos, estes espaços refletem duas dimensões: as marcas da culturais e identitárias e a produção coletiva do espaço. Logo, o território de Surdos em espaços sagrados é fruto de práticas políticas e sociais e é desenvolvido por normatizações instituídas pela comunidade Surda. A estrutura de sociabilidade territorial entre as comunidades surdas em espaços sagrados é formada pelas práticas religiosas, localidade e convivência.

2.2 Espaços sagrados e as territorialidades religiosas de surdos

A religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: elas também devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo.¹²⁴

Os estudos sobre a religião no século XX são notadamente marcados pelo trabalho do romeno radicado nos EUA, Mircea Eliade, que apesar de todas as críticas recebidas por causa da corrente teórica a que se aliou e pela independência que defendia ao fenômeno religioso para que o mesmo pudesse ser estudado e um certo anti-historicismo, o conjunto de suas obras passaram a referências obrigatórias no estudo do tema, destacam-se neste conjunto: *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*; *História das Crenças e das Ideias Religiosas e Tratado de História das Religiões*.

A independência do estudo da religião dava-se pelo fato de Eliade acreditar que “o sagrado é um elemento da estrutura da consciência e não uma fase na história dessa

¹²³ LEBFREVE, Henri. *La Production de l'Espace*. Paris: Anthropos, 1986.

¹²⁴ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983. p. 212.

consciência.”¹²⁵ Como também a impossibilidade de se entender o fenômeno religioso na perspectiva de fora para dentro ou valendo-se das ferramentas de outras ciências. Para Eliade, “querer delimitar este fenômeno pela fisiologia, pela psicologia, pela sociologia e pela econômica, pela linguística e pela arte, etc., é traí-lo, é deixar escapar precisamente aquilo que nele existe de único e de irredutível, ou seja, o seu caráter sagrado.”¹²⁶

Na tentativa de defender e definir o sagrado, Eliade olha o mundo e o categoriza em sagrado e profano, no entanto a primeira é que define a segunda, pois esta é tudo quanto não é a primeira. O profano é o cotidiano, o corriqueiro sem muito significado para as pessoas. Já o sagrado é o que transcende o profano, que não é comum e possibilita a significação para a vida das pessoas. Com isso, Eliade explicita que para se conhecer um fenômeno não devemos partir daquilo que ele é, mas partir daquilo que ele não é. Dessa forma, pela dicotomia sagrado *versus* profano, podemos definir que o sagrado é tudo aquilo que não é profano, pois ambas tratam-se de duas modalidades de ser no mundo. Elas coexistem, mas são díspares.

O sagrado para Eliade é aquilo que nos é revelado, é uma manifestação ou algo que acontece de uma ordem diferente. Para essa manifestação, ele chama de *hierofania*. É o desenvolvimento do mesmo em situações, lugares, pessoas, decretando assim a ausência do profano, mesmo que momentaneamente. Dessa forma, o sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade.

De acordo com Vasco de Magalhães-Vilhena, as *hierofanias* podem ser classificadas em “*cratofanias*, isto é, a manifestação da potência sagrada na natureza através de raios, fogos, inundações, terremotos, tempestades, maremotos ou ainda como *teofanias*, manifestações das divindades em visões, sonhos, aparições, audições”.¹²⁷

Observamos que a tentativa de explicar o fenômeno religioso desenvolvida por Eliade dá indícios de uma pessoa religiosa que se lança a entender algo que pratica e que tem envolvimento com o objeto a ser conhecido, no entanto, o romeno não é o único, pode-se dizer que ele é apenas continuador das ideias de Immanuel Kant e Rudolf Otto, mesmo compreendo que estes estão mais voltados para a filosofia da religião do que para as religiões comparadas, conforme o objetivo de Eliade. Kant era cristão e suas ideias tendem a perceber o Cristianismo como ápice de suas teorias.

¹²⁵ ELIADE, Micea. *História das crenças e das ideias religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 13.

¹²⁶ ELIADE, Micea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 9.

¹²⁷ MAGALHÃES-VILHENA, Vasco de. *Pequeno Manual de Filosofia*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 2009. p. 64.

Rudolf Otto tem em sua obra *O Sagrado* a maior fonte de estudos sobre sua concepção de religião. Pode-se dizer que é em Otto que os místicos contemporâneos buscam inspiração, mas precisamente no conceito de *numinoso*.¹²⁸

Otto é um autor que assume o caráter não racional da religião, mas não faz desta constatação uma diminuição da mesma, ao contrário, tenta demonstrar que a entrega e a experiência do inefável é para poucos. Também Otto, como seus antecessores vê no Cristianismo o ápice da manifestação do sagrado e Cristo o exemplo máximo dessa experimentação.

Essas teorias influenciaram vários estudos no campo da religião, mas o que chama atenção é a dificuldade de aplicá-las ao estudo da diversidade religiosa de etnias indígenas e de grupo afro religiosos brasileiros. O que se percebe em vários desses estudos é uma possível folclorização das mesmas. Dessa forma, nesta pesquisa, assumiremos o pensamento de Mircea Eliade, pois nossa pretensão em desenvolver um panorama religioso-cultural para Surdos está encaixada nos moldes dos estudos das religiões comparadas.

No que tange a sacralidade do espaço, de acordo com Eliade, para o *homo religiosus* as duas modalidades de ser no mundo incidem sobre o espaço. O autor explicita que o espaço não é homogêneo, ou seja, o espaço onde ocorrem as *hierofanias* e *as teofanias* é um lugar distinto do espaço cotidiano, logo embebidos de sacralidade. Para clarificar a diferença e a distinção do espaço, Eliade nos oferece uma reflexão sobre o espaço sagrado exemplificando com uma passagem bíblica, onde Moisés ao ouvir uma voz que ecoou dizendo-o para tirar as sandálias dos pés porque o lugar onde ele estava era santo.

Em relação ao sujeito Surdo podemos observar, impresso em sua religiosidade, que os espaços sagrados que usam a língua de sinais não são um espaço qualquer e igual aos outros, portanto espaços distintos. São lugares que permitem aos Surdos viver em contato com as divindades de forma mais ampla. Isso imprime nesses ambientes sacralidade, forma e alteridade, permitindo a esses indivíduos desenvolver a sua religiosidade e ser/estar em contato com as *hierofanias*, centralizando o mundo por meio desses espaços que se tornam heterogêneos a partir das manifestações do sagrado, pois o sujeito é possuído por uma verdade que é manifestada naquele lugar e que imprime a fundação de um mundo não amorfo, característica primordial do *homo religiosus*.

Dessa forma, para o religioso Surdo a língua de sinais pode ser dotada de uma sacralidade a partir de uma manifestação divina que a torna diferente da língua de sinais utilizada fora desses espaços, pois ela comporta significados e uma experiência sagrada que

¹²⁸ OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

faz dela única, portanto uma *hierofania*. A constatação disto pode ser tirada em qualquer espaço sagrado cristão onde há Surdos. A presença e permanência deles nestes espaços é condicionada, sobretudo, a partir da presença do tradutor e interprete de língua de sinais. Durante as investigações empíricas constatamos que, se os tradutores não são fluentes ou, se não houver o trabalho em língua de sinais, o sujeito Surdo tende ao trânsito religioso. Com isso podemos refletir também sobre a importância desses profissionais dentro desses espaços. Desenvolver ações voltadas para Surdos exige a busca de qualificação e compreensões étnico-linguísticas do grupo ao qual se pretende trabalhar, pois se trata de uma cultura visuo-espacial com distinções em relação à cultura oral-auditiva.

Ainda tomando o exemplo da presença do tradutor/interprete, pretendemos agora fazer uma analogia com os esclarecimentos de Eliade ao tratar sobre a porta de um espaço sagrado. Segundo o autor, a porta é o limiar entre os dois mundos; sagrado e profano. A porta é portanto, algo dotado de simbolismo. Ela é também veículo de passagem para a comunicação com o sagrado.

No caso do *homo religiosus* Surdo, podemos pensar que há duas portas: a primeira enquanto objeto concreto que Eliade chama de limiar e a segunda, o campo sagrado gestual-visual linguístico por meio de língua de sinais. Se não há ações voltadas para Surdos que visem o uso da língua de sinais e das experiências visuais, o sujeito tende a não passar para dentro do lugar, ou seja, os espaços sagrados para se consagrarem como veículo de passagem precisam revelar a *teofania* da alteridade, permitindo a comunicação entre ele e o sagrado. O discurso concedido por Sônia Ferreira da Rocha explicita a *teofania* da alteridade:

[...]. Quando entrei pelas portas desta igreja pela primeira vez, sentei exatamente no segundo banco, próximo a rampa a direita, onde, até hoje os Surdos sentam. Orei a Deus e perguntei à Ele: ‘Deus, o que eu vim fazer aqui? Este lugar não é para mim. Sou humilde demais para esta aqui. Olho e vejo em cada canto pessoas com intelectos e muito acima da minha competência. Como vou te servir? Considere-me o menor grão de toda a areia da praia’.

Mas, ele disse: ‘Não te chame para ser cauda e sim cabeça’

‘Como?’, perguntei a ele. E fiquei esperando o agir de Deus. Eu estava apenas chegando sem saber o que iria acontecer. Nisso vinha passando uma recepcionista e colocou no meu colo um panfleto e, os meus olhos foram direto ao anúncio de um Curso de Libras pela Igreja Batista (PIB) como chamávamos.

Eu disse à Deus: ‘É isso?’ Ele respondeu: ‘É!’¹²⁹

De outro modo, pode haver casos, como os dos filhos de Santo Surdos que frequentam a Casa Grande de Mina *Jeje Nagô de Toy Lissà & Abê Manjá* – Huevy em Belém/PA que, na ausência do tradutor/intérprete de Libras a *teofania* da alteridade revela-se

¹²⁹ CARVALHO, Sônia Ferreira da Rocha. *Discurso para o evento de debutantes da MISSAD Templo Central*. Belém: IEAD/MISSAD, 04 jun. 2016. Discurso proferido para os convidados dos 15 anos da MISSAD.

engendada pelo campo sagrado gestual-visual não linguístico (mímicas, apontações, ensinamentos por meio de práticas) permitindo acessar as experiências com o sagrado. De acordo com Eliade, apenas os “sinais” do sagrado, pode levar o *homo religiosus* a ter uma experiência. Para o Surdo esses “sinais” seriam as experiências visuais, um dos artefatos culturais elencados por Strobel no livro *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Logo, ao trabalhar com ações para Surdos há uma consagração do espaço ao torná-lo aberto.

Em ambos os casos citados, podemos justificar a partir da análise de Henri Gobard *apud* Raffestin, que desenvolveu uma análise tetraglósica. Na sua teoria, uma dada área cultural apresenta quatro tipos de linguagem, independente da língua.

1. Uma linguagem vernácula, local, falada espontaneamente, feita menos para comunicar do que para comungar;
2. Uma linguagem veicular, nacional ou regional, aprendida por necessidade, destinada às comunicações na escala das cidades;
3. Uma linguagem referencial, ligada às tradições culturais, orais ou escritas e que assegura a continuidade dos valores por uma referência sistemática às obras do passado;
4. Uma linguagem mítica que funciona como último recurso, magia verbal com a qual se compreende a incompreensibilidade como prova irrefutável do sagrado.¹³⁰

Tomando o sujeito Surdo brasileiro como exemplo, temos: 1 – Linguagem vernácula seria a Libras utilizada de acordo com o contexto onde se está inserido em situações de formalidade ou informalidade; 2 – Linguagem veicular seria a Libras relacionada a contextos locais, ao regionalismo, por exemplo, as variações entre a Libras sinalizada em Belém/PA e a Libras sinalizada em Vitória/ES. 3 – Linguagem referencial seria a Libras ligada aos ensinamentos das tradições adaptadas para o campo visual e língua portuguesa na modalidade escrita. 4 – Linguagem mítica seria a Libras sacralizada, por exemplo, o livro *O clamor do Silêncio* ou o glossário de sinais-termos do Candomblé – nação Ketu, etc., ou as experiências visuais que conduzem aos “sinais” do sagrado.

Voltando aos casos que exemplificamos, observa-se que a Libras sacralizada ou os “sinais” do sagrado estão inseridos na categoria linguagem mítica. Dessa forma, podemos inferir que as marcações de territorialidades de Surdos nos espaços sagrados surgem condicionadas aos dois fatores citados anteriormente: *teofania* da alteridade ou “sinais” do sagrado a partir das representações simbólicas que compõe esses espaços. Complementando o exposto, a geógrafa Zeny Rosendahl ao tratar sobre o espaço sagrado como espaço geográfico, reflete:

¹³⁰ GOBARD, Henri, 1996, p. 34 *apud* RAFFESTIN, 1993, p. 98.

O território torna-se, então, um geossímbolo (Bonnemaison, 2002 [1981]). Na análise deste geógrafo a territorialidade está fortemente impregnada de um caráter cultural. É por intermédio de seus geossímbolos que a religião de um grupo imprime marcas que identificam e delimitam um dado território religioso.¹³¹

A territorialidade religiosa, por sua vez, trata-se de um grupo de práticas realizadas por instituições ou indivíduos com objetivo de controlar um determinado território, onde o resultado do poder do sagrado cria uma identidade e um sentimento de pertencimento. A territorialidade se fortifica a partir das experiências religiosas individuais ou coletivas mantidas no espaço sagrado e nos itinerários que constituem seu território. Dessa forma, podemos inferir que é a partir do território que surge a relação simbólica que existe entre espaço e cultura.

A religião sempre se apresentará como uma rede de símbolos, onde cada indivíduo colocará em prática seus ritos, mitos e suas doutrinas. Dessa forma, religião e sagrado caminham juntos, pois de acordo com Raffestin a primeira administra a segunda e a vida religiosa é um somatório das relações entre o homem e o sagrado. É o que ocorre nas comovisões com ações para Surdos. A religiosidade sempre terá um papel fundamental da vida do homem. O homem sempre buscou na sua religiosidade a resposta para as suas perguntas pessoais. Leonardo Boff em sua obra *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*, explicita a necessidade do homem em conservar seus símbolos através dos seus sacramentos, onde deixa claro que o sacramento nada mais é do que o modo de pensar, na qual todo processo religioso muda de acordo com que o homem está pensando, ou seja, toda e qualquer religiosidade passará por modificações.

Durante muito tempo as pessoas Surdas ficaram a margem dos contextos religiosos e, por mais que desejassem seguir uma determinada cosmovisão não poderiam, pois os membros ouvintes não eram solidários para interagir, em língua de sinais, durante as reuniões com os Surdos, impossibilitando a construção de uma identidade religiosa e territorialização pautada na língua e na cultura Surda. Hoje já se percebe em algumas instituições religiosas uma proposta que valoriza as diferenças étnico-linguísticas dos Surdos. Em Belém do Pará, encontramos um significativo número de espaços sagrados que configuram territorialidades desses sujeitos que não ouvem, mas manifestam sua religiosidade a partir do momento que se permite que seus artefatos culturais sejam aflorados nesses espaços com efeitos de configurações de poder.

¹³¹ ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: *X Encontro de Geógrafos da América Latina* (Anais), São Paulo, p. 12928-12942, 2005, p. 12934.

Vale ressaltar que o afloramento de uma determinada cultura sobre um espaço sagrado não garante a apropriação concreta do espaço, mas sim a apropriação simbólica, pois o uso dos comportamentos permeados por identidade e cultura faz engendrar territorialidades e não territórios. Sobre o assunto, Gil filho reflete:

Cabe ressaltar que a territorialidade por nós apontada é o atributo do sistema territorial e, em outras palavras, o território é um **objeto** (restrição do espaço), o sistema territorial é a **lógica** desse conjunto estrutural e a **territorialidade** é o atributo de determinado fato social no qual o poder é imanente. A territorialidade do sagrado seria então [...] a ideia de ação institucional de apropriação simbólica de determinado espaço sagrado, sendo sua materialidade o próprio território sagrado institucionalizado.¹³²

Dessa forma, quando falamos de apropriação simbólica de determinado espaço sagrado, devemos pensar em ações e práticas que incidem sobre ele a partir de configurações de poder, pois o fenômeno religioso é em sua essência marcado por relações de poder. Raffestin ao tratar sobre essa questão nos explica que toda concepção religiosa do mundo implica a distinção do sagrado e do profano. Sobre o exposto, Rosendahl reflete:

Dessa forma, o território, repleto de símbolos, significados e imagens, constitui-se em um dado segmento do espaço, via de regra delimitado, que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado agente social, um grupo humano, uma empresa ou uma instituição. O território é, em realidade, um importante instrumento da existência e reprodução do agente social que o criou e o controla. O território apresenta, além do caráter político, um nítido caráter cultural, especialmente quando os agentes sociais são grupos étnicos, religiosos ou de outras identidades. O caráter político do território representa um aspecto de forte interesse em nossa pesquisa. [...] O território religioso constitui-se, assim, dotado de estruturas específicas, incluindo um modo de distribuição espacial e de gestão de espaço.¹³³

No caso do *homo religiosus* Surdo a sua relação como o espaço sagrado se constitui no tempo e no espaço. Não se trata de uma relação totalmente uniforme, mas dependem da cultura e da história, determinando assim, a relação de sagrado e de profano.

No que tange a relação histórica *Surdos, religião e língua de sinais*, esta se inicia nos mosteiros dos monges beneditinos e se intensifica a partir da *teofania* da alteridade que cria a “lenda sagrada” da iluminação do abade de Charles Michel de L’Epée, conforme mostra a figura 7.

¹³² GIL FILHO, 2012, p. 96.

¹³³ ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: Uma perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião. In: ROSENDAHL, Z e CORRÊA, R. L. (org) *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2005. p. 201.



Figura 7: A Iluminação do Abade De L'Epée.¹³⁴

Sobre a gravura, Lulkin reflete:

Nesta gravura, o abade L'Epée aparece descendo de uma escada que se origina no céu, tendo no topo uma luz intensa e um anjo que aponta para as duas jovens surdas. L'Epée olha para o anjo que lhe indica a sua missão. A escada é ricamente decorada com ornamentos e flores. Ao fundo, aparece a mãe das moças diante da porta da casa, numa atitude que indica um movimento em direção às filhas e uma possível gratidão para com o gesto divino. Na base da escada, há livros e um pergaminho que indica L'Epée como o 'designado para libertar os surdos mudos' (*designé pour délivrer les sourds muets*). Junto ao pergaminho há grilhões abertos, indicando uma escravidão ou aprisionamento que termina com a chegada do salvador.¹³⁵

O discurso de Lulkin está carregado de expressões que demonstram a manifestação do sagrado à L'epée, ou seja, ele teve uma experiência hierofânica. Essa manifestação pode

¹³⁴ FICHER & LANE, 1992, p.48 *apud* LULKIN, 2000, p. 56.

¹³⁵ LULKIN, 2000, p. 56.

ser constata no discurso de Carol Padden e Tom Humphries, ao descrever quando assistiram uma peça sinalizada para a comunidade Surda francesa sobre a “lenda sagrada” de L’épée.

O abade de L’Epée vinha caminhando, por um longo tempo, numa noite escura. Ele queria parar e pernoitar, mas não encontrava um lugar para seu descanso, até que viu, à distância, uma casa iluminada. Ele foi até a casa, bateu na porta, mas ninguém atendeu. Ele viu que a porta estava aberta, entrou na casa e encontrou duas jovens sentadas perto da lareira, costurando. Ele falou com elas, mas elas não responderam. Ele se aproximou e falou novamente, mas elas não responderam. O abade estava perplexo e sentou-se atrás delas. Elas olharam o abade mas não falaram. Nesse momento, a mãe das meninas entrou na sala. O abade não sabia que suas filhas eram surdas? Ele não sabia, mas agora entendia porque elas não haviam lhe respondido. Contemplando as moças, o abade compreendeu sua vocação.¹³⁶

A igreja Católica foi a pioneira em desenvolver métodos da comunicação para fazer com que as pessoas Surdas pudessem ser entendidas. Em mosteiros, os padres católicos colocaram em prática a comunicação gestual, pois os mesmos haviam feito voto de silêncio. Dessa forma, passaram a se comunicar através de gestos. Com o passar dos anos, os mosteiros foram aperfeiçoando essa comunicação, colocando-a em prática na educação religiosa dos Surdos.

O grande precursor da comunicação em língua de sinais foi o francês abade de L’Epée. Ele assumiu a educação de duas gêmeas (Figura 7) que estavam sendo ensinadas pelo padre Vanin, o qual havia falecido. Com receio que as gêmeas morressem na ignorância religiosa, de L’Epée passa a educá-las.

Dessa maneira, no ano de 1760 ele passa a utilizar uma nova metodologia deixando para trás o método utilizado pelo padre Vanin que ensinava através de comparações de figuras do Cristianismo. Ele passa a apontar os objetos e escrever o nome correspondente na lousa. L’épée também coloca em prática o alfabeto manual ou datilologia. Com esses dois métodos, as gêmeas aprenderam a ler e a escrever o nome dos objetos. No entanto, ele tinha consciência que esses métodos eram limitados porque não utilizavam a gramática e tão pouco o sentido abstrato fundamental para o ensino religioso.

L’épée começa a observar que as meninas se comunicavam através de gestos. Então ele passa a aprender e a colocar em prática durante suas aulas, tendo contribuído significativamente para facilitar a vida das pessoas Surdas de Paris.

¹³⁶ PADDEN & HUMPHRIES, 1998, p. 27 *apud* LULKIN, 2000, p. 57.

É certo que o objetivo central de L'epée era utilizar a educação para catequizar aos Surdos, dando-lhes oportunidade de poder praticar dos ritos e cânones católicos. Sobre o exposto, Monteiro reflete:

De L'epée se fundamentou em duas obras de Rousseau das quais até hoje podemos encontrar, quais são: *Ensaio sobre a origem das línguas* e *Discurso sobre a desigualdade entre os homens*. Ele contextualizou suas concepções – ideias respeito da cultura e língua de surdos. Com isso o Deus cristão 'deixa' de ser oral para tornar-se um 'sinalizador'.¹³⁷

Sobre o sentido do sagrado emergir a partir das sinalizações, percebemos que os Surdos, em Belém/PA, imprimem sobre a língua de sinais a marca principal da territorialidade em espaços sagrados. É por meio dela que eles exercem sua fé no transcendente, definindo configurações de poder a partir da sua língua e cultura espaço-visual.

Durante as investigações empíricas, detectamos trinta e uma instituições religiosas com ações voltadas para atender o *homo religiosus* Surdo. Percebemos que a Igreja Católica, a Igreja Batista, o Salão das Testemunhas de Jeová e a Igreja Evangélica Assembleia de Deus são as instituições que possuem um trabalho de maior repercussão, porém já é possível encontrarmos Surdos em outras cosmovisões, demonstrando assim que as comunidades religiosas já iniciam processos de aberturas para a acolhida destes indivíduos, gerando multiterritorialidades, nestes espaços e sentimentos de pertença religiosa pelos sujeitos da pesquisa. Sobre o leque religioso, Gil Filho, reflete:

O pluralismo religioso cada vez se consolida como uma realidade social urbana, fruto da dinâmica cultural pós-moderna. A pós-modernidade representa, entre outras características, a implosão dos grandes paradigmas e a fragmentação do conhecimento. No plano das instituições religiosas, configura-se como a relatividade dos discursos no que tange as respostas ao mundo em constante mutação.¹³⁸

Observamos, assim que, no contexto pós-moderno, a compreensão de sagrado se amplia e muitos discursos religiosos passam a emergir no campo social, gerando uma sociedade com múltiplas identidades religiosas definidas a partir de inúmeras cosmovisões. A identidade religiosa é uma construção histórico-cultural. Ela é mediada pelo sentimento de pertencer ao sagrado, ser parte dele, mas também de sentir que ele pertence ao indivíduo. Este sentir, oportuniza ao homem participar e praticar no espaço sagrado ações individuais e coletivas em prol da sacralização do eu e do mundo.

¹³⁷ MONTEIRO, 2009, p. 20.

¹³⁸ GIL FILHO, 2012, p. 57.

O sentimento de identidade religiosa, de acordo com Gil Filho é fruto de “uma construção que remete à materialidade histórica, à memória coletiva e a espacialidade da própria revelação religiosa processada em determinada cultura”.¹³⁹

Conforme explicitamos anteriormente pela fala de Monteiro o transcendente “‘deixa’ de ser oral para tornar-se um ‘sinalizador’”. Sob essa lógica, o *homo religiosus* Surdo passa a atribuir sinais-termos aos espaços sagrados a partir das experiências visuais, mediados por sua língua. Sobre o assunto, Raffestin reflete:

A língua constitui o capital constante de todo trabalho linguístico ulterior, isto é, de toda expressão e de toda comunicação. Mas esse capital constante permanece uma coisa morta se a ele não é acrescentado um capital variável, constituído pela força de trabalho linguístico dos homens que falam e que entendem essa língua.
[...] É por meio desse capital complexo que se realiza a comunicação, definida como ‘a produção e a circulação de mensagens no campo de uma comunidade linguística’.¹⁴⁰

Dessa forma, podemos inferir que quando o sujeito Surdo produz circulação de mensagens em língua de sinais dentro dos espaços sagrados, ele age a partir de configurações de poder mediadas por particularidades de sua comunidade linguística. Sendo assim, os sinais-termos atribuídos a estes espaços são dados a partir do momento que estes sujeitos criam uma identidade com o lugar, demonstrando assim, que uma mesma cosmovisão, poderá ter mais de um sinal-termo associado ao seu nome em língua portuguesa, pois cada espaço sagrado, carrega em si, suas distinções a partir da sua construção simbólica e da relação identitária do *homo religiosus* Surdo individual ou coletivamente no tempo e no espaço que as constituem. É o que Gil Filho chama de *identidade projetada* a qual “se dá quando os atores sociais constroem uma nova identidade baseada na redefinição de suas posições sociais, as quais possibilitam uma transformação da estrutura social”.¹⁴¹

Dessa maneira entendemos que as territorialidades de Surdos em espaços sagrados emergem a partir do momento em que projetos de valorização das particularidades étnico-linguísticas são desenvolvidos. Observamos também, a partir das investigações empíricas que a permanência dos Surdos num determinado espaço sagrado depende de estruturas de territorialidades que valorizem a cultura espaço-visual, pois elas passam a ser vistas como expressões dessa territorialidade em relação ao espaço secular em diversas escalas. A configuração da territorialidade de Surdos em espaços sagrados como forma simbólica emerge a partir das práticas cotidianas desses indivíduos, partícipes da organização religiosa.

¹³⁹ GIL FILHO, 2012, p. 73.

¹⁴⁰ RAFFESTIN, 1993, p. 99.

¹⁴¹ GIL FILHO, 2012, p. 71.

3 TERRITÓRIOS DO SILÊNCIO: UMA CARTOGRAFIA DOS ESPAÇOS SAGRADOS COM AÇÕES PARA SURDOS NA CIDADE DE BELÉM/PA

Antes de adentrarmos nos dados obtidos durante as investigações empíricas, precisaremos discorrer sobre os tipos de espaços sagrados para, posteriormente, localizar qual campo espacial iremos retratar como nosso recorte nesta pesquisa. Como já dissemos anteriormente, a porta de um espaço sagrado é o limiar entre o sagrado e o profano, porém convém saber que existem outros tipos de espaços sagrados categorizados por João Victor Gonçalves Ferreira, a saber: i) *espaços institucionalizados*; ii) *espaços externos* e iii) *espaços particulares*.¹⁴²

Dessa maneira, compreendemos ser preciso mostrar as três categorias, porém ressaltamos que esta pesquisa busca aprofundar a análise acerca da primeira. Sobre o assunto Ferreira reflete:

A primeira categoria está associada ao que Rosendhal (2013) chama de território religioso, sendo na realidade a materialização desse território em um espaço. A propriedade principal dos espaços institucionalizados, que comumente são [...] templos religiosos, é que esses espaços são construídos, geridos e organizados segundo dogmas de uma religião específica, cobertos de símbolos que fazem com que, diferente de outros espaços, seja efetivamente reconhecido, por praticantes ou não da religião a qual está direcionado, como um espaço sagrado. [...] Segunda categoria, os espaços externos: ainda que se estenda a outras práticas religiosas, essa categoria está muito ligada as práticas de matriz afro por uma característica fundamental que estas possuem: as divindades cultuadas nessas religiões, como destaca Maurício (2011), são associadas a natureza, florestas, praias, campos e ruas, espaços atribuídos e designados a uma ou mais divindades, sendo por isso sagrados para os fiéis. [...] nos espaços externos nos deparamos com espaços que, aos olhos dos leigos são espaços profanos, cotidianos e não orientados, mas para o religioso aquele é um espaço sagrado onde práticas de fé ocorrem em momentos determinados. [...] Por fim, a última categoria é a de espaços particulares [...] neste caso, são espaços não reconhecidos por nenhuma religião, além de não serem comumente explorados por práticas religiosas. Essa categoria está basicamente associada a propriedades privadas, que possuem acesso amplo e não restrito. Bares, casas de show, agremiações de escolas de samba entre outros, atribuídos a práticas profanas quase que de forma direta, mas que em alguma circunstância específica [...] se apresentam sagrado ou imbuídos de sacralidade.¹⁴³

Durante as investigações empíricas detectamos trinta e um espaços sagrados *institucionalizados* em Belém/PA com ações para Surdos. Por fins didáticos, categorizamos estes espaços em: i) cosmovisão de matriz profética e ii) cosmovisão de matriz espiritualista.

Tal denominação foi baseada nos estudos de Irineu Wilges o qual explicita sobre o conceito dessas duas categorias, a saber:

¹⁴² FERREIRA, João Victor Gonçalves. Espaços sagrados e suas contruções: discussões e práticas. In: *XVIII Encontro Nacional de Geógrafos* (Anais). São Luis, p. 01-10, 2016, p. 3.

¹⁴³ FERREIRA, 2016, p. 3.

3) *Religiões proféticas* são aquelas que tem como fonte um profeta que comunica a revelação recebida de Deus. Profeta significa porta-voz de Deus. São, sobretudo, o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo.

4) *Religiões espiritualistas* são aquelas que têm como fonte a revelação dos espíritos. Classificamos entre elas o Espiritismo de Allan Kardec e a Umbanda.¹⁴⁴

Adiante evidenciaremos um breve histórico dos espaços pesquisados, relacionando as configurações de território e territorialidades que incidem sobre cada um deles. Para a coleta de dados, utilizamos uma entrevista semi-estruturada composta por dez questões. A apresentação das instituições seguirá uma ordem cronológica do surgimento das ações para Surdos.

3.1 Estudos de caso

A seguir, serão apresentados os estudos de casos, gerados a partir dos dados coletados através das investigações empíricas nas cosmovisões que compuseram os lócus desta pesquisa. Por meio das entrevistas, foi possível capturar as memórias e histórias que compuseram os enredos do corpus de instituições religiosas com ações para Surdos em Belém do Pará e, também, identificar as marcas da cultura Surda que incidiu sobre esses espaços, revelando configurações territoriais de Surdos a partir do uso da Libras.

3.1.1 *Primeira Igreja Batista de Belém (PIB)*

Situada na Av. Assis de Vasconcelos, 817 - Campina, Belém – PA região central da cidade. A PIB iniciou ações para Surdos no final da década de 1980, quando fundou o *Ministério do Silêncio Mãos e Adoração*. O trabalho foi criado pela ex membro dessa igreja, Edilene Frazão. “Edilene se interessou pela novidade que havia chegado junto com um membro da PIB de Goiânia, Ana Cristina Fundaram o ministério que, na época, era composto por trinta Surdos”.¹⁴⁵

Esse trabalho influenciou a fundação de outros ministérios como o da Igreja Batista Equatorial, o Ministério da PIB no Guamá, PIB da Pedreira. Trata-se de um importante trabalho para o desenvolvimento de ações para Surdos em Belém, não apenas por ser a

¹⁴⁴ WILGES, Irineu. *Cultura Religiosa: as religiões no mundo*. 20. ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 2014, p. 24.

¹⁴⁵ LIMA, Luciana Coelho Rodrigues. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 09 de out. 2017.

pioneira, mas também por ter sido responsável em desenvolver cursos de Libras antes da Lei nº 10.436/02, legislação que reconhece a Libras como a segunda língua oficial do Brasil.

Atualmente, o ministério está organizado da seguinte forma: i) número de surdos participantes: quatro membros da igreja e mais dois congregados; ii) número de Interpretes de Libras: dez.

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
		SINAL-TERMO NÃO CATALOGADO
IGREJA BATISTA	PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE BELÉM (PIB)	MINISTÉRIO DO SILÊNCIO MÃOS EM ADORAÇÃO

Quadro 4: Sinais-termos relacionados à PIB.

3.1.2 Igreja Batista da Agulha

Situada na Rua Oito de Maio, 80 - Campina (Icoaraci), Belém – PA, trata-se de um espaço sagrado localizado na zona distrital de Belém. A história da ação com Surdos neste espaço é marcada por rupturas, a saber: i) O primeiro nome da ação para Surdos foi *Ministério do Silêncio*, fundado no ano de 1996 pelos únicos dois membros do grupo, Edileuza de Castro Machado (ouvinte) e Ezequiel Eduardo Pantoja (Surdo).

No ano de 1998, esse grupo se desintegrou, pois a Edileusa se formou Teologia, tendo retornado para São Luis/MA; ii) No ano de 2005, o grupo é fundado novamente com o nome de *Ministério Vendo Vozes*, (em alusão ao livro de Oliver Sacks intitulado *Vendo Vozes*) pelos únicos dois membros do grupo, Helineh Amorim Lemos (ouvinte) e Ezequiel Eduardo Pantoja (Surdo).

Atualmente, o ministério está organizado da seguinte forma: i) número de Surdos participantes: oito; ii) número de Interpretes de Libras: quinze.

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
		
IGREJA BATISTA	IGREJA BATISTA DA AGULHA	MINISTÉRIO VENDO VOZES

Quadro 5: Sinais-termos relacionados à Igreja Batista da Agulha.

No que tange o nome dos bairros Campina e Campina de Icoaraci, a partir dos estudos de Raquel Rolnik podemos analisar o processo de dicotomização da cidade em centro e periferia. A autora analisa a cidade de São Paulo e no que ela denominou de *máquina da exclusão territorial*, informa que nos centros urbanos pode haver elementos que se confundem por possuir nomenclaturas similares, a pesar de não serem em nada similares. Sobre o assunto a autora diz “Só quem conhece a cidade, consegue entender como nomes tão parecidos podem designar territórios tão diferentes [...] Jardim Paulista e Jardim Ângela, Cidade Jardim e Cidade Tiradentes, Higienópolis e Paraisópolis.”¹⁴⁶

Vale frisar que essa confusão também se dá no campo da religião, confundindo os sujeitos que transitam pela Praça da República ou a Praça Batista Campos, localizadas em áreas nobres de Belém e observamos pastores de igrejas Neo Pentecostais pregando nas ruas, o que nos dá uma falsa impressão que esses segmentos religiosos também se localizam nas áreas centrais da cidade.

3.1.3 Igreja Católica

A *Pastoral do Surdo* em Belém, com sede no Instituto Felipe Smaldone, situado na Travessa 14 de Março, 854 - Umarizal, bairro situado no centro da cidade, foi criada pela Irmã Círia Gomes e o tradutor/interprete de Libras Wanderlei Ribeiro, no ano de 1994. O trabalho iniciou contando com a participação de trinta Surdos e três tradutores/interpretes de Libras.

A *Pastoral do Surdo* está organizada, hoje, da seguinte forma: i) número de Surdos participantes: vinte; ii) número de Interpretes de Libras: quatro.

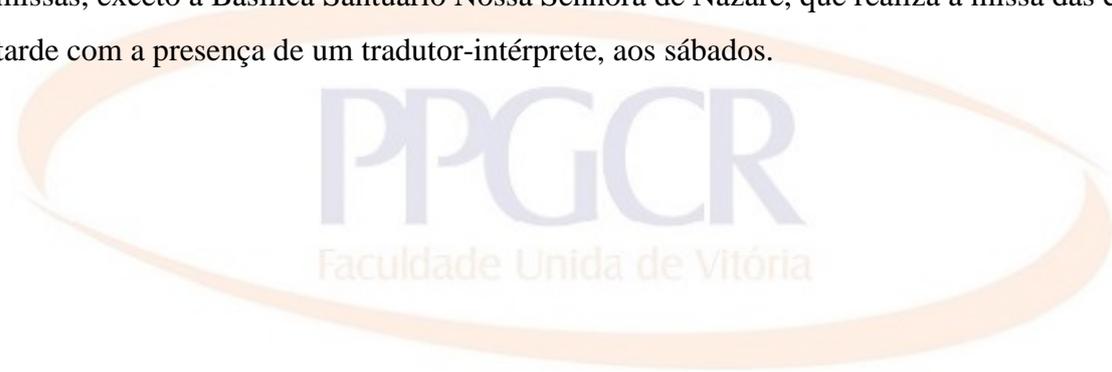
¹⁴⁶ ROLNIK, Raquel. *São Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2003, p. 76.

Frisamos que a ação da Pastoral do Surdo se estendeu a outros espaços sagrados *institucionalizados* da Igreja Católica em Belém, porém todos são gestados pela mesma administração. Dessa forma, representaremos esses espaços como ramificações do primeiro.

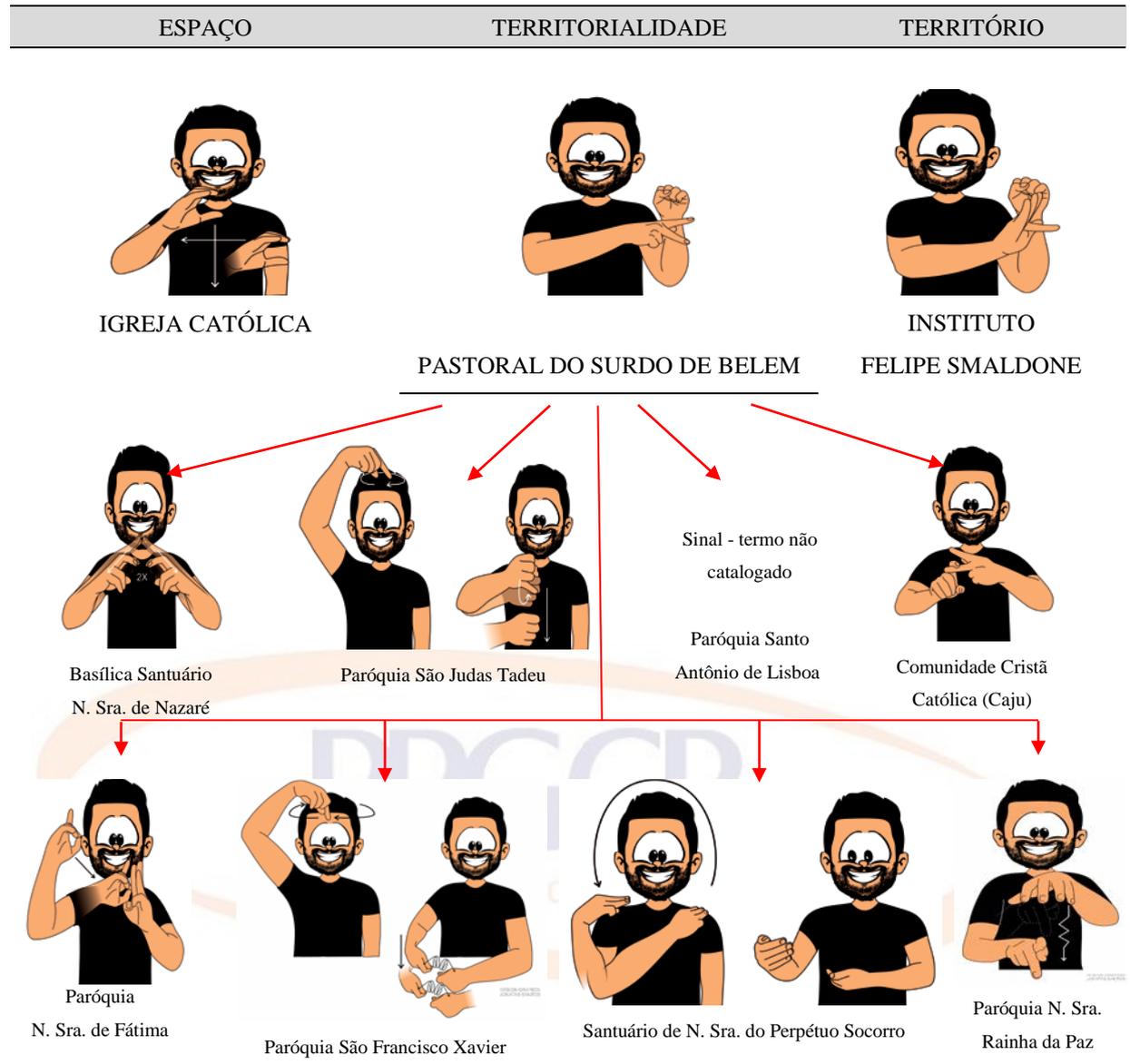
A partir da análise do Mapa 1 podemos perceber que dos nove espaços sagrados católicos *institucionalizados*, apenas um está localizado na área de aglomerados subnormais. Essa observação corrobora com o apontado por Pereira ao dizer que:

É importante observar, porém, que a maioria desses bairros que aparecem em destaque no mapa da região central, que podemos chamar de *bairros católicos*, é a área habitada pelas camadas mais altas da cidade. [...] vamos olhar a partir da periferia em direção ao centro-sul da cidade. Percebemos, dessa maneira, que a presença católica aumenta, até chegar ao miolo [...].¹⁴⁷

Também podemos observar a partir dos dados colhidos durante a pesquisa que as igrejas católicas históricas ainda não contemplam processos de tradução em Libras durante as missas, exceto a Basílica Santuário Nossa Senhora de Nazaré, que realiza a missa das cinco da tarde com a presença de um tradutor-intérprete, aos sábados.



¹⁴⁷ PEREIRA, 2009, p. 110.



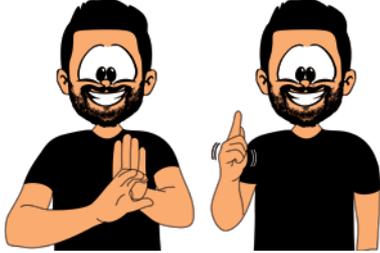
Quadro 6: Sinais-termos relacionados à Igreja Católica da Diocese de Belém.

3.1.4 Igreja Batista do Guamá

Fundada em 18 de maio de 1956, a igreja está situada no bairro do Guamá, um aglomerado subnormal bastante conflituoso. A igreja está localizada na Rua Barão de Igarapé Miri, 120 - Guamá, Belém – PA.

O *Ministério com Surdos Mãos que Louvam* foi fundado pelo membro Surdo, Arlindo Gomes de Paula em 2000. Atualmente ele está organizado da seguinte forma: i) número de Surdos participantes: dois membros da igreja; ii) número de Interpretes de Libras: quatro.

Esse ministério demonstra que os agentes religiosos envolvidos nele, possuem conhecimentos políticas das lutas para territorialização das comunidades Surdas brasileiras. Prova disso foi a realização, em 30 de setembro de 2017, do 1º Culto em Agradecimento ao Dia do Surdo, onde se realizou atividades religioso-culturais que congregaram apoio a questões de ordem política da comunidade Surda.

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
		SINAL-TERMO: NÃO CATALOGADO
IGREJA BATISTA	IGREJA BATISTA DO GUAMÁ	MINISTÉRIO COM SURDOS MÃOS QUE LOUVAM

Quadro 7: Sinais-termos relacionados à Igreja Batista do Guamá.

3.1.5 Assembleia de Deus

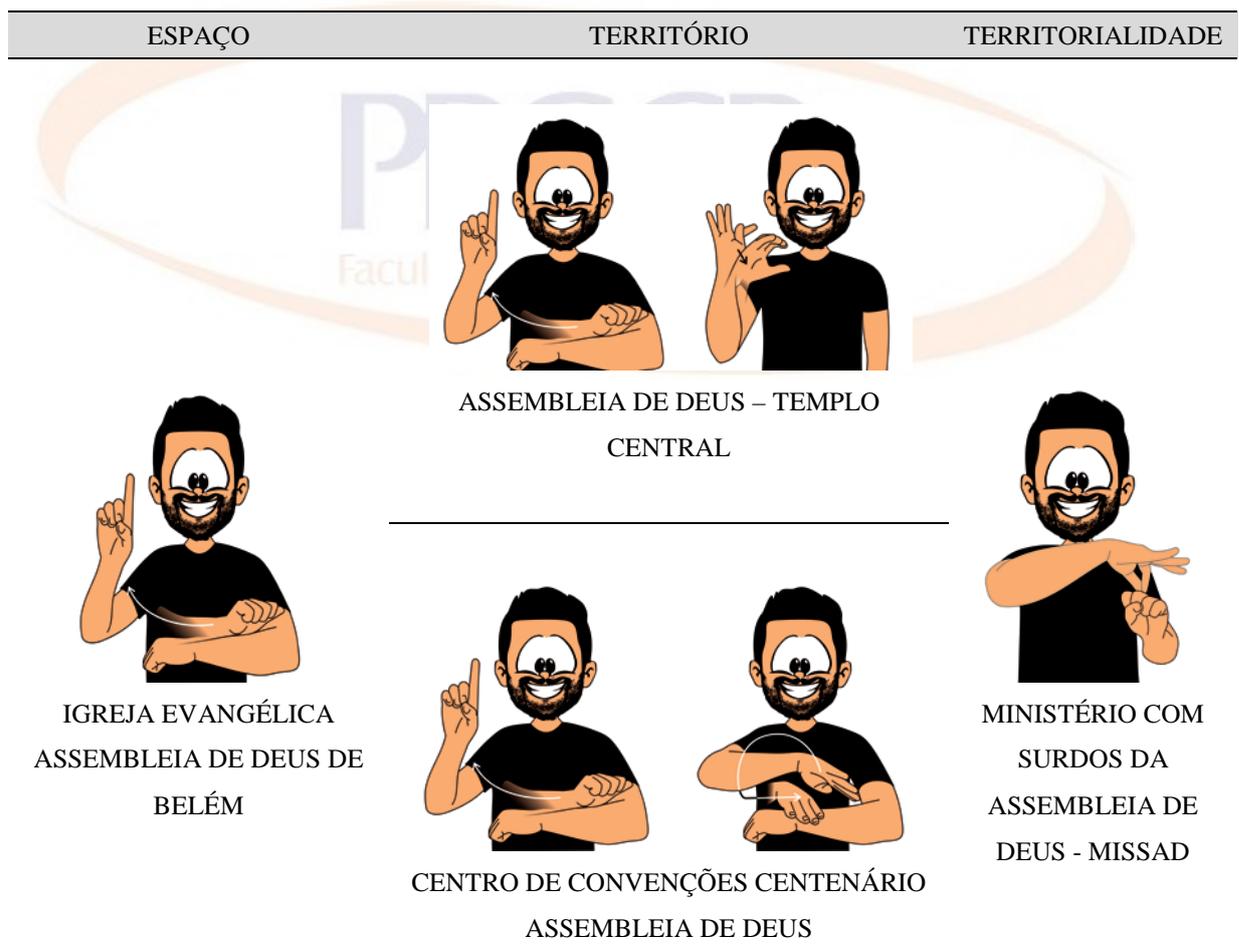
Em Belém, essa instituição possui dois espaços sagrados *institucionalizados* com ações para Surdos. O primeiro o Templo Central (TC), situado na Av. Gov. José Malcher, 1571 - Nazaré, Belém - PA, região central de Belém. O Ministério com Surdos da Assembleia de Deus foi fundado em 09 de maio de 2001. Nesta época, se chamava *Ministério Surdos para Cristo (MSC)*, tendo sido iniciado por Sônia Ferreira Rocha de Carvalho e contou com a participação da única surda membro na época, Waldéria do Espírito Santo Fonseca. Atualmente ele é denominado *Ministério com Surdos da Assembleia de Deus – MISSAD*. No TC está organizado da seguinte forma: i) número de Surdos participantes: oitenta; ii) número de Interpretes de Libras: sete.

O segundo, o Centro de Convenções Centenário (CCC). No ano de 2011 a Igreja Assembleia de Deus estava completando cem anos. Nesse ano foi inaugurado o CCC, situado na Rod. Augusto Montenegro, 12613 - Castanheira, Belém – PA, área adjacente da cidade. Neste mesmo ano, fundou-se neste espaço sagrado o *MISSAD Centenário*. Atualmente o *MISSAD Centenário* está organizado da seguinte forma: i) número de Surdos participantes: dez ii) número de Interpretes de Libras: quatro.

A partir do organograma da *MISSAD*, podemos mensurar algumas questões que seguem um padrão emblemático, próprio das Igrejas Assembleia de Deus. Em ambos as

comunidades ministeriais surdas, o perfil da liderança é: pessoas ouvintes, do sexo masculino, pastores, casados, usuários da Libras, porém não fluentes. Acreditamos que essa padronização seja uma tentativa de legitimar a missão com Surdos como uma prática missionária com o mesmo grau de importância que as missões com crianças, jovens, adolescentes, famílias, plena idade e mulheres, embora, ao analisar a página online da instituição¹⁴⁸ não encontramos o registro desta missão com Surdos, contendo apenas as outras citadas.

Outro ponto de análise se trata das funções exercidas. Em nosso contexto empírico de investigação, observamos que algumas funções são desempenhadas por Surdos, o que confere um desenho pedagógico e performático que corrobora com os “artefatos culturais do povo Surdo”¹⁴⁹ como, por exemplo: a função de professor da Escola Bíblica Dominical Surda – EBDS, são desempenhas por quatro Surdos, a vice-liderança é Surda e o apoio conta com a participação de seis obreiros Surdos.



Quadro 8: Sinais-termos relacionados à Igreja Assembleia de Deus em Belém/Templo Central

¹⁴⁸ Disponível em: <<http://adbelem.org.br/portal/category/plena-idade/>>. Acesso em: 29 out. 2017.

¹⁴⁹ Karin Strobel aponta em seu livro oito artefatos culturais do povo surdo: experiência visual, desenvolvimento lingüístico, família, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais. Ver: STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016, p. 43-98.

3.1.6 Igreja Batista da Pedreira

Igreja fundada em 18 de maio de 1956, situada à Av. Pedro Miranda, 1347 – Pedreira, Belém – PA, área adjacente da cidade. Em agosto de 2001 foi fundado o *Ministério do Silêncio* por Izabele Cristina Costa. Inicialmente a ação com Surdos era formada por vinte Surdos. Atualmente o ministério está em processo de desterritorialização devido a falta de tradutor/interpretes de Libras.

O *Ministério do Silêncio* está organizado da seguinte forma: i) número de Surdos participantes: um ii) número de Interpretes de Libras: indefinido devido a constante oscilação.

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
		
IGREJA BATISTA	IGREJA BATISTA DA PEDREIRA	MINISTÉRIO DO SILÊNCIO

Quadro 9: Sinais-termos relacionados à Igreja Batista da Pedreira.

3.1.7 Salão do Reino das Testemunhas de Jeová – Congregação em língua de sinais (LS)

Em Belém há três Congregações em LS. As estruturas de territorialidades são as mesmas em todas as reuniões de Belém e do Brasil onde há congregações com esse perfil. Vale ressaltar que o trabalho com LS, em Belém, iniciou-se em 1994 quando foi formada a primeira turma que aprendeu língua de sinais na Travessa Mauriti, no bairro do Marco. Posteriormente, esta congregação foi dividida em três, na região da cidade, a saber:

i) A *Congregação em Língua de Sinais de Icoaraci* – Situada na Travessa Moura de Carvalho, 94- Campina (Icoaraci), Belém – PA. Trata-se de um espaço sagrado localizado na zona distrital de Belém, criada no ano de 2003. A necessidade da divisão deu-se em função da acessibilidade congregacional das testemunhas de Jeová que residem no distrito de Icoaraci. Atualmente a congregação está organizada da seguinte forma: i) Surdos publicadores batizados: quatro; ii) Surdos publicadores não batizados: três, iii) Surdos Estudantes: dez, iv) Surdos e ouvintes visitantes: variado.

ii) A *Congregação em Língua de Sinais da Augusto Montenegro* – Passagem Astronauta II, 11 - Parque Verde, Belém - PA, localizada na periferia de Belém, foi criada em 2008 e, atualmente, possui seis Surdos publicadores, além dos visitantes.

iii) A *Congregação em Língua de Sinais do Umarizal* – Tv. Nove de Janeiro, 280 - Umarizal, Belém – PA, bairro localizado na região central da cidade. Foi criada em agosto 2016. Atualmente, essa congregação tem em média a participação de quarenta Surdos, semanalmente, além dos visitantes ouvintes usuários de Libras.

Todas as reuniões são programadas e iguais em todo o Brasil. Logo ocorre a mesma programação em todas as congregações em LS. Essa programação está disponível no *site* <http://www.jw.org>, aberta ao público. Não há interpretes de Libras, porque a reunião é realizada em Libras e, todos os participantes, Surdos e ouvintes, utilizam-se da língua para acompanhar a pregação e ensinamentos.

ESPAÇO

TERRITÓRIO

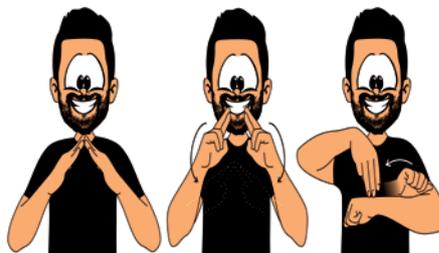
TERRITORIALIDADE



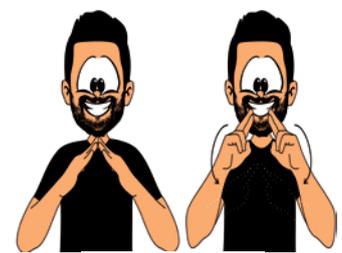
SALÃO DO REINO DAS
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ –
UMARIZAL



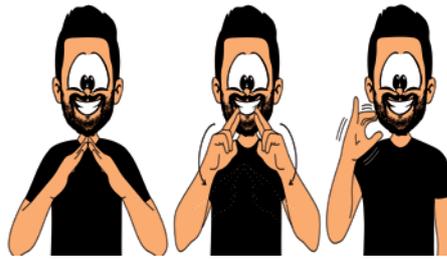
SALÃO DO REINO DAS
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ



SALÃO DO REINO DAS
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ –
AUGUSTO MONTENEGRO



CONGREGAÇÃO EM LS



SALÃO DO REINO DAS
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ –
ICOARACI

Quadro 10: Sinais-termos relacionados ao Salão das Testemunhas de Jeová – Congregação em LS em Belém.

3.1.8 Igreja do Evangelho Quadrangular do Umarizal

Situada na Av. Senador Lemos, 761 - Telégrafo Sem Fio, Belém – PA. Essa instituição, no ano de 2004, criou o *Ministério com Surdos Haja Luz*, tendo sido fundado pela irmã Fernanda Menezes. O ministério iniciou com a participação de oito Surdos. Atualmente, está organizado da seguinte forma: i) número de Surdos participantes: oito; ii) número de Interpretes de Libras: quatro.

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
 <p>IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR</p>	<p>NÃO TEM SINAL-TERMO</p> <p>IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR - UMARIZAL</p>	 <p>MINISTÉRIO COM SURDOS HAJA LUZ</p>

Quadro 11: Sinais-termos relacionados à Igreja do Evangelho Quadrangular do Umarizal.

3.1.9 Casa Grande de Mina Jêje-Nagô de Toy Lissá & Abê Manja Huevy

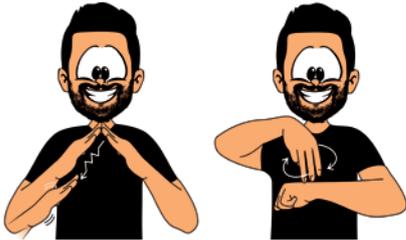
Trata-se de um terreiro da religião Tambor de Mina de tradição *Jêje Nagô*, localizado no bairro do Coqueiro, periferia de Belém/PA, sito no Conjunto Residencial Pedro Teixeira, Rua Um, 122-124 - Coqueiro, Belém – PA.

A chegada do primeiro filho de Santo Surdo neste espaço sagrado se deu em 2004, tendo seu processo iniciático em 2006. Diferentemente das religiões de matriz profética, o Tambor de Mina passa a desenvolver ações para Surdos a partir da entrada desses sujeitos no terreiro. Neste ambiente não há tradutores/interpretes de Libras, tendo o *homo religiosus* Surdo revelado a sua religiosidade a partir campo sagrado gestual-visual não linguístico (mímicas, apontações, ensinamentos por meio de práticas, participação nos rituais); é o que Eliade denominou de “*sinais*” do sagrado, permitindo-o acessar as experiências com o sagrado.

Atualmente o terreiro recebe em torno de sete Surdos em seus cultos. Observamos a necessidade desse terreiro iniciar um processo de aprendizagem da língua de sinais, a fim de oportunizar ainda mais informações e conhecimentos aos filhos de Santo Surdos ou aos visitantes Surdos.

Dias e Santiago-Vieira ao analisar a inclusão de Surdos nos espaços do terreiro do Tambor de Mina, nação *Jeje Nagô*, refletem que:

O processo de inclusão de Surdos¹⁵⁰ nas religiões afro-brasileiras não é algo ordinário pela grande maioria das casas de culto. A partir de Assis Silva (2012), notamos que a inclusão de Surdos nos espaços religiosos está associada às vertentes cristãs, dentre elas: catolicismo, protestantismo histórico (batistas e luteranos) e pentecostais. Entretanto, não é dos tempos hodiernos a inclusão social de pessoas com deficiência na religião, contudo, essa questão ainda é pouco desvendada, principalmente quando se trata da cultura religiosa afro-brasileira, incluindo o Surdo nesse contexto.¹⁵⁰

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
 <p>TAMBOR DE MINA</p>	 <p>CASA GRANDE DE MINA JEJE NAGÔ DE TOY LISSÀ & ABÊ MANJÁ – HUEVY</p>	

Quadro 12: Sinais-termos relacionados à Casa Grande de Mina *Jêje-Nagô de Toy Lissà & Abê Manjá Huevy*.

¹⁵⁰ DIAS; SANTIAGO-VIEIRA, 2017, p. 27.

3.1.10 Igreja Adventista do Sétimo Dia

O *Ministério Adventista dos Surdos (MAS)*, trata-se de um ministério desenvolvido no território nacional. Ao todo são mais de cem *MAS* espalhados por todo o Brasil. Em Belém do Pará, detectamos a presença de dois espaços sagrados que desenvolvem as ações do *MAS*, a saber:

i) Igreja Adventista do Sétimo Dia – Marco 1 – O *MAS Marco 1* foi fundado em 2006 por Nazaré Ribeiro Aires e contou com a presença inicial de três Surdos. A Igreja Adventista Marco 1 está situada na Tv. Barão do Triunfo, 3590 - Marco, Belém – PA. Atualmente o *MAS Marco 1*, encontra-se estruturado da seguinte forma: i) número de Surdos participantes: um ii) número de Interpretes de Libras: dois.

ii) O *MAS Coqueiro* foi oficializado pela comissão da igreja em 2014, porém em 2013 o casal de Surdos Douglas Domingos da Silva e Karen Daniela Sanches passam a frequentar a Igreja Adventista do Coqueiro, situada na Rod. Mário Covas, 398 – Coqueiro, região adjacente e zona de fronteira entre os municípios de Belém e Ananindeua. Eles dois fundaram o *MAS Coqueiro*, contando com a presença de doze Surdos. Atualmente o *MAS Coqueiro*, encontra-se estruturado da seguinte forma: i) número de Surdos participantes: oito; ii) número de Interpretes de Libras: três.

Observamos que o *MAS Coqueiro* foi criado a partir da desterritorialização de Surdos no espaço sagrado da Igreja Adventista – Marco 1. De acordo com Maria de Nazaré de Leão Moraes Siqueira:

O início se deu, por falta de apoio da igreja onde, anteriormente, freqüentavam; tanto é que a igreja do Marco não reconhecia o *MAS* (Ministério Adventista dos Surdos), e os incluía no ministério dos deficientes, alguma situação assim, então a irmã Nazaré Aires, que era a intérprete oficial deles, ela amava e ama a causa dos Surdos, sendo ela quem organizava o grupo e dela surgiu a ideia de ir para o coqueiro.¹⁵¹

Sobre o assunto, Jussara Rêgo, reflete que:

[...] sua condição de territórios é sustentada por estes se apresentarem como produtores do espaço urbano e que, como consequência dos processos de segregação que caracterizam a cidade, sofrem continuados processos de desterritorialização de sua espacialização e funcionamento, enquanto grupo religioso de vivência comunitária, pelos grupos de maior poder de pressão. [...] eles possuem uma forma de organização espaço-temporal característica de um grupo que tem uma identidade própria e se reproduz socialmente; e ainda, possuem domínios territoriais

¹⁵¹ SIQUEIRA, Maria de Nazaré de Leão de Moraes. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 05 de out. 2017

demarcados, com variações na espacialidade da cidade, visíveis em temporalidades determinadas por relações sociais.¹⁵²

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
		NÃO TEM SINAL-TERMO
IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA	IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA – MARCO 1	
		MINISTÉRIO ADVENTISTA DOS SURDOS
	IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA – COQUEIRO	

Quadro 13: Sinais-termos relacionados à Igreja Adventista do Sétimo Dia

3.1.11 Igreja Presbiteriana Central do Pará (Ipcpa)

Localizada na Tv. Eneas Pinheiro, 1752 - Marco, Belém – PA. Mantida pela Associação Reformada Palavra da Verdade, é uma igreja filiada a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), sendo uma instituição de origem reformada. A IPCPA foi fundada em 1982. As ações para Surdos iniciam em 2006 por iniciativa dos membros Fernanda Menezes e Américo Lamas Menezes (atualmente Pastor da Igreja), tendo a participação de uma Surda. O trabalho

¹⁵² RÊGO, Jussara. Territórios do Candomblé: a desterritorialização dos territórios na região metropolitana de Salvador, Bahia. In: In: *GeoTextos*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 31-85, 2006, p. 33.

está estruturado atualmente da seguinte forma: i) número de Surdos participantes: um; ii) número de Interpretes de Libras: três.

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
		
IGREJA PRESBITERIANA	IGREJA PRESBITERIANA CENTRAL DO PARÁ	

Quadro 14: Sinais-termos relacionados à Igreja Presbiteriana Central do Pará.

3.1.12 Igreja Batista do Sorriso

Situada na R. Chicó Mendes, 65 – Paracuri I (Icoaraci), Belém – PA, região distrital. Neste espaço sagrado existe, desde o ano de 2007, o *Ministério Adoradores no Silêncio*, tendo sido iniciado por Jacineide Franco. Atualmente o grupo conta com a participação de um Surdo membro e quatro visitantes e possui dois interpretes de Libras.

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
		NÃO TEM SINAL-TERMO
IGREJA BATISTA	PRIMEIRA IGREJA BATISTA DO SORRISO	MINISTÉRIO ADORADORES NO SILÊNCIO

Quadro 15: Sinais-termos relacionados à Primeira Igreja Batista do Sorriso.

3.1.13 Comunidade Cristã de Belém

Situada na Tv. Dr. Enéas Pinheiro - Marco, Belém – PA, passou a desenvolver ações para Surdos no ano de 2008, quando foi fundado o Ministério com Surdos Efata, tendo sido

criado pela Irmã Lais Carneiro. O Efatá surge no momento em que a igreja tomou conhecimento que Lais Carneiro estava estudando Libras. Na ocasião ela foi convidada para interpretar em Libras num culto de domingo, pois uma Surda iria visitar o espaço sagrado.

Atualmente o ministério conta com a participação de uma Surda e possui três tradutores/interpretes de Libras.

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
SINAL-TERMO NÃO CATALOGADO		
COMUNIDADE CRISTÃ	COMUNIDADE CRISTÃ DE BELÉM - CCB	MINISTÉRIO COM SURDOS EFATÁ

Quadro 16: Sinais-termos relacionados à Comunidade Cristã de Belém - CCB.

3.1.14 *Videira Igreja em Células*

Atualmente está situada à R. Juracy Silva, 6 - Castanheira, Belém – PA. No ano de 2009, quando o espaço sagrado estava situado no bairro do Marco, as Irmãs Luciana de Freitas Sena e Tatiana de Brito Mota, fundaram o *Ministério Surdos com Propósito*, tendo iniciado com a presença de três Surdos.

Atualmente o Ministério com Surdos não mais existe, devido a igreja ter mudado várias vezes de endereço e, também por falta de investimento no ministério por parte da igreja. Os surdos deste ministério foram remanejados para o *MISSAD Centenário*.

Sobre o processo de desterritorialização, Santos reflete:

A discriminação social e religiosa é um fato muito presente em meio a sociedade. As igrejas em si são mentoras destas discriminações. Ainda existem muitas resistências por parte dos líderes religiosos, entre eles padres e pastores, em relação aos Surdos e também para o trabalho de evangelização dos Surdos.¹⁵³

¹⁵³ SANTOS, 2006, p. 55.

ESPAÇO	DESTERRITORIALIZAÇÃO
NÃO TEM SINAL-TERMO	NÃO TEM SINAL-TERMO
IGREJA VIDEIRA EM CÉLULAS	SURDOS COM PROPÓSITO/SURDOS RADICAIS
	
IGREJA VIDEIRA DE BELÉM	

Quadro 17: Sinais-terminos relacionados à Igreja Videira de Belém.

3.1.15 Igreja Batista em Libras

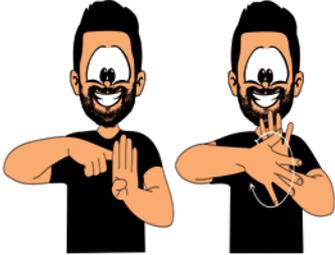
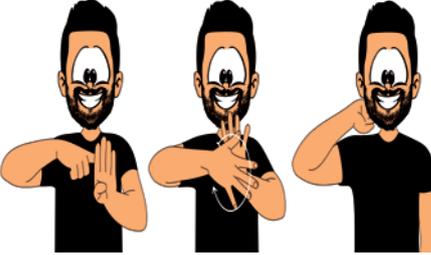
Situada na Alameda Esperança, 10 – Castanheira, Belém – PA, bairro localizado em área de aglomerados subnormais da cidade. A *Igreja Batista em Libras de Belém* ainda não está oficializada como espaço independente, funcionando como um anexo da Igreja Batista Equatorial¹⁵⁴, com sede no mesmo bairro.

A *Igreja Batista em Libras de Belém*, fundada em fevereiro de 2011 pelos missionários Surdos Everson Ewerton Correa e Ana Keyla Correa. Iniciou contando com a frequência de doze Surdos. Está vinculada ao *Ministério com Surdos de Missões Nacionais*, tendo como princípio promover o evangelho em Libras. Os cultos têm como língua usual a Língua Brasileira de Sinais, tendo a participação de membros, na maioria Surdos.

Atualmente a *Igreja em Libras de Belém* conta com a presença cinquenta Surdos e de um intérprete de Libras para auxiliar os visitantes ouvintes não fluentes na língua.

A Igreja Batista em Libras, assim como as Congregações em Língua de Sinais do Salão do Reino das Testemunhas de Jeová são lugares que carregam características diferentes por não se tratar de espaços sagrados com rituais interpretados. A ritualística é toda em Libras pois todas as pessoas que participam das reuniões são usuários da língua. Dessa forma, os denominaremos como espaços sagrados em Língua de Sinais.

¹⁵⁴ Passagem Boa Esperança, 333 - Castanheira, Belém – PA.

TERRITÓRIOS	TERRITORIALIDADE
 <p>IGREJA BATISTA EM LIBRAS</p>	 <p>MINISTÉRIO COM SURDOS DE MISSÕES NACIONAIS</p>
 <p>IGREJA BATISTA EM LIBRAS - BELÉM</p>	

Quadro 18: Sinais-termos relacionados à Igreja Batista em Libras de Belém.

3.1.16 Igreja do Evangelho Quadrangular do Guamá

Tv. Vinte e Cinco de Junho, 318 - Guamá, Belém – PA. Situada no bairro do Guamá, um aglomerado subnormal bastante conflituoso. O *Ministério Libras de Cristo* teve início no ano de 2015, tendo à frente Tatiane Carvalho e Jilda Pereira. Este trabalho sofreu influência do *MISSAD TC*. Atualmente o trabalho está configurado da seguinte forma: i) Surdos participante: dois; ii) Tradutores/intérpretes de Libras: dois.

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
 <p>IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR</p>	<p>SINAL-TERMO NÃO CATALOGADO</p> <p>CATEDRAL DA FAMILIA DO GUAMÁ</p>	<p>SINAL-TERMO NÃO CATALOGADO</p> <p>LIBRAS DE CRISTO</p>

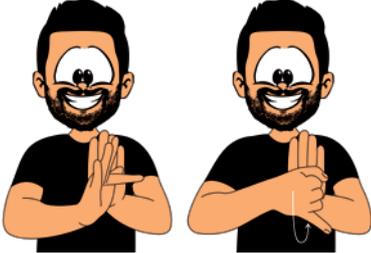
Quadro 19: Sinais-termos relacionados à Catedral da Família do Guamá.

3.1.17 Igreja Batista do Tapajós

Situado no Conjunto Residencial Tapajós, R. Cabo Frio, 2 – Tapanã (Icoaraci), Belém – PA, região distrital da cidade. Esse espaço sagrado passa a desenvolver ações para Surdos em 2016, quando Carol Ribeiro e Lucas da Silva Pantoja (da Igreja Batista da Agulha) se juntam para desenvolver a tradução/interpretação dos cultos para Libras. Foi realizado um

curso de Libras para os membros interessados. Nesse mesmo ano, passaram a visitar a igreja dois Surdos moradores do residencial.

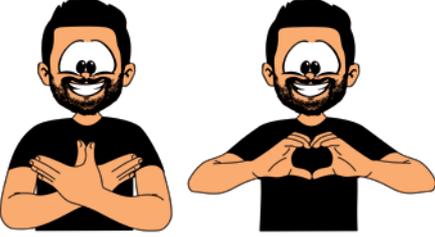
O espaço sagrado ainda não possui um ministério para Surdos oficializado, porém já apresenta configurações que apontam a possível criação já que conta com a participação de dois Surdos nos cultos dominicais e possui sete membros aptos a interpretar durante os cultos. A predominância desta ação, dar-se predominantemente no culto de domingo a noite

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
		NÃO TEM SINAL-TERMO
IGREJA BATISTA	IGREJA BATISTA DO TAPAJÓS	MINISTÉRIO ADORADORES NO SILÊNCIO

Quadro 20: Sinais-termos relacionados à Igreja Batista do Tapajós.

3.1.18 Igreja Universal do Reino de Deus (Catedral da Fé)

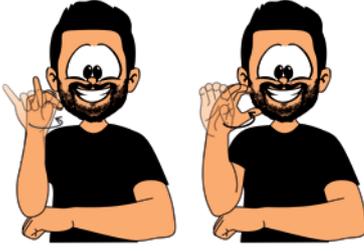
Situada na Rodovia BR-316, 318 - Castanheira, Belém – PA. Em junho de 2016, iniciou neste espaço sagrado as primeiras ações de envolvimento de jovens ouvintes com a Libras. Essa igreja tem um trabalho de ação social voltado à jovens, denominado *Força Jovem Universal – FJU/Pará*. Dentro desse projeto, em 2016, começou a ser ofertado curso de Libras pela professora ouvinte Olga Muntslag, a qual é membro de outra igreja Universal. Atualmente o *FJU/Pará* conta com a presença de dois Surdos que participam do curso de Libras. A partir das investigações empíricas, podemos observar que a igreja está em processo de capacitação para a inclusão de Surdos e uso da Libras. O espaço não conta com a presença de tradutores/intepretes de Libras durante os cultos, destinando a tratar e vivenciar a inclusão dos Surdos na quarta-feira pela tarde na reunião do *FJU/PA* por meio do curso de Libras.

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
 <p>IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS</p>	<p>SINAL-TERMO AUSENTE</p> <p>IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS – CATEDRAL DA FÉ</p>	<p>SINAL-TERMO AUSENTE</p> <p>FORÇA JOVEM UNIVERSAL – FJU/PARÁ</p>

Quadro 21: Sinais-termos relacionados à Igreja Universal do Reino de Deus – Catedral da Fé

3.1.19 Centro Espírita Yvon Costa

Situado na Tv. Francisco Caldeira Castelo Branco, 784 - Fátima, Belém – PA. Em 2016, sob iniciativa dos membros Nazaré Saldanha (ouvinte) e José Sinésio Torres Gonçalves Filho (Surdo), o *Grupo de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita para Surdos (GESDES)*, que contou com a participação inicial de quatro Surdos. O grupo está vinculado à Diretoria de Estudos Doutrinários, dirigido por Tânia Maria O. Sena. Atualmente o grupo está organizado da seguinte forma: i) seis Surdos participantes e um intérprete de Libras. Os encontros do *GESDES* ocorrem aos domingos pela tarde.

ESPAÇO	TERRITÓRIO	TERRITORIALIDADE
 <p>CENTRO ESPÍRITA</p>	 <p>CENTRO ESPÍRITA YVON COSTA</p>	<p>SINAL TERMO – AUSENTE</p> <p>GRUPO DE ESTUDOS SISTEMATIZADOS DA DOCTRINA ESPÍRITA PARA SURDOS (GESDES)</p>

Quadro 22: Sinais-termos relacionados ao Centro Espírita Yvon Costa.

3.2 Cartografias das cosmovisões com ações para surdos em Belém

Sabemos que cartografia é a representação da superfície da Terra. Existem várias formas de representá-la, sendo as mais conhecidas o globo, o mapa, a carta e a planta¹⁵⁵.

A cartografia é uma ciência muito importante, pois ela tem implicações geopolíticas. Logo, por meio da cartografia desenvolve-se “uma prática que consiste no processo de localização de determinada(o) ação, ponto ou fenômeno no espaço geográfico, contribuindo na visualização espacial do objeto de estudo e concomitantemente, favorece descobertas, formas e padrões de seu comportamento.”¹⁵⁶

Houve uma grande evolução da cartografia da época inicial aos dias de hoje. Atualmente, cartografar é uma tarefa mais fácil e com a tecnologia muitas pessoas podem realizá-la. Sobre o exposto, Christian Nunes da Silva explica:

Nos dias de hoje, essa forma de representação mudou, pois o avanço da informática possibilita a todos nós representar nossos espaços de convivência por meio do computador. Assim, o que mudou dos tempos antigos para hoje é a forma como a tecnologia está disponível, mas o interesse em mapear os lugares continua o mesmo nos seres humanos.¹⁵⁷

Através do QGIS¹⁵⁸ e ARCGIS¹⁵⁹ (utilizados para a confecção dos mapas) e o *Google Earth*¹⁶⁰ (geocodificação), mapeamos os espaços sagrados institucionalizados com ações para Surdos em Belém, para que pudéssemos realizar uma análise das distribuições deuses na *urbe*.

A pesquisa revelou a presença das seguintes cosmovisões com ações para Surdos em Belém/PA:

¹⁵⁵ O globo terrestre que é considerada a mais fiel forma de representação pois caracteriza a Terra na sua forma exata; o mapa que é a representação da superfície curva da Terra numa folha plana. Essa representação não carrega a mesma exatidão da primeira, tendo algumas deformidades, por isso a necessidade das projeções; a carta topográfica representa pequenas porções da superfície da terra e deve conter informações mais próximas do original; a planta ou o croqui é usado para construções de prédios ou espaços urbanos ou rurais.

¹⁵⁶ SILVA, Christian Nunes da. *A representação espacial e a linguagem cartográfica*. Belém: GAPTA/UFPA, 2013, p. 31

¹⁵⁷ SILVA, 2013, p. 31.

¹⁵⁸ É um software livre com sistema de informação geográfica que permite a visualização, edição e análise de dados georreferenciados.

¹⁵⁹ Fornece um conjunto único de funcionalidades para aplicar análises baseadas em localizações.

¹⁶⁰ É um programa de computador cuja função é apresentar um modelito tridimensional do globo terrestre.

Categoria	Cosmovisão de matriz profética	Espaços Sagrados
Catolicismo	1. Igreja Católica	09
	2. Igreja Adventista do Sétimo Dia	02
Protestantismo Histórico	3. Igreja Batista	06
	4. Igreja Batista em Libras	01
	5. Igreja Presbiteriana	01
Pentecostais	6. Igreja do Evangelho Quadrangular	02
	7. Igreja Evangélica Assembleia de Deus	02
Neo Pentecostais	8. Comunidade Cristã de Belém (CCB)	01
	9. Igreja Universal do Reino de Deus	01
	10. Igreja Videira em Belém	01
Outros Cristãos	11. Salão das Testemunhas de Jeová	03
Total:		29
Categoria	Cosmovisão de matriz espiritualista	Espaços Sagrados
Tambor de Mina	1. Casa Grande de Mina <i>Jeje Nagô de Toy Lissa & Abê Manjá</i> – Huevy	01
	2. Centro Espírita Yvon Costa	01
Espiritismo Kerdecista		
Total:		02

Quadro 23: Agregação das cosmovisões por matriz.¹⁶¹

Quanto ao Quadro 23, vale ressaltar os motivos que nos levaram a dividir Igreja Batista e Igreja Batista em Libras. A pesar de ambas estarem vinculadas a mesma convenção Batista, as estruturas de territorialidades que incidem sobre esses espaços não seguem uma ordem sincrônica. Sob a primeira incidem práticas audistas que demandam a presença do tradutor-interprete de Libras, já a segunda, práticas espaço-visuais, pois tanto o pastor (Surdo) como seus membros são usuários da Libras. Dessa forma, a pesar de ambas as instituições serem caracterizadas como inclusivas, devemos observar o exposto por Pereira ao dizer que:

Quanto mais atuante o fiel for na comunidade, mais incluído ele pode se considerar. A inclusão, portanto, pode ser medida pelo grau de influência nas decisões, pelo controle do território e pelo acesso, durante as cerimônias, nas repartições mais sagradas do templo. [...] Assim sendo, o trânsito nesses espaços denota tanto o grau de inclusão quanto o de exclusão de um fiel, podendo, portanto, ser caracterizado como retrato da realidade social.¹⁶²

¹⁶¹ Ressaltamos que em Belém do Pará há um terreiro de Umbanda o qual possui um Surdo que participa dos cultos, porém não nos foi concedido autorização para citar o nome da casa nesta pesquisa.

¹⁶² PEREIRA, 2009, p. 37.

Durante as investigações empíricas, observamos nos discursos dos entrevistados, membros de instituições que trabalham com processos de tradução simultânea através do tradutor-interprete de Libras, que os Surdos estão incluídos nos espaços sagrados pesquisados, pois ocupam lugar de destaque, haja vista sentarem nos bancos situados na parte da frente das instituições. Porém, em muitos casos a visibilidade é dada para o interprete, pois é ele que se põe de pé durante os rituais. Os indivíduos Surdos continuam invisibilizados, pois a comunidade religiosa não consegue interagir com eles sem a ajuda do profissional tradutor, demonstrando que o espaço sagrado é antes de qualquer coisa um *espaço social* “definido pela exclusão mútua das posições que o constituem, isto é, como uma estrutura de justaposições sociais.”¹⁶³ Dessa forma, podemos inferir que o espaço sagrado com cultos interpretados por profissional interprete de Libras, apesar dos esforços para desenvolver a inclusão de Surdos, funciona “como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social”¹⁶⁴

A dialética da exclusão e inclusão elencadas acima, não foram observadas na Igreja Batista em Libras e nas três Salões do Reino das Testemunhas de Jeová pesquisados. Observamos o trânsito contínuo dos membros Surdos nos espaços, pois o ritual é realizado por usuários fluentes de Libras. Dessa forma, cabe a análise de Eliade ao retratar que “para o homem religioso, o espaço não é homogêneo”¹⁶⁵, ou seja, os espaços não são iguais e, “ainda que pareçam similares, eles apresentam rupturas, linhas divisórias reais ou imaginárias e, por mais próximos geograficamente que estejam, apresentam entre si e no interior dos mesmos ‘porções de espaços qualitativamente diferente das outras’”.¹⁶⁶

Ainda analisando o Quadro 23, outro ponto é a observância de um número mais acentuado de cosmovisões que professam o Cristianismo com ações voltadas para o atendimento do sujeito Surdo, mas há de se considerar o engendramento de ações para Surdos em cosmovisões de matriz espiritualistas, mesmo que ainda se apresente numa proporção muito tímida. Gil Filho nos diz que o “o espaço urbano contemporâneo sob o aspecto da articulação de territorialidades religiosas, caracteriza-se por uma maior densidade de espaços de representação de instituições religiosas, expressas na paisagem”.¹⁶⁷

Voltando nossa atenção a questão dos espaços sagrados institucionalizados com ações para Surdos em Belém/PA, durante a pesquisa de campo, observamos a pluralidade de

¹⁶³ BOURDIEU, Pierre (Coord). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 160.

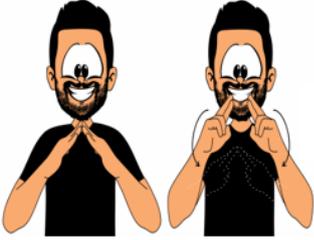
¹⁶⁴ BOURDIEU, 2003, p. 160.

¹⁶⁵ ELIADE, Micea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Martins Fontes: São Paulo, 1992, p. 25.

¹⁶⁶ ELIADE, 1996, p. 25 *apud* PEREIRA, 2009, p. 20.

¹⁶⁷ GIL FILHO, 2012, p. 101.

territórios religiosos voltadas a esse contexto. Dessa forma, o Quadro 24 revela a espacialidade do sagrado mediada pela cultura e língua do *homo religiosus* Surdo ao definir territorialidade desses sujeitos nos espaços religiosos pesquisados mediada a partir do uso da Libras.

ESPAÇO SAGRADO DE MATRIZ PROFÉTICA		ESPAÇO SAGRADO DE MATRIZ ESPIRITUALISTA	
SINAL-TERMO EM LIBRAS NOME DO ESPAÇO SAGRADO		SINAL-TERMO EM LIBRAS NOME DO ESPAÇO SAGRADO	
			
IGREJA	SALÃO DE REUNIÃO	TERREIRO	CENTRO ESPÍRITA

Quadro 24: Espaços Sagrados com territorialidades marcadas pela presença da Libras¹⁶⁸

Sendo a instituição religiosa uma expressão concreta, consagrada da religião, abarca em si, uma representação simbólica que Gil Filho denomina de *espaço de representação* é, pois “um espaço vivido com ligações afetivas, *locus* de ação e de situações vivenciadas.”¹⁶⁹ Desse modo, a partir da análise do Quadro 24, observamos que são os atores sociais, por meio do *habitus* que atribuem ao espaço uma natureza social. Por essa lógica, o *homo religiosus* Surdo imprime suas marcas culturais sobre o espaço, transformando-o em território.

Esses espaços passam a ser composto de uma multiterritorialidade de ouvintes e Surdos, onde cada grupo irá compreender o lugar a partir das suas dimensões coletivas e do comportamento individual do sujeito vinculado ao espaço sagrado *institucionalizado*.

No que tange os espaços sagrados *institucionalizados*, o mapa 1¹⁷⁰ apresenta a distribuição das cosmovisões com ações para Surdos em Belém.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 05/07/2018.

¹⁶⁸ Designer Gráfico: Jonatas Santos. Coleta e Organização dos dados: Silvio Santiago-Vieira. Todos os desenhos apresentados a seguir, tratam-se de uma coletânea da mesma autoria.

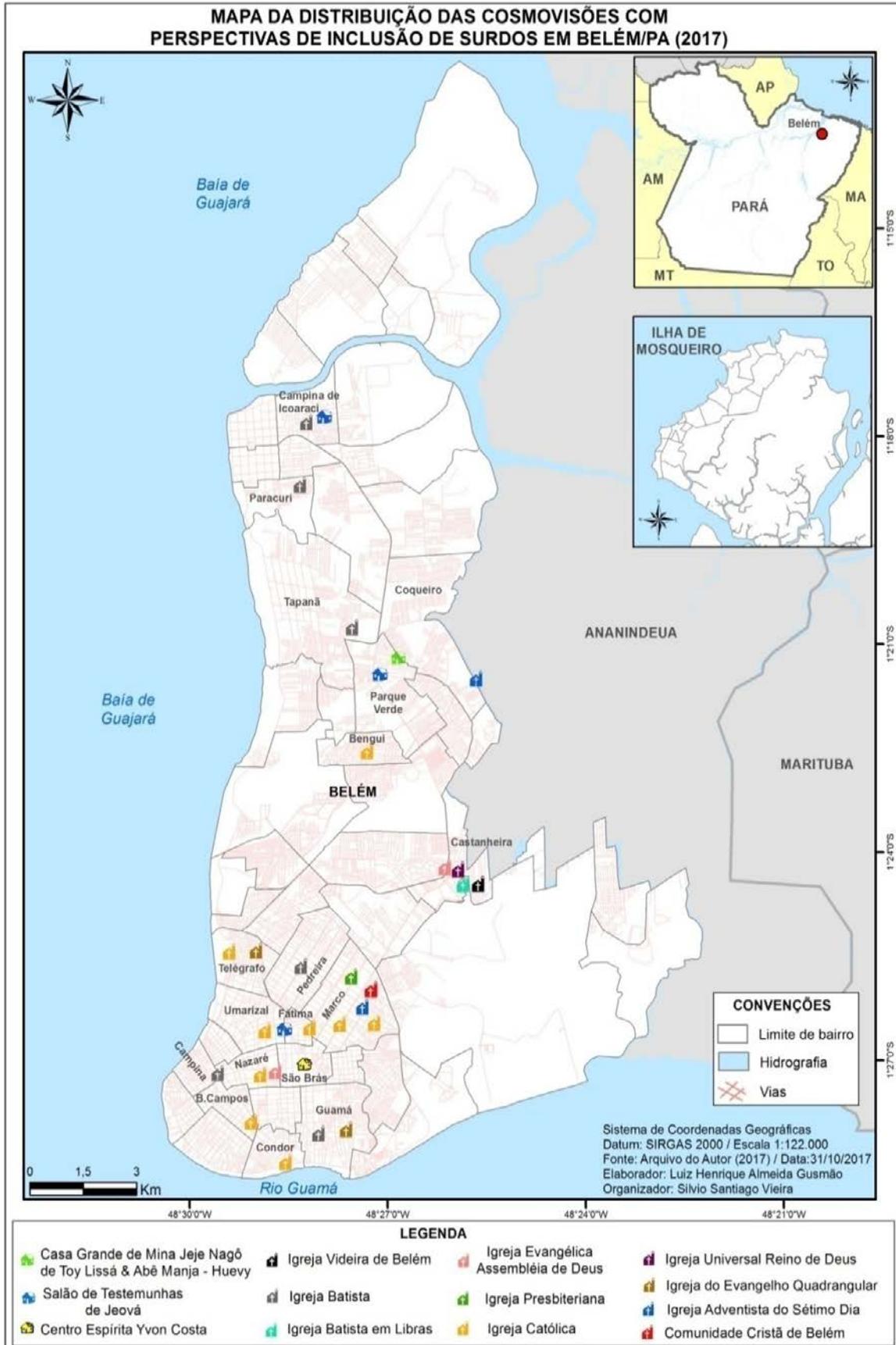
¹⁶⁹ GIL FILHO, 2012, p. 50.

¹⁷⁰ Criado pelo Sistema de Coordenadas Geográficas.

Elaborador: Luiz Henrique Almeida Gusmão

Organizador: Silvio Santiago-Vieira

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 05/07/2018.



Mapa 1: Distribuição das cosmovisões com perspectivas de inclusão de Surdos em Belém/PA

A partir do Mapa 1, podemos perceber que o Cristianismo ainda continua sendo a religião com maior alcance de ações inclusivas para Surdos e observamos que as cosmovisões institucionalizadas com ações para Surdos estão concentradas nos bairros:

- Bairros localizados no Centro de Belém: Batista Campos (2), Nazaré (2), São Brás (1) e Umarizal (2).
- Bairros localizados no “entorno” ao centro de Belém: Condor (1), Guamá (2), Telégrafo (2), Fátima (1), Marco (5), Pedreira (1),
- Bairros localizados na região de aglomerados subnormais¹⁷¹ de Belém: Castanheira (4), Bengui (1), Parque Verde (2), Coqueiro (1) e Tapanã (1).
- Bairros localizados na zona distrital de Icoaraci em Belém: Paracuri (1) e Campina de Icoaraci (2)

O quadro 25 sintetiza as informações trabalhadas acima.

Bairros	Quant. de Instituições	(%)
Marco	5	16,1
Castanheira	4	12,9
Campina de Icoaraci	2	6,5
Coqueiro	2	6,5
Nazaré	2	6,5
Telégrafo	2	6,5
Guamá	2	6,5
Fátima	2	6,5
São Brás	1	3,2
Campina	1	3,2
Pedreira	1	3,2
Condor	1	3,2
Umarizal	1	3,2
Bengui	1	3,2
Parque Verde	1	3,2
Tapanã	1	3,2
Paracuri	1	3,2
Batista Campos	1	3,2
31		

¹⁷¹ Aglomerados subnormais, mais especificamente em Belém, conhecidos como “baixadas”, “invasões” e menos comum “favelas”. De acordo com o IBGE, os aglomerados subnormais são entendidos como unidades habitacionais carentes de serviços públicos essenciais, precariedade do fornecimento de energia elétrica, água, saneamento básico e coleta de lixo domiciliar, ocupando ou tendo ocupado terreno alheio (IBGE, 2010). Ver: Cartografia das favelas de Belém. Disponível em: <<http://geocartografiadigital.blogspot.com/2015/01/cartografia-das-favelas-de-belem.html>>. Acesso em: 29 out. 2017.

Quadro 25: Distribuições das cosmovisões com ações para Surdos nos bairros.

A partir do Quadro 25, podemos observar que os bairros com maior concentração de cosmovisões com ações para Surdos estão em áreas estratégicas da região metropolitana de Belém, pois ambos são bairros que apresentam importantes avenidas da cidade. Também observamos que dos 73 bairros de Belém, apenas 17 bairros são contemplados com espaços sagrados com ações para Surdos, equivalente a 23% do total, denotando a necessidade de mais espaços sagrados se voltarem para o desenvolvimento de ações para Surdos.

Outro fator a considerar é que a maioria deles está aglutinada e circunscrita na área central ou muito próxima a ela (61,29%), sendo visível a diminuição desses espaços na zona norte (22,58%) e zona leste (16,12%) da cidade. Os distritos como a ilha de Outeiro, a ilha de Cotijuba e a ilha de Mosqueiro ainda não foram contemplados com instituições religiosas que se preocupem em incluir os Surdos moradores dessa região ou proximidades, nos dando condições de inferir que o crescimento da malha da *urbe* não seguiu acompanhado pela expansão do panorama religioso-cultural para os sujeitos Surdos.

A análise realizada a partir dos dados colhidos durante as investigações empíricas apresenta um número expressivo de concentração de cosmovisões com ações para Surdos na área do centro (22,58%) e do “entorno” ao centro da *urbe* (38,70%), para onde, pela lógica da expansão da cidade, os espaços sagrados começaram a ser implementados.

Destacamos também que as áreas de aglomerados subnormais (29,03%) e os bairros localizados nas zonas distritais (9,67%) compõem do total das instituições com ações inclusivas para Surdos. O Quadro 26 sintetiza as informações explicitadas acima.

Regiões	Quant. de Instituições	(%)
Aglomerado Subnormal (Precário)	9	29,0
Aglomerado Normal (Equipado)	22	71,0

Quadro 26: distribuição das cosmovisões por regiões.

A partir do Mapa 1 é possível mensurar as grandes distâncias que Surdos residentes em bairros periféricos e nas ilhas precisam percorrer para chegar a uma das cosmovisões com ações para esse público, o que gera desmotivação e até exclusão desses indivíduos, principalmente quando eles dependem do transporte público (muitas das ações de inclusão para Surdos ocorrem no horário da noite).

A seguir a distribuição das cosmovisões a partir da sua matriz: A) *Matriz profética*: Comunidade Cristã de Belém (1), Igreja Adventista do Sétimo Dia (2), Igreja Batista (6),

Igreja Batista em Libras (1), Igreja Católica (9), Igreja do Evangelho Quadrangular (3), Igreja Evangélica Assembleia de Deus (2), Igreja Presbiteriana (1), Igreja Universal do Reino de Deus (1), Igreja Videira de Belém (os Surdos foram desterritorializados desse espaço sagrado), Salão das Testemunhas de Jeová (3). B) *Matriz Espiritualista*: Tambor de Mina – Nação *Jeje Nagô* (1), Centro Espírita Yvon Costa (1).

É nítida a diferença no quantitativo de instituições religiosas de *matriz profética* (Cristianismo) com ações para Surdos quando comparada às instituições de *matriz espiritualista*. Com isso podemos refletir sobre a diversidade religiosa do Brasil. De acordo com Antônio Flávio Pierucci:

Se formos ler a lista de religiões que aparecem no anexo 1 do Censo 2000, ficaremos com a certeza de sermos um país não só plural, mas muito sortido em matéria de religião. só que essa variedade que consta na lista, se encontra distribuída entre menos de 6 milhões de brasileiros, exígua parcela de uma população total de 170 milhões. E se após conferir suas somas tornamos a observar os três grandes grupos no pódio, por efeito do contraste a ficha vai cair e nos daremos conta de que: os católicos ainda são mais de 124 milhões e os evangélicos, mais de 26 milhões. Ou seja: as duas grandes religiões representadas no pódio englobam mais de 150 milhões! Vivemos na verdade num país noventa por cento cristão (89,2%). Isso quer dizer que do alto de seus oligopólios e prerrogativas o espectro do monoteísmo ainda ronda nossos confusos destinos pesadamente.¹⁷²

Atualmente, os católicos, os evangélicos e os sem religião são os três maiores grupos religiosos a considerar percentuais nas tabelas do Censo. Se retiramos os sem religião dessa classificação, restam apenas aqueles que se auto-denominam católicos ou protestantes – ou seja, os cristãos em sentido estrito.

Voltando a distribuição das cosmovisões com ações para Surdos, a maior parte delas foram criadas no século XXI, quando as instituições religiosas estavam vivendo um momento mais acelerado de transformação social com perspectivas inclusivas; também é um momento histórico para os Surdos brasileiros, pois com a promulgação da Lei da Libras (Lei 10.436/02) a língua e cultura dos Surdos retomam espaço no cenário social tendo condições de exercer territórios Surdos em detrimento do audismo. Dessa forma, o século XXI remonta o período de dialética da exclusão e inclusão, pois “a exclusão e a inclusão reproduzidas nestes espaços eram reflexos da realidade social que, por sua vez, detinha o poder de incluir ou excluir as pessoas do convívio social”.¹⁷³

¹⁷² PIERUCCI, Antônio Flávio. Cadê nossa diversidade religiosa? Comentários ao texto de Marcelo Camurça. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 50-51.

¹⁷³ PEREIRA, 2009, p. 36.

A forma como os espaços sagrados com ações para Surdos se reproduziram em Belém/PA, considerando a década de fundação e a vinculação da primeiro espaço preocupado com a inclusão religiosa, a partir da mediação dos Cultos por meio da Libras, está representada no quadro 27.

Década	Surgimento de ações de inclusão de Surdos
Década de 1980	01
Década de 1990	03
Década de 2000	12
Década de 2010	15

Quadro 27: Estimativa de cosmovisões com perspectivas de integração ou inclusão de Surdos em Belém.

Ao analisar o Quadro 27, observamos que nas décadas de 2000 e na década atual as ações voltadas para Surdos sofrem um crescimento acelerado se comparado com as duas décadas anteriores. Como já foi dito anteriormente, a Lei da Libras, sem dúvida, é um elemento impulsionador deste relevante crescimento, pois ela coloca em destaque a Libras como forma de comunicação entre os sujeitos Surdos. Sobre o assunto, Raffestin explicita que:

A linguagem ou as linguagens são meios para mediatizar relações políticas, econômicas, sociais e/ou culturais num dado lugar e por uma duração específica. Ou melhor, toda mediação linguística é subentendida por uma relação extralinguística na qual circula o poder substancial a toda relação. A linguagem, como sistema *sêmico*, não é o lugar do poder mas, ao contrário, manifesta um poder. É o meio de encenar o espetáculo do poder. Isso nos incita a tirar uma primeira conclusão: não há conflitos linguísticos no sentido habitual do termo, mas conflitos mais profundos que nascem na reprodução social e que, eventualmente, se exprimem sob uma forma linguística.¹⁷⁴

A Libras, enquanto sistema *sêmico*, manifesta poder. Esta língua, enquanto artefato cultural do povo surdo permite que seus usuários gerem nos espaços sagrados e não sagrados, territorialidades, pois “cada língua é um instrumento de ação social e, nesse sentido, ela ocupa um lugar especial no campo do poder.”¹⁷⁵

A partir do quadro 27, podemos observar que as décadas de 1980 e 1990 engendraram poucas ações para Surdos em instituições religiosas, mas por quê? A resposta precisa ser buscada na conjuntura política dos indivíduos Surdos nesse período, momento em

¹⁷⁴ RAFFESTIN, 1993, p. 100.

¹⁷⁵ RAFFESTIN, 1993, p. 108.

que o audismo impunha, como método de comunicação mais adequado para o Surdo viver em sociedade, o Oralismo. Esses períodos carregam as imposições culturais dos ouvintes sobre os Surdos a partir do Ouvintismo.

É portanto uma relação dissimétrica, pois o modelo oficial procura desestruturar os modelos particulares, que quase sempre constituem, na ótica da organização central, uma contracultura que se opõe à ideologia do homogêneo. Uma hierarquia se institui entre a organização central e as organizações periféricas: o campo do poder restringe progressivamente o espaço das organizações periféricas. Retomar o poder é tornar a ganhar o espaço perdido.¹⁷⁶

Dessa forma, observamos que esse crescimento de ações de inclusão no seio das instituições religiosas é fruto da retomada de poder do povo surdo sobre o espaço que outrora havia sido perdido após o congresso de Milão, ocorrido no ano de 1880¹⁷⁷. Esse espaço perdido nada mais é que o direito de se expressar, comunicar, viver as relações com o sagrado, viver em sociedade, a partir das relações mediadas por sua língua e cultura.

Assim, podemos inferir que Belém possui três configurações diferentes de espaços sagrados com ações religiosas para Surdos, a saber:

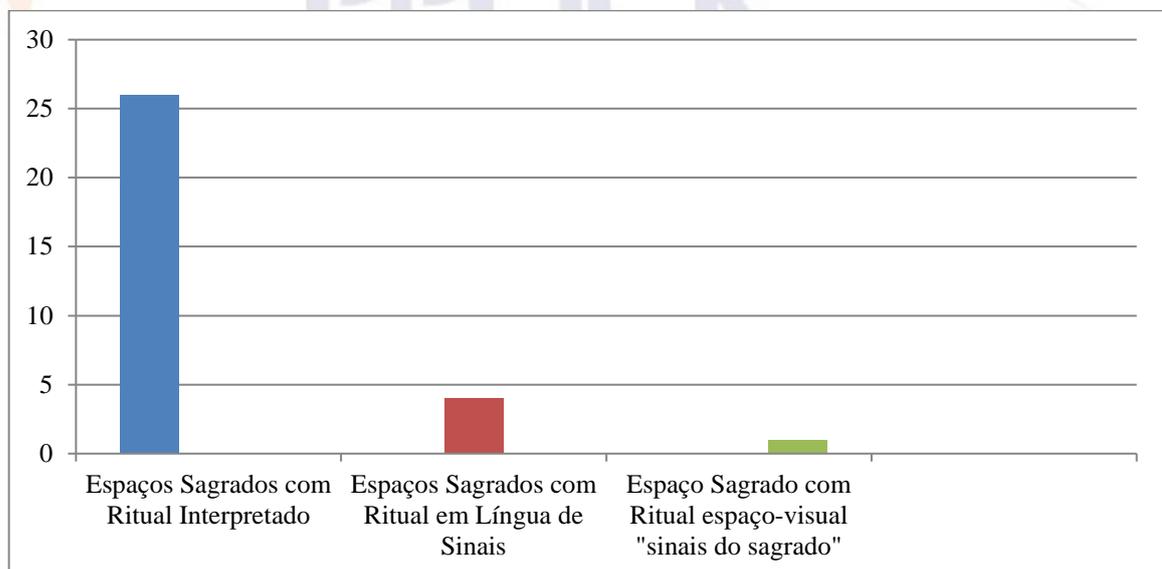


Gráfico 1: Distribuição das cosmovisões com ações para Surdos em Belém/PA

¹⁷⁶ RAFFESTIN, 1993, p. 110.

¹⁷⁷ Congresso de Milão foi uma conferência internacional de educadores de Surdos em 1880. Depois de deliberações entre 6 e 11 de Setembro de 1880, o congresso declarou que a educação oralista era a mais apropriado que à de língua de sinais e aprovou uma resolução que, preferencialmente, seria utilizado o uso da língua oral nas escolas.

Espaços Sagrados com ritual interpretado em Libras – São os espaços que demandam a presença de um tradutor-intérprete de Libras para que a semântica do ritual seja compreendida pelo *homo religiosus* Surdos;

Espaços Sagrados com ritual em Língua de Sinais – São os espaços que imprimem marcas da cultura surda e desenvolvem o ritual todo em língua sinais por possuir membros usuário da comunicação espaço-visual que emergem por meio da Libras;

Espaços Sagrados com ritual espaço-visual que imprimem “sinais” do sagrado em toda a sua ritualística, permitindo ao *homo religiosus* Surdo, compreender os fundamentos a partir das vivências com os outros membros e com o Sagrado.



CONCLUSÃO

Um mundo em silêncio, mas com enormes possibilidades de ser compreendido através da visão. A surdez atinge milhares de brasileiros. São pessoas que anseiam pela inclusão. A religião muitas vezes é o lugar em que elas encontram convívio social, paz de espírito, novas amizades. As comunidades religiosas estão se organizando para atender esse público.

Em Belém, este cenário de inclusão de Surdos em espaços sagrados remontam o final do século passado. Para o Surdo ter um lugar que permita a manifestação da sua identidade e da sua religiosidade é salutar para a demarcação de territórios Surdos.

Durante as investigações empíricas obtive muitos relatos de Surdos, uns questionavam da ausência do tradutor-intérprete de Libras nos espaços sagrados, outros questionavam a presença dele: “É melhor quando o líder religioso sabe Libras, pois estreita as relações com o Surdo”¹⁷⁸. E ainda há aqueles que pensam que não precisa de Libras, pois a religiosidade se manifesta a partir de uma relação particular entre o eu-Sagrado a partir da conexão mediada pelos “sinais” do sagrado.

Seja qual for a forma de conexão e comunicação com o Sagrado, todas elas incidem sobre o espaço. É no espaço que o *homo religiosus* Surdo interage com o Sagrado, dando a ele sentido. E por falar em espaço sagrado, nesta pesquisa nos preocupamos em analisar essa relação Surdo-Sagrado, a partir do adentrar desse sujeito nos espaços religiosos *institucionalizados*.

O importante a considerar é que a Surdez não deve ser uma barreira para que o sujeito Surdo pratique a relação com o Sagrado e que o silêncio também é um tipo de clamor, adoração, agradecimento, enfim, também tem “voz” mediada pela língua de sinais e pelas representações simbólicas que geram territorialidades.

Dessa forma, essa dissertação tratou de construir uma dimensão do espaço religioso-cultural para Surdos em Belém/PA à medida que apresentou os espaços sagrados de circulação desses sujeitos, marcados por trajetórias, territórios e territorialidades que emergem a partir das suas particularidades étnico-linguísticas.

Apoiados nos Estudos Culturais tivemos a percepção das transformações do mundo religioso pós-moderno, que tem na pluralidade a base para o desenvolvimento do discurso religioso heterogêneo diante das novas formas de apropriação material e simbólica na constituição das territorialidades do sagrado pelo *homo religiosus Surdo*.

¹⁷⁸ CORREA, Everson Ewerton. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 24 de set. 2017.

Foi demonstrada ao longo da reflexão a verificação de um significativo arcabouço de trabalhos não enquadrados nos domínios tradicionais da análise do fenômeno religioso – que tomam o indivíduo ouvinte como objeto de investigação – e que transitam em um sujeito com aspectos e cultura não hegemônica os quais devem levantar questionamentos ao campo da Ciência da Religião sobre a necessidade de surgirem mais pesquisas sobre o fenômeno religioso com foco em indivíduos Surdos.

Dessa forma podemos considerar que os resultados desses estudos apontam que as condições de vida do sujeito Surdo atribuem novas perspectivas ao estudo desses temas, ampliando a visão que se tem sobre esses indivíduos e oportunizando visibilidade nos campos de estudo voltados a religião com interfaces na cultura, identidade, discursividades, história, territorialidade, espaço, entre muitas outras que precisam estudar os fenômenos que se particularizam a partir da relação religião e surdez.

A pesquisa revelou como os espaços sagrados produzem acessibilidade em seus rituais, tendo observado que há três formas distintas do Surdo relacionar-se com o Sagrado e adquirir o sentimento de pertencimento a comunidade religiosa. A identidade religiosa é uma construção histórico-cultural. Ela é mediada pelo sentimento de pertencer ao sagrado, ser parte dele, mas também de sentir que ele pertence ao indivíduo. Este sentir oportuniza ao homem participar e praticar no espaço sagrado ações individuais e coletivas em prol da sacralização do eu e do mundo.

Dessa forma, podemos inferir que quando o sujeito Surdo produz circulação de mensagens em língua de sinais dentro dos espaços sagrados, ele age a partir de configurações de poder mediadas por particularidades de sua comunidade linguística. Sendo assim, os sinais-termos atribuídos a estes espaços são dados a partir do momento que estes sujeitos criam uma identidade com o lugar, demonstrando assim, que uma mesma cosmovisão, poderá ter mais de um sinal-termo associado ao seu nome em língua portuguesa, pois cada espaço sagrado, carrega em si, suas distinções a partir da sua construção simbólica e da relação identitária do *homo religiosus* Surdo individual ou coletivamente no tempo e no espaço que as constituem, projetando assim a sua identidade a partir da redefinição de suas posições sociais.

Dessa maneira entendemos que as territorialidades de Surdos em espaços sagrados emergem a partir do momento em que projetos de valorização das particularidades étnico-linguísticas são desenvolvidos. Observamos também, a partir das investigações empíricas que a permanência dos Surdos num determinado espaço sagrado depende de estruturas de territorialidades que valorizem a cultura espaço-visual, pois elas passam a ser vistas como expressões dessa territorialidade em relação ao espaço secular em diversas escalas. A

configuração da territorialidade de Surdos em espaços sagrados como forma simbólica emerge a partir das práticas cotidianas desses indivíduos, partícipes da organização religiosa.

Acreditamos que este panorama religioso-cultural para Surdos possa inspirar mais cosmovisões a desenvolver ações que visem minimizar a exclusão desses sujeitos dos espaços religiosos, dando atenção especial as particularidades dos indivíduos com cultura visual, atentando que a pluralidade humana deve se fazer presente nos mais diversos espaços religiosos onde o Surdo queira frequentar.



REFERÊNCIAS

ASSIS SILVA, César Augusto de. *Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

_____. O papel de agentes religiosos na surdez: considerações sobre a constituição da cultura surda. *Espaço* (Rio de Janeiro. 1990), v. 39, p. 5-16, 2013.

_____. Igreja Católica e surdez: território, associação e representação política. *Religião & Sociedade* (Impresso), v. 32, p. 13-38, 2012.

_____. As congregações em língua de sinais das Testemunhas de Jeová: a universalidade do Governo do Reino de Deus e a particularidade das línguas. *Debates do NER* (UFRGS. Impresso), v. 20, p. 121-144, 2011.

_____. Controvérsias sobre a educação de surdos no Plano Nacional de Educação. In: MONTERO, Paula. (Org.). *Religiões e controvérsias públicas: experiências, práticas sociais e discursos*. 1ed. São Paulo; Campinas: Terceiro Nome; Editora da Unicamp, 2015, v., p. 97-125.

ASSIS SILVA, César Augusto; TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Entre a “cultura surda” e a cura da surdez: análise comparativa das práticas da Igreja Batista e da Igreja Internacional da Graça de Deus. *Cultura y Religión* (En línea), v. II, 3, p. 1-17, 2008.

BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre (Coord). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 160.

BRASIL, *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/821803.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte; TENOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielli Cantarelli. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, vol. 1, 2017.

CNBB. *Pastoral dos surdos rompe desafios e abraça os sinais do reino na igreja do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2006.

CARVALHO, Sônia Ferreira da Rocha. *Discurso para o evento de debutantes da MISSAD Templo Central*. Belém: IEAD/MISSAD, 04 jun. 2016. Discurso proferido para os convidados dos 15 anos da MISSAD.

CORDOVIL, Daniela, CASTRO, Dannyel Teles. *Espiritualidades Holísticas na Metrópole da Amazônia: presença e expansão de Religiões de Nova Era em Belém, Pará*. São Paulo: Estudos da Religião, v. 28, n. 2, jul./dez., p. 115 – 137, 2015.

_____. *Urbe, tribos e deuses: neopaganismo e espaço público em Belém*. PLURA, Revista de Estudos de Religião, v. 6, p. 116-139, 2015.

COSTA, Matheus Oliva da; MARCHINI, Welder Lancieri. Confusões e demarcações: um estudo tipológico das produções de eventos acadêmicos de Ciência da Religião e Teologia no Brasil. In: *SACRILEGENS*, v. 14, p. 8-30, 2017.

DIAS, Diego Jonatan Carvalho; SANTIAGO-VIEIRA, Silvio. Corpo Surdo também recebe Orixá: um estudo de caso. In: *Revista Alpha*, v. 18, p. 27-40, ago/set. 2017.

DOUETTES, Brenno Barros. *A tradução na criação de sinais-terminos religiosos em Libras e um proposta de organização de um glossário terminológico semibilíngue*. Florianópolis: UFSC/PPGET, 2015.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.

ELIADE, Micea. *História das crenças e das ideias religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Martins Fontes: São Paulo, 1992, p. 25.

_____. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Entrevista em Libras com Valdecir Menis e Salomão Lins em 03/04/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bA7_6Fl--LU>. Acesso em: 27 out. 2017.

FERREIRA, Alan Leonardo Oliveira; PINHEIRO, Lilia Elizabeth Barbosa; VALÉRIO, Maria de Nazaré Moreira. A espacialização do Surdo em Belém do Pará: o território como uso social do espaço urbano. In: *I Simpósio Mineiro de Geografia: das diversidades à articulação geográfica* (Anais). Alfenas: Universidade Federal de Alfenas, 2014, p. 886-877.

FERREIRA, João Victor Gonçalves. Espaços sagrados e suas contruções: discussões e práticas. In: *XVIII Encontro Nacional de Geógrafos* (Anais). São Luis, p. 01-10, 2016.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FREITAS, Marissandra Silva. *Religião e inclusão social em Belo Horizonte*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, 2016.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Guanabara, RJ: Koogan, 1989.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião*. 2ª Ed. Curitiba: IBPEX, 2012.

_____. Geografia da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Orgs.). *Compêndio da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.

HIGUET, Etienne Alfred. Interpretação das imagens na teologia e nas ciências da religião, p. 85. In: NOGUEIRA, P. A. S. (Org.). *Linguagem da Religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. Reformulação do programa de pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo: aspectos históricos e epistemológicos. In: *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião: Juiz de Fora*, v. 15, n. 2, p. 343-375, 2012.

HOEMANN, Harry; OATES, Eugênio; HOEMANN, Shirley (orgs.). *Linguagem de Sinais do Brasil*. Porto Alegre: [s.e.], 1983.

HORTÊNCIO, Germana Fontoura Holanda. *Um estudo descritivo do papel dos interpretes de Libras no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová*. Fortaleza: UECE/PosLA, 2005.

IBGE. *Censo Demográfico*, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

JUNTA DAS MISSÕES NACIONAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *O clamor do silêncio*. Manual de sinais bíblicos. Rio de Janeiro: [s.e.], 1991.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1983.

LANE, Harlan. *A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

LEBFREVE, Henri. *La Production de l'Espace*. Paris: Anthropos, 1986.

LOCKE, John *apud* LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LOPES, Josimar. *Cura da menina surda e muda de nascença*. Youtube, 3 de ago. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EhMDpg5W3EU>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

LULKIN, Sérgio Andrés. *O silêncio disciplinado: a invenção dos Surdos a partir de representações ouvintes*. Porto Alegre, 2000. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, 2000.

MAGALHÃES-VILHENA, Vasco de. *Pequeno Manual de Filosofia*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 2009.

MARCOS 7, 31-37. In: *A Bíblia Sagrada*. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/marcos_7/>. Acesso em: 07 ago. 2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; ASSIS SILVA, César Augusto; TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. As festas juninas no calendário de lazer de jovens surdos na cidade de São Paulo. In:

LUCENA, Célia Toledo; CAMPOS, Maria Christina de Souza. (Org.). *Questões ambientais e sociabilidades: 34º Encontro de Estudos Rurais e Urbanos (16 a 18 maio 2007)*. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 55-76.

MARINHO, Thais Alves. Territorialidade e Cultura entre os Kalunga: para além do culturalismo. In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 30, n. 80, p. 353-370, Maio/Agosto, 2017.

MONTEIRO, Janaína Torres. *A Religião do Silêncio: uma análise sobre as palavras religiosas interpretadas na Libras*. Belém: UEPA, 2009.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Religião como texto: contribuições da semiótica da cultura. In: _____. (Org.). *Linguagens da Religião: Desafios, métodos e conceitos centrais*. 01ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

NUNES, Paulo Henrique Gomes. *Ensino Religioso e a Língua Brasileira de Sinais*. Belém: UEPA, 2015.

OATES, Eugênio. *Linguagem das Mãos*. Aparecida: Santuário: 1990.

OATES, Eugênio. *No Silêncio da Fé: catequese e oração na linguagem das mãos*. São Paulo: Aparecida, 1990.

OLIVEIRA JUNIOR, Sérgio Maurício de; SANTIAGO-VIEIRA, Silvio; RIBEIRO, Jakson dos Santos. Identidade religiosa do médium Surdo no Terreiro de Mina Jeje Nagô Huevy em Belém-PA. In: *Revista Periferia*, v. 10, n. 1, p. 100-119, jan/jun. 2018.

Orientações para APCN – 2016. Disponível em: <<https://capes.gov.br/images/documentos/Criteriosapcn2016/CriteriosAPCNTeologia.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2017.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PACHECO, B. *RR Soares Orações para Surdos*. Youtube, 20 de abr. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DJdy-ylBdlU>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

PEIRANO, Mariza. *Rituais Ontem e Hoje*. São Paulo: Jorge Zahar, 2003.

PEIXOTO, Janaina Aguiar. *O conceito de sagrado em surdos congênitos: um estudo na Língua Brasileira de Sinais*. João Pessoa: UFBP/PPGCR, 2011.

PEREIRA, José Carlos. *Religião e Exclusão Social: a dialética da exclusão e inclusão nos espaços sagrados da Igreja Católica*. Aparecida-SP: Santuário, 2009.

PERLIN, Gladis. O lugar da cultura surda. In: LOPES, Maura Corcini; THOMA, Adriana da Silva (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. In: *Ponto de Vista - Revista de Educação e Processos Inclusivos*, UFSC/CED/NUP, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Cadê nossa diversidade religiosa? Comentários ao texto de Marcelo Camurça. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 50-51.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RÊGO, Jussara. Territórios do Candomblé: a desterritorialização dos territórios na região metropolitana de Salvador, Bahia. In: *GeoTextos*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 31-85, 2006, p. 33.

RODRIGUES CAMPOS, Ronaldo Manassés. *Ecos do Silêncio: culturas e trajetórias de surdos em Macapá*. Fortaleza: UFC/PPGSOL, 2016.

ROLNIK, Raquel. *São Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2003, p. 76.

ROSENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: *X Encontro de Geógrafos da América Latina (Anais)*, São Paulo, p. 12928-12942, p. 12928-12942, 2005.

_____. Território e Territorialidade: Uma perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião. In: ROSENDAHL, Z e CORRÊA, R. L. (org) *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2005.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Cultura, poder e educação de surdos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. Tradução Alfredo B.P. de Lemos. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SANTANA, Ana Paula. & BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidades surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. In: *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, nº. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005.

SANTIAGO-VIEIRA, Silvio; DIAS, Diego Jonata Carvalho. Diálogos entre a formação inicial em Ciências da Religião e a Libras: um estudo de caso. In: *UNITAS*, v. 5, n.2, p. 293-307, ago/dez. 2017.

SANTOS, Ozivan Perdigão dos. *Evangelização Inclusiva em Instituições Cristãs: o uso de Libras*. Belém: UEPA, 2006.

SOARES, RR. *Ele é lindo, é maravilhoso, é nosso amigo*. Youtube, 21 de fev. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iVJ55tr1Kus>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

_____. Aspectos linguísticos e histórico-religiosos da Língua Brasileira de Sinais em Belém do Pará: de 1990 a 2010. In: *I Congresso Internacional de Letras (Anais)*, Bacabal. Pedro e João Editora, 2017, v.1, p. 1602-1615.

_____. Os sinais bíblicos e variação lexical da Libras em comunidades religiosas de surdos. In: *II Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, 2012, Belém. Anais II*

Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística (Anais). São Luiz: Editora da Universidade Federal do Maranhão - EDUFMA, 2012. v. 2. p. 1943-1952.

SILVA, Claudionor Borges da. *Corredores do Silêncio: territórios e territorialidades de resistência da cultura surda*. Porto Alegre: UFRGS/PPG, 2014.

_____. *Cultura Surda: território e territorialidades de resistência*. In: *X Encontro de Geógrafos da América Latina* (Anais), São Paulo, p. 14321-12335, 2005.

SILVA, Nilce Maria da. *Instrumentos lingüísticos de língua brasileira de sinais: constituição e formulação*. Campinas: USP/PGLING, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: _____, Carlos (Org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SOUZA, Luís Sérgio Damasceno de. *Desafios e propostas éticas na acolhida eclesial à pessoa surda*. São Paulo: IESP / PFTNSA, 2006.

STRECK, Gisela; LAUX, Núbia (Org.). *Manual de normas para trabalhos científicos: baseado nas normas da ABNT*. 2.ed. rev. e atual. São Leopoldo: EST/ISM, 2009.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 4ª Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

TEIXEIRA, Elizabeth. *As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa*. 6 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. *Linguagem de Sinais*. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2013.

VERGOLINO, Anaíza. Panorama Religioso e Cultural da Amazônia. In: MATA, Raimundo Possidônio C., TADA, Cecília. *Amazônia: desafios e perspectivas para a missão*. São Paulo: Paulinas, 2005.

WILGES, Irineu. *Cultura Religiosa: as religiões no mundo*. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WRIGLEY, Owen. *The politics of deafness*. Washington D.C.: Gallaudet University Press, 1996.

FONTES ORAIS / FONTES SINALIZADAS

BARROSO, Rennan Alberto dos Santos. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 27 de set. 2017.

CARVALHO, Tatiane. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 10 de out. 2017.

CORREA, Everson Ewerton. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 24 de set. 2017.

COSTA, Emily Melissa Gomes da. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 10 de dez. 2017.

DINIZ, Rosa Maria Rodrigues. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 13 de fev. 2017.

FONSECA, Waldiria do Espírito Santo. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 14 de jan. 2017.

GOMES, Círia. Entrevista concedida a Silvio Santiago Vieira em 29 de set. 2017.

LIMA, Luciana Coelho Rodrigues. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 09 de out. 2017.

MACHADO, Edileusa de Castro. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 27 de set. 2017.

MENEZES, Américo Lamas. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 24 de set. 2017.

MONTEIRO, Taissa Naiara de Oliveira. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 07 de out. 2017.

MOTA, Tatiane Cristina de Brito. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 24 de set. 2017.

MUNTSLAG, Olga. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 11 de out. 2017.

NEGREIROS, José Wilson Barbosa. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 28 de set. 2017.

OLIVEIRA, Eduardo. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 10 de out. 2017.

PANTOJA, Ezequiel Eduardo. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 04 de dez. 2017.

PASSOS, Andrea. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 27 de set. 2017.

RIBEIRO, Carol. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 28 de set. 2017.

SENA, Tânia Mara. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 10 de dez. 2017.

SIQUEIRA, Maria de Nazaré de Leão de Moraes. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 05 de out. 2017.

SIQUEIRA, Victor Augusto Martins. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 08 de out. 2017.

SOUSA, Naiana Maria Viana de. Entrevista concedida a Silvio Santiago-Vieira em 05 de out. 2017



APÊNDICE

APENDICE 1: QUESTIONÁRIO UTILZADO DURANTE A ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

1. Dados Institucionais:
 - Município:
 - Instituição Religiosa:
 - Bairro:
 - Qual o nome do trabalho desenvolvido com surdos?
2. Quando iniciou o trabalho com Surdos?
3. Quantos Surdos participavam no começo do trabalho?
4. Quem (informar nome completo ou primeiro e último nome) iniciou o trabalho e por quê?
5. Quem foram os primeiros interpretes de Libras?
6. Como o trabalho se constituiu? Este trabalho surgiu com ajuda ou intermédio de outro trabalho com surdos ou se constituiu de forma independente?
7. A partir do trabalho que você participa/lidera surgiram outros trabalhos com surdos na sua cidade ou em outra cidade?
8. Quais as estratégias de aproximação utilizadas para atrair os surdos ao trabalho? Em que dia(s) ela(s) ocorre(m)?
9. Quais os objetivos do trabalho?
10. Organizado o trabalho hoje:
 - Número de surdos participantes:
 - Número de Interpretes de Libras:
 - Liderança e Vice-liderança:
 - Funções desempenhadas por Surdos:

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a),

Ao cumprimentá-lo(a), apresentamos a pesquisa de mestrado, intitulada “PANORAMA RELIGIOSO-CULTURAL PARA SURDOS EM BELÉM/PA”, realizada pelo discente do PPGCR/Unida Silvio Santiago Vieira, sob orientação da Professor Dr. David Mesquiati de Oliveira, cujo objetivo é catalogar as cosmovisões que possuem ações para surdos afim de mapeá-los como instrumento histórico-cultural da comunidade surda belenense.

A sua participação dar-se-á por meio de entrevista semi estruturada. O material coletado ficará sobre domínio dos pesquisadores para análise e construção da pesquisa.

Os pesquisadores deste estudo estão cientes e entendendo que o risco de sua participação é mínimo, mas, se você tiver qualquer sentimento ou emoção relacionada ao estudo, poderá se expressar livremente para buscarmos uma resolução e a qualquer momento poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento.

Os benefícios da sua participação estão na contribuição com os resultados deste estudo. Nessa perspectiva, o convidamos a participar de forma voluntária da entrevista. Vale ressaltar que a sua participação é VOLUNTÁRIA, portanto, não será obrigado a responder qualquer questão que não seja de sua vontade.

DECLARAÇÃO

Assim sendo, eu, _____ por estar esclarecido (a) sobre a pesquisa “PANORAMA RELIGIOSO-CULTURAL PARA SURDOS EM BELÉM/PA”, o que os pesquisadores querem fazer e porque precisam da minha colaboração, declaro que entendi a explicação e concordo em participar, voluntariamente, da entrevista e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo e/ou retaliações.

Eu, SILVIO SANTIAGO-VIEIRA, pesquisador, garanto o meu compromisso e seguirei as orientações recebidas, para garantir a confiabilidade dos resultados da pesquisa.

Belém, ____ de _____ de 2017.

_____/_____/_____
Assinatura do participante

ANEXO – ENTREVISTAS

ENTREVISTADO(A) 1

ENTREVISTA CONCEDIDA POR ANDREA PASSOS EM 23 DE SETEMBRO DE 2017.

1. DADOS INSTITUCIONAIS:
 - MUNICÍPIO: BELÉM
 - INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA.
 - BAIRRO: MARCO
 - NOME DO MINISTÉRIO: MAS MARCO

2. QUANDO INICIOU O MINISTÉRIO COM SURDOS?
INICIOU EM 2006
3. QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?
ERAM 3 SURDOS
4. QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O MINISTÉRIO E POR QUÊ?
IRMÃ NAZARÉ AIRES
5. QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS? (INFORMAR NOME E SOBRENOME)
IRMÃ NAZARÉ AIRES. EM 2014 EU COMECEI A AJUDAR NO PROJETO
6. A PARTIR DO MINISTÉRIO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURGIRAM OUTROS MINISTÉRIOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?
SIM, O MINISTÉRIO ADVENTISTA COM SURDOS DO COQUEIRO
7. COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE MINISTÉRIO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO MINISTÉRIO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?
NÃO.
8. QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?
 - EVANGELIZAÇÃO NAS RESIDÊNCIAS DOS SURDOS
 - CULTO DAS 8H DO SÁBADO INTERPRETADO
 - ESCOLA SABATINA INTERPRETADA
9. QUAIS OS OBJETIVOS DO MINISTÉRIO?
SALVAR VIDAS POR MEIO DO EVANGELISMO.
10. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO HOJE:
 - NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 1 (CLENILDA)
 - NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: 2 – IRMÃ NAZARÉ AIRES E ANDREA PASSOS
 - LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA: IRMÃ NAZARÉ AIRES E ANDREA PASSOS
 - FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR SURDOS: NENHUMA.

ENTREVISTADO(A) 2

ENTREVISTA CONCEDIDA POR MARIA DE NAZARÉ LEÃO DE MORAES SIQUEIRA EM 05 DE OUTUBRO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: DIVIDA DE BELÉM COM ANANINDEUA
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA
- BAIRRO: COQUEIRO
- QUAL O NOME DO TRABALHO DESENVOLVIDO COM SURDOS? MINISTÉRIO ADVENTISTA DOS SURDOS – MAS

2 QUANDO INICIOU O TRABALHO COM SURDOS?

EM 2013, UM GRUPO DE SURDOS, INCLUINDO O TEOLOGANDO DOUGLAS DOMINGOS DA SILVA E SUA ESPOSA KAREN DANIELA SANCHES, TAMBÉM SURDOS, PASSOU A FREQUENTAR NOSSA IGREJA ONDE OS ACOLHEMOS, PROVIDENCIANDO UMA SALA PARA QUE PUDESSEM SE REUNIR NO MOMENTO QUE CHAMAMOS DE ESCOLA SABATINA E TAMBÉM PARA REALIZAREM A CLASSE BÍBLICA, DE ACORDO COM O COMBINADO ENTRE ELES.

EM MARÇO DE 2014, O MINISTÉRIO FOI OFICIALIZADO PELA COMISSÃO DA IGREJA.

ELES INICIALMENTE FREQUENTAVAM A IGREJA ADVENTISTA DO MARCO (EM BELÉM) E POR NÃO TER APOIO NO SENTIDO DE UM SALA PARA REALIZAREM A ESCOLA SABATINA, NO SENTIDO DE UM LUGAR RESERVADO PARA SENTAREM E NEM PARA REALIZAREM A CLASSE BÍBLICA.

O ESPAÇO QUE UTILIZAVAM PARA ESCOLA SABATINA E CLASSE BÍBLICA ERA UMA SALA EM UMA ESCOLA DO OUTRO LADO DA RUA DA IGREJA MAS, COM A MUDANÇA DA DIREÇÃO DA IGREJA DO MARCO, NÃO RECEBERAM MAIS AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAREM TAL ESPAÇO O QUE CULMINOU NA SAÍDA DELES PARA A IGREJA DO COQUEIRO.

3 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

NO INÍCIO ENTRE 10 A 12. NUNCA HOVE UMA QUANTIDADE FIXA DE PARTICIPANTES SURDOS. COMO HAVIA UM “LÍDER” SURDO, HAVIA SÁBADOS COM MAIS DE 12, EU ARRISCARIA DIZER ATÉ 15 SURDOS, POIS SEMPRE HAVIA CONVIDADOS DE OUTRAS DENOMINAÇÕES.

4 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O TRABALHO E POR QUÊ?

O INÍCIO SE DEU, POR FALTA DE APOIO DA IGREJA ONDE ANTERIORMENTE FREQUENTAVAM TANTO É QUE A IGREJA DO MARCO NÃO RECONHECIA O MAS (MINISTÉRIO ADVENTISTA DOS SURDOS), E OS INCLUÍA NO MINISTÉRIO DOS DEFICIENTES, ALGUMA SITUAÇÃO ASSIM, ENTÃO A IRMÃ NAZARÉ AIRES QUE ERA A INTÉRPRETE OFICIAL DELES INCLUSIVE DO DOUGLAS NA FAAMA (FACULDADE ADVENTISTA DA AMAZÔNIA) MESMO NÃO SENDO PROFISSIONAL, ELA AMAVA E AMA A CAUSA DOS SURDOS, SENDO ELA QUEM ORGANIZAVA O GRUPO E DELA SURTIU A IDEIA DE IR PARA O COQUEIRO.

O PROBLEMA É QUE SEGUNDO UM OUTRO TEOLOGANDO OUVINTE QUE INICIALMENTE INTERPRETAVA NA FACULDADE PARA O DOUGLAS, ONDE POR CONTA DISSO TEVE DOIS SEMESTRES SACRIFICADOS E POR POUCO NÃO OS PERDEU. SEGUNDO ELE, A INICIATIVA DE IR PARA OUTRA IGREJA ERA UMA FORMA DE SE REBELAREM CONTRA A FALTA DE APOIO.

MAS, QUANDO A IRMÃ NAZARÉ AIRES DECIDIU QUE VOLTARIAM PARA O MARCO, OS SURDOS NÃO ACEITARAM POR GOSTAREM DA IGREJA DO COQUEIRO, DA FORMA COMO FORAM RECEBIDOS E POR TEREM OS RECONHECIDO COMO UM MINISTÉRIO REAL. POSSO DIZER QUE QUEM INICIOU NA IGREJA DO COQUEIRO FOI O TEOLOGANDO SURDO DOUGLAS DOMINGO DA SILVA, SENDO QUE EU FUI VOTADA PELA COMISSÃO COMO DIRETORA E ESTOU ATÉ HOJE NA LUTA PARA QUE SE LEVANTE UM LÍDER SURDO PARA ASSUMIR ESSA POSIÇÃO, QUE SEGUNDO ORIENTAÇÃO, DEVE SER ASSUMIDA POR UM SURDO TENDO COMO ASSOCIADO UM OUVINTE.

5 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS?

A OFICIAL ERA A NAZARÉ RIBEIRO AIRES, PORÉM ELA VOLTOU AO MARCO LEVANDO PARTE DOS SURDOS, E FICAMOS OFICIALMENTE COM DOIS O LÉO TARCÍSIO GOUVEA DE MORAES E O WALLACE ALBUQUERQUE QUEIROZ. TAMBÉM CONTAVAM OS COMO APOIO DO JORGE VICTOR BARBIERI TRINTA, QUE POR SINAL MINISTROU O PRIMEIRO CURSO DE LIBRAS NA IGREJA.

6 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE TRABALHO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO TRABALHO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

SIM, DO MAS DO MARCO COMO UMA FORMA DE RESISTÊNCIA

7 A PARTIR DO TRABALHO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURTIAM OUTROS TRABALHOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

SIM, EM 09 DE JANEIRO DE 2016. O MAS COQUEIRO FOI A PARAGOMINAS E NESTE DIA HOUVE O BATISMO DE UMA SURDA E A OFICIALIZAÇÃO DO MAS PARAGOMINAS. ALI MINISTRAMOS O TREINAMENTO PARA O MINISTÉRIO. O NOME DA SURDA QUE BATIZOU É TATIANE RODRIGUES DO NASCIMENTO E HOJE O LÍDER É OUVINTE, ELIELSON CABRAL DOS SANTOS. NESTE DIA FORAM SEIS SURDOS PELO MAS COQUEIRO, SENDO UM DELES DE TUCURUI PORÉM ESTE FOI PATROCINADO POR NOSSO MINISTÉRIO, JÁ QUE ELE NÃO TINHA A CARTEIRA DA GRATUIDADE E FOI ELE QUEM PREGOU TAMBÉM. O NOME DO SURDO QUE PREGOU É ISMAILSON PEREIRA DA SILVA E A INTÉRPRETE FOI ALLANA CAROLINE CORREA JARDIM

8 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

TEMOS O MODELO DE TRABALHO DE OUTROS MINISTÉRIOS QUE FORAM PIONEIROS E INICIARAM COM BASTANTE DIFICULDADE E FALTA DE APOIO, GRAÇAS A DEUS NÃO É NOSSO CASO. TEMOS O APOIO DA IGREJA E TAMBÉM DAS INSTITUIÇÕES QUE A ADMINISTRA

HÁ UMA EQUIPE EM SÃO PAULO QUE DESENVOLVE UM TRABALHO ARDUO, GRAVANDO AS LIÇÕES EM LIBRAS (POIS NOSSO PORTUGUÊS É BEM COMPLEXO E DIFERENTE DA LIBRAS) PARA QUE OS SURDOS TENHAM O MATERIAL EM SEU IDIOMA. A MESMA EQUIPE TAMBÉM FAZ A TRADUÇÃO DE LIVROS POIS TODOS OS ANOS IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA LANÇA UM LIVRO ONDE ABORDA DETERMINADO TEMA. ANO PASSADO FOI SOBRE SAÚDE E ESSE ANO ABORDA OS ACONTECIMENTOS ATUAIS.

DVD TRADUZIDO PARA LIBRAS EM 2017. BOM A ESTRATÉGIA E APELAR PARA QUE OS SURDOS TRAGAM OUTROS SURDOS E POR CONTA DE NOSSA IGREJA SER BEM LONGE DE ONDE OS SURDOS MORAM, AS REUNIÕES ACONTECEM AOS SÁBADOS. PELA MANHÃ O CULTO E ESCOLA SABATINA E PELA TARDE A CLASSE BÍBLICA.

9 QUAIS OS OBJETIVOS DO TRABALHO?

- ALCANÇAR O SURDO COM EVANGELHO, CAPACITANDO-O PARA O RELACIONAMENTO COM CRISTO, COMO SALVADOR E SENHOR,
- CAPACITAR AS IGREJAS PARA A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO SOCIAL DO SURDO NA FAMÍLIA, NA PRÓPRIA IGREJA E NA SOCIEDADE. LEVANTAR LÍDERES MULTIPLICADORES PARA A EXPANSÃO DESTA MINISTÉRIO.
- CAPACITAR LIDERANÇA FORMADORA DE DISCÍPULOS, CONFORME A ORDEM DEIXADA POR JESUS EM MATEUS 28.19 E 20, EU VOU LER AQUI NA BÍBLIA:

19 PORTANTO IDE, FAZEI DISCÍPULOS DE TODAS AS NAÇÕES, BATIZANDO-OS EM NOME DO PAI, E DO FILHO, E DO ESPÍRITO SANTO;

20 ENSINANDO-OS A GUARDAR TODAS AS COISAS QUE EU VOS TENHO MANDADO; E EIS QUE EU ESTOU CONVOSCO TODOS OS DIAS, ATÉ A CONSUMAÇÃO DOS SÉCULOS. AMÉM. MATEUS 28:19,20

- LEVAR O POVO DE DEUS NO BRASIL AO CONHECIMENTO DOS SURDOS, DE SUA LÍNGUA E CULTURA E RESPEITÁ-LOS.
- DESPERTAR A IGREJA, DE UMA FORMA GERAL, PARA ASSUMIR O COMPROMISSO DE ORAR E SE ENVOLVER NA EVANGELIZAÇÃO DISCIPULADORA DOS SURDOS E NOS PROJETOS DA IGREJA QUE TÊM SIDO DESENVOLVIDOS, PARA ALCANÇAR OS SURDOS DE NOSSA NAÇÃO.

10 ORGANIZADO O TRABALHO HOJE:

- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: BEM, DEPENDE MUITO, COMO EXPLIQUEI, HOJE ELES NÃO TEM O QUE CHAMAMOS DE UMA REFERÊNCIA OU UM LÍDER SURDO E NOSSA IGREJA, EU COSTUMO DIZER QUE, GEOGRAFICAMENTE, É MAL LOCALIZADA, POIS ESTAMOS NA MÁRIO COVAS COM JIBÓIA E A MAIORIA DOS SURDOS MORAM LONGE, TIPO CREMAÇÃO, JURUNAS, AURÁ, ETC. ENTÃO NA MÉDIA TEMOS HOJE UNS 5 OU 6 E AS VEZES MAIS CHEGANDO A UNS 8 ISSO QUANDO NÃO APARECE SOMENTE UM.

- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: BEM, OS SURDOS NOMEARAM MEU FILHO COMO INTÉRPRETE OFICIAL DELES (ELE APRENDEU LIBRAS, INICIALMENTE COM ISMAILSON QUE PASSOU UMA SEMANA AQUI EM CASA, DEPOIS PARTICIPOU DE ALGUMAS AULAS DO CURSO DE LIBRAS COM O JORGE E POR FIM APRENDEU MESMO NA CONVIVÊNCIA COM OS SURDOS QUE ENSINARAM MUITO E PRATICAMENTE TUDO QUE ELE SABE E TAMBÉM TEVE O LÉO MORAES COMO SEU INSTRUTOR A QUEM ELE SE REFERE COMO “MESTRE”.
TEMOS DOIS IRMÃOS GÊMEOS QUE TAMBÉM AJUDAM QUANDO PRECISO OU QUANDO O LEONARDO MORES SIQUEIRA, NÃO PODE IR POR ALGUM RARO MOTIVO.
- LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA: MARIA DE NAZARÉ LEÃO DE MORAES SIQUEIRA (OUVINTE). ASSOCIADO: LEONARDO MORAES SIQUEIRA (E TBM INTÉRPRETE OFICIAL)
- FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR SURDOS: VOU SER DIRETA, PENSO QUE ESTES SURDOS FORAM MAL ACOSTUMADOS PELA PRIMEIRA LÍDER. ELA TOMAVA A FRENTE EM FAZER TUDO POR ELES, EU TENHO OUTRA LINHA, DELEGO A ELES QUE FAÇAM A PARTE DELES. CONVIDAR OUTROS SURDOS, DISTRIBUIR O MATERIAL EVANGELÍSTICO (DVD'S) E ETC. E ORO PARA QUE DENTRE ELES SE LEVANTE UM LIDER POIS SEI QUE ELES PRECISAM DESSA REFERÊNCIA, VI ISSO NA PRÁTICA NA ÉPOCA DO DOUGLAS.



ENTREVISTADO(A) 3

ENTREVISTA CONCEDIDA POR JOAB VIEIRA DE QUEIROZ EM 02 DE FEVEREIRO DE 2017.

- 1 DADOS INSTITUCIONAIS:
 - MUNICÍPIO: BELEM
 - INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS - IEAD
 - BAIRRO: NAZARÉ
 - NOME DO MINISTÉRIO: MINISTÉRIO COM SURDOS DA ASSEMBLEIA DE DEUS EM BELÉM/PA – MISSAD
- 2 QUANDO INICIOU O MINISTÉRIO COM SURDOS?
ANO DE 2001
- 3 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?
UMA SURDA
- 4 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O MINISTÉRIO E POR QUÊ?
SÔNIA LOPES E WALDIRIA FONSECA
- 5 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS?
SÔNIA ROCHA, AMÉRICO, ANA LOPES.
- 6 A PARTIR DO MINISTÉRIO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURGIRAM OUTROS MINISTÉRIOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?
MISSAD NO CCC (IGREJA CENTENÁRIO CENTRO DE CONVENÇÕES IEAD)
- 7 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE MINISTÉRIO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO MINISTÉRIO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?
INDEPENDENTE
- 8 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?
NOSSA MAIOR ESTRATÉGIA USADA PARA ATRAIR SURDOS É A PARTICIPAÇÃO NO ENSINO DIRETO POR PARTE DOS SURDOS NO TRABALHO QUE INCLUI ENSINO NOS DIAS: DOMINGO NA EBD E QUARTAS NO NÚCLEO MISSIONÁRIO. E TAMBÉM CADA SURDOS CHAMA OS SURDOS À PARTICIPAR.
- 9 QUAIS OS OBJETIVOS DO MINISTÉRIO?
INCLUIR OS SURDOS NA COMUNIDADE IGREJA ENTRE OUVINTES / SURDOS . ENSINO DOS PRINCÍPIOS BÍBLICOS CRISTÃOS.
- 10 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO HOJE:
 - NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: MÉDIA 60 SURDOS
 - NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: 07 INTERPRETES
 - LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA: JOAB VIEIRA DE QUEIROZ/ EDNUSIA FURTADO DE QUEIROZ
 - FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR SURDOS: PROFESSOR DE EBD / MINISTRANTE NAS CÉLULAS

ORGANOGRAMA DO MISSAD TC

- LÍDERES: JOAB VIEIRA DE QUEIROZ E EDNÚSIA FURTADO QUEIROZ (OUVINTES).
- VICE-LÍDER: WALDÍRIA FONSECA (SURDA).
- SECRETÁRIOS: TRADUTORA/INTERPRETE JÉSSICA GONÇALVES NALATESTA SANTOS (OUVINTE) E O DIÁCONO RONILSON MAGALHÃES (SURDO).
- PROFESSORES DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL: ADALBERTO AMARAL RIBEIRO, RENAN DA SILVA GUIMARÃES, YURI SOUZA PEREIRA E WALDÍRIA FONSECA (SURDOS).
- APOIO (OBREIROS): *OUVINTES* – SHEILA, MANFRINE, AILZA SIMIÃO DE CARVALHO. *SURDOS* – ADALBERTO AMARAL RIBEIRO, RENAN DA SILVA GUIMARÃES, YURI SOUZA PEREIRA, WALDÍRIA FONSECA, WELINGTON AIRES E VITÓRIA.
- TRADUTORES/INTERPRETES DE LIBRAS: JÉSSICA GONÇALVES MALATESTA SANTOS, AUREA LUZIA DE OLIVEIRA FERREIRA, THAIS PEREIRA ROMANO E JANIELLE FURTADO QUEIROZ (OUVINTES).

ENTREVISTADO(A) 4

ENTREVISTA CONCEDIDA POR WALDIRIA DO ESPÍRITO SANTO FONSECA EM 01 DE FEVEREIRO DE 2017.

SILVIO: O HISTÓRICO DIZ QUE NO INÍCIO DO MISSAD (2001) A IRMÃ SÔNIA JUNTO COM UM GRUPO DE OUVINTES COMEÇOU O TRABALHO, QUEM ERAM ESSAS PESSOAS?

WALDIRIA: VERDADE. ERAM IRMÃOS QUE JUNTO COM A SÔNIA FIZERAM NA ÉPOCA CURSO DE LIBRAS NA IGREJA BATISTA DA PRAÇA DA REPÚBLICA. O PROFESSOR FOI O EDGAR CORREA VERAS E UM SURDO FALECIDO. OS IRMÃOS FORAM: CARMENCI, LÍLIAN DIAS, DAVI, KARLA PRISCILA. DEPOIS CHEGOU O AMÉRICO, ANA LOPES, PATRÍCIA E OZIVAN.

SILVIO: ELES ERAM INTERPRETES E A IRMÃ SÔNIA TAMBÉM ERA INTERPRETE OU SÓ COORDENADORA?

WALDIRIA: A SÔNIA ERA LÍDER E INTERPRETE.

SILVIO: QUE ANO ELES COMEÇARAM A AJUDAR?

WALDIRIA: ANA LOPES EM 2002, AMÉRICO SEGUNDO SEMESTRE DE 2001, PATRÍCIA 2002, OZIVAN 2003

SILVIO: OUTRA PERGUNTA É SOBRE A ESCOLA DOMINICAL, QUANTAS CLASSES TEM HOJE NA ESCOLA DOMINICAL PARA SURDOS? É APENAS UMA OU É DIVIDIDO CLASSES DE CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS?

WALDIRIA: COMEÇOU PRIMEIRAMENTE EM 08/2001, SENDO EU, A LÍLIAN E A SÔNIA PROFESSORAS COM DUAS CLASSES: INFANTIL E ADULTO. EU NO INFANTIL COM UM ALUNO SURDO PAULO VICTOR, ADULTO LÍLIAN E SÔNIA PROFESSORAS. ATUALMENTE COM UMA CLASSE DE ADOLESCENTES E ADULTOS SURDOS.

SILVIO: NÃO TEM CLASSE DE CRIANÇAS HOJE?

WALDIRIA: NÃO, PORQUE AGORA AS CRIANÇAS CRESCERAM: PAULO VICTOR, ANDRÉ, RAFAEL, LEONILSON E YURI. ÀS VEZES A FILHA DA AILZA, ANA VITÓRIA, VAI DE VEZ EM QUANDO.

SILVIO: EM QUE ANO RONILSON SE TORNOU DIÁCONO DA IGREJA?

WALDIRIA: 10/12/2012

SILVIO: ANTES A ESCOLA BÍBLICA ALTERNATIVA ERA NA TERÇA FEIRA A NOITE?

WALDIRIA: SEMPRE FOI NA QUARTA FEIRA. TERÇA ERA SÓ REUNIÃO ÀS VEZES.

SILVIO: DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO PARÁ, ALÉM DO TEMPLO CENTRAL E DO CENTENÁRIO, EXISTE TRABALHO DE MISSÃO COM SURDOS EM OUTRAS IGREJAS ASSEMBLEIA DE DEUS EM BELÉM OU INTERIORES DO PARÁ? VOCE SABE ME DIZER?

WALDIRIA: TINHA NA IGREJA DO OZIVAN NO MARCO, NA BARÃO DO TRIUNFO COM A IRMÃ VÂNIA E MISSERLANI, NA PEDREIRA COM A IRMÃ ESQUECI O NOME DELA. NO INTERIOR NÃO SEI INFORMAR.

SILVIO: EU LEMBRO DA BARÃO. EU ERA DE LÁ E LEMBRO QUE TEVE O TRABALHO LÁ.

WALDIRIA: MAS FECHOU.

SILVIO: NA PEDREIRA AINDA TEM?

WALDIRIA: NÃO. ME FALARAM QUE TEM NA IGREJA DA SARA E TB LÁ DE MARITUBA.

WALDIRIA: AH! LEMBREI QUE A MISSERLANI INTERPRETA NA IGREJA DELA ASS. DEUS EM JÚLIA SEFER

ENTREVISTADO(A) 5

ENTREVISTA CONCEDIDA POR EDILEUSA DE CASTRO MACHADO EM 27 DE SETEMBRO DE 2017.

1. DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM, DISTRITO DE ICOARACI
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: IGREJA BATISTA DA AGULHA
- BAIRRO: AGULHA.
- NOME DO MINISTÉRIO: MINISTÉRIO DO SILÊNCIO

2. QUANDO INICIOU O MINISTÉRIO COM SURDOS?

EDILEUSA: COMEÇOU A PARTIR DO MOMENTO EM QUE EU PASSEI A FREQUENTAR A MESMA IGREJA QUE UM SURDO JÁ FREQUENTAVA. QUANDO EU OBSERVEI ELE MUITO ISOLADO, ME SENTI INCOMODADA E ME DESPERTOU. INCLUSIVE, EU COMO ACADÊMICA DE TEOLOGIA, EU TINHA QUE ENCONTRAR ESPAÇO PARA ATUAR. EU NÃO QUERIA ME ENVOLVER NO ESPAÇO DAS OUTRAS PESSOAS. EU SENTIA QUE ELAS SE VIAM AMEAÇADAS. EU PERCEBIA NO OLHAR, NOS GESTOS DELAS, ELAS SEMPRE SE ESQUIVAVAM POR ISSO. DAÍ EM PENSEI QUE EU DEVERIA AGUARDAR A MINHA HORA PORQUE EU TINHA VINDO PARA BELÉM COM UM PROPÓSITO.

ENTÃO QUANDO EU CHEGUEI LÁ, OBSERVEI AQUELE RAPAZ E ELE SEMPRE SE ESQUIVAVA QUANDO EU ME APROXIMAVA DELE. FOI QUANDO A VÓ DELE VIU E DISSE A MIM: IRMÃ EDILEUSA, ELE É SURDO! ENTÃO EU ME SENTI MAIS MOTIVADA PARA ME APROXIMAR DELE. EM VEZ DEU ME AFASTAR, COMO A MAIORIA DAS PESSOAS FAZEM, POR NÃO SABER O QUE FAZER, EU JÁ TIVE UMA ATITUDE INVERSA.

ESSE EPISÓDIO SE DEU E 1996. EU AINDA NÃO SABIA LIBRAS. FOI A PARTIR DO CONTATO QUE VEIO UMA ANGUSTIA DE NÃO CONSEGUIR ME COMUNICAR E VÊ QUE ELE ESTAVA ISOLADO DENTRO DA IGREJA, NA IGREJA BATISTA DA AGULHA EM ICOARACI.

O MINISTÉRIO PARA SURDOS INICIOU A PARTIR DO MOMENTO QUE EU ME INTERESSEI PARA INTERVIR NESTA SITUAÇÃO, ME COLOQUEI NAS MÃOS DE DEUS: - EU QUERO APRENDER! EU QUERO SER ESSE PONTO! EU QUERO SER ESSE DIVISOR DE ÁGUA! E FOI AÍ QUE TUDO COMEÇOU.

EU FIQUEI NESTE TRABALHO ATÉ 1998 QUANDO EU FORMEI EM TEOLOGIA. JÁ HAVIA UM GRUPO TREINADO QUE ME DEU A PALAVRA QUE NÃO IRIAM ABANDONAR O EZEQUIEL E FUI EMBORA PRO MARANHÃO PARA SÃO LUIS. RETORNO PARA BELÉM NO ANO 2000. AO RETORNAR, VOU PARA A MESMA IGREJA. QUANDO EU CHEGO O TRABALHO ESTÁ SÓ NA BASE DE COREOGRAFIA. O SURDO NÃO ESTÁ MAIS LÁ!

MAS AÍ EU PENSEI QUE ESSE NÃO ERA O MEU FOCO E EU CONTINUEI CONGREGANDO. NESSE PERÍODO CHEGOU UMA JOVEM, O NOME DELA É HELINEH LEMOS QUE HAVIA SE MUDADO DE RECIFE JUNTO COM O ESPOSO. AÍ O PASTOR EDIVALDO DISSE PARA ELA QUE... PORQUE ELA FALOU QUE JÁ TRABALHAVA LÁ EM RECIFE, JÁ ERA A ÁREA DELA E ELA QUERIA CONTINUAR. AI ELE FALOU: - OLHA AQUI TEM UMA PESSOA QUE JÁ TRABALHAVA COM SURDOS, AGORA ELA NÃO TA TRABALHANDO, MAS EU VOU TE APRESENTAR.

QUANDO ELE ME APRESENTOU ELA DISSE: - BORA ATRÁS DE SURDO! AI EU DISSE: - VAI COMEÇA TUDO DE NOVO? (RISOS)

AI EU DISSE: - OLHA, O SURDO SAIU DA IGREJA PORQUE NÃO ACOMPANHARAM, NÃO CONTINUARAM. QUER DIZER QUE AGORA A GENTE VAI BUSCAR O SURDO DE NOVO PARA ACONTECER O QUE ACONTECEU?

ELA DISSE: - NÃO, MAS EU NÃO POSSO FICAR AQUI DE BRAÇOS CRUZADOS! VAMOS ATRÁS DELE!

ENTÃO ATRAVÉS DELA ELA NOVAMENTE ME INCENTIVOU, FEZ REACENDER NOVAMENTE ESSE CHAMADO.

NO PERÍODO EM QUE EU FIQUEI A FRENTE DO MINISTÉRIO, ELE SE CHAMOU MINISTÉRIO DO SILÊNCIO. NA REABERTURA E SEGUNDA FASE DESTA PROJETO MISSIONÁRIO, AGORA A FRENTE HELINEH LEMOS O MINISTÉRIO DE CHAMOU VENDO VOZES POR INSPIRAÇÃO DO LIVRO VENDO VOZES DO AUTOR OLIVER SACKS.

3. QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

NO INÍCIO SÓ HAVIA UM SURDO CHAMADO EZEQUIEL EDUARDO PANTOJA

4. QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O MINISTÉRIO E POR QUÊ?

EDILEUSA PANTOJA

5. QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS? (INFORMAR NOME E SOBRENOME)

EDILEUSA PANTOJA

6. A PARTIR DO MINISTÉRIO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURGIRAM OUTROS MINISTÉRIOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

RESP: NÃO.

7. COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE MINISTÉRIO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO MINISTÉRIO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

RESP: NÃO

8. QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

- INTERPRETAÇÃO DOS CULTOS

9. QUAIS OS OBJETIVOS DO MINISTÉRIO?

É INCLUIR OS SURDOS NA IGREJA, VISTO QUE ATÉ ENTÃO POUCAS IGREJAS TINHA A INTENÇÃO DE INCLUIR ESSES SURDOS NAS LITURGIAS, NA PREGAÇÃO DA PALAVRA.

10. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA ÉPOCA:

- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 1
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: 1
- LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA: EDILEUSA MACHADO



ENTREVISTADO(A) 6

ENTREVISTA CONCEDIDA POR JOSÉ WILSON BARBOSA NEGREIROS EM 28 DE SETEMBRO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM.
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: IGREJA BATISTA DO TAPAJÓS.
- BAIRRO: TAPANÃ.
- NOME DO MINISTÉRIO: AINDA NÃO TEM UM NOME, MAS PRETENDEM COLOCAR UM NOME ESPECÍFICO ATÉ PORQUE NAS OUTRAS IGREJAS TEM UM NOME.

2. QUANDO INICIOU O MINISTÉRIO COM SURDOS?

RESP: ANO DE 2016.

3. QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

NÓS TEMOS UM CASAL DE SURDOS QUE FREQUENTA, GERALMENTE NOS CULTOS DE DOMINGO A NOITE.

4. QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O MINISTÉRIO E POR QUÊ?

RESP: NO ANO PASSADO, A GENTE JÁ VINHA FALANDO SOBRE ISSO, NÉ? QUANDO EU FIZ FACULDADE EU E A CRIS, FACULDADE DE PEDAGOGIA, NÓS TIVEMOS UMA MATÉRIA TAMBÉM FALANDO SOBRE ISSO: DA IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO SOCIAL, NÉ? E AI, COM O PASSAR DOS DIAS A CAROL QUE NS AJUDA MUITO NESTE PROJETO AQUI NA IGREJA, ELA TEVE A IDEIA DE SUGERIR O NOME DO NAMORADO DELA QUE CONGREGA NA AGULHA, O LUCAS PRA VIR MINISTRAR AS AULAS PRA 12 PESSOAS. OUTRAS IGREJAS PARTICIPARAM CONOSCO DESSE MOMENTO. ENTÃO ANO PASSADO, PRATICAMENTE 7 MESES O LUCAS FICOU AQUI INSTRUINDO. DEPOIS DISSO NÓS MONTAMOS O MINISTÉRIO AQUI NA IGREJA E CAROL É A LÍDER DO MINISTÉRIO AQUI NA IGREJA. ESSE ANO JÁ FOI REALIZADA UMA OFICINA, PARA O PÚBLICO DE ADOLESCENTES QUE DESEJAM DESENVOLVER O MINISTÉRIO, DESEJAM APRENDER. ATÉ PORQUE A GENTE PRECISA SE RELACIONAR COM OS SURDOS E A GENTE NÃO SABE COMO FAZER, NÉ? NEM SEMPRE.

E AGENTE PRECISA PELO MENOS O BÁSICO, NÉ? FALAR BOM DIA! SEJAM BEM VINDO! ENTÃO EU CREIO QUE É ISSO QUE NÓS TEMOS AQUI NA IGREJA. ESTÁ COMEÇANDO, TEM MUITA COISA PRA APRENDER

5. QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS? (INFORMAR NOME E SOBRENOME)

CAROL RIBEIRO E O LUCAS SILVA PANTOJA. QUANDO O PESSOAL AINDA ESTAVA APRENDENDO O LUCAS VINHA INTERPRETAR O CULTO.

6. A PARTIR DO MINISTÉRIO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURGIRAM OUTROS MINISTÉRIOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

NÃO.

7. COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE MINISTÉRIO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO MINISTÉRIO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

RESP:

8. QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

RESP

- INTERVENÇÕES DE INTERPRETAÇÃO NOS CÂNTICOS, NA MENSAGEM, NAS BOAS VINDAS.
- CULTO DE DOMINGO A NOITE.

9. QUAIS OS OBJETIVOS DO MINISTÉRIO?

OBJETIVO É GANHAR NOVOS FRUTOS, NÉ? PORQUE A GENTE DESCOBRIU QUE ..., QUASE QUE A GENTE NÃO PERCEBE, MAS EXISTEM MUITOS SURDOS AQUI NA NOSSA REGIÃO E ELAS PRECISAM SER ALCANÇADOS. SÃO GENTE COMO NÓS E TAMBÉM SÃO INTELIGENTES, NÉ VERDADE? ENTÃO AGENTE VÊ QUE É UM CAMPO MUITO VASTO.

10. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO HOJE:

- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 2
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: 7
- LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA: CAROL RIBEIRO

- FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR SURDOS: OS SURDOS ESTÃO EM PROCESSO DE APRENDIZAGEM.



ENTREVISTADO(A) 7

ENTREVISTA CONCEDIDA POR LUCIANA COELHO RODRIGUES LIMA EM 09 DE OUTUBRO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM-PA
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: PRIMEIRA IGREJA BATISTA DO PARÁ
- BAIRRO: CAMPINA
- QUAL O NOME DO MINISTÉRIO? MINISTÉRIO DO SILÊNCIO MÃOS EM ADORAÇÃO
- TEM SINAL? CASO TENHA, FAVOR FAZER UM VÍDEO OU MANDAR

2 QUANDO INICIOU O MINISTÉRIO COM SURDOS?

O MINISTÉRIO COM SURDOS NA PIB INICIOU POR VOLTA DOS ANOS 88, 89.

3 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

NO COMEÇO TÍNHAMOS UM NÚMERO MUITO BOM, POR VOLTA DE 30 SURDOS.

4 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O MINISTÉRIO E POR QUÊ?

EDILENE FRAZÃO. NA VERDADE, ELA FOI A PRIMEIRA A SE INTERESSAR PELA NOVIDADE QUE HAVIA CHEGADO JUNTO COM UMA IRMÃ DE GOIÂNIA, A IRMÃ ANA CRISTINO. ELA ERA MEMBRO DA PIB DE GOIÂNIA E LÁ HAVIA APRENDIDO LÍNGUA DE SINAIS COM SUA CUNHADA E QUANDO VEIO PRA BELÉM, TROUXE A PROPOSTA E A LENE (EDILENA) SE INTERESSOU JUNTAMENTE COM OUTRAS MOÇAS. A LENE IA PELAS ESCOLAS PÚBLICAS, DE MANEIRA VOLUNTÁRIA, DANDO AULA DE RELIGIÃO EM LIBRAS.

5 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS?

EDILENE FRAZÃO, MIONI MAGALHÃES, HERMÓGENES JÚNIOR, FABIANA LIMA, DANIELE, RENATA MORAES, ÂNGELA RODRIGUES, TALITA BARROS, LUCIANA LIMA, ALANE LOBATO

6 A PARTIR DO MINISTÉRIO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURGIRAM OUTROS MINISTÉRIOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

SIM, O MINISTÉRIO NA IGREJA BATISTA EQUATORIAL, O MINISTÉRIO DA PIB NO GUAMÁ, PIB DA PEDREIRA, DA COMUNIDADE QUE FICA NA PIRAJÁ (NÃO RECORDO O NOME)

7 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE MINISTÉRIO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO MINISTÉRIO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

COM INCENTIVO DA IRMÃ QUE VEIO DE GOIÂNIA, MAS SEM APOIO NA VERDADE. INICIAMOS TUDO DO ZERO.

8 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

ANTIGAMENTE TÍNHAMOS O FUTEBOL PARA SURDOS, O QUE ATRAIA DEMAIS A PARTICIPAÇÃO DELES. COM A CHEGADA DE OUTROS SURDOS, PASSAMOS A TER O CURSO DE LIBRAS. HOJE EM DIA NÃO TEMOS MAIS O FUTEBOL, MAS EM NOSSO TRABALHO TEMOS A TRADUÇÃO DOS CULTOS AOS DOMINGOS, E FAZEMOS UMA CÉLULA A CADA 15 DIAS COM NOSSOS SURDOS. TAMBÉM ESTAMOS RETOMANDO O CURSO DE LIBRAS, MAS COM O INTUITO DE CAPACITAR A PRÓPRIA IGREJA, PARA QUE HAJA UMA COMUNICAÇÃO MAIS EFICAZ COM NOSSOS IRMÃOS. NÃO TEMOS ALGO QUE ATRAIA OS SURDOS HOJE, PORQUE ENTENDEMOS QUE O ESTUDO DA PALAVRA DE DEUS É NO QUE REALMENTE DARÁ A ELES A POSSIBILIDADE DE CONTINUAR CONOSCO E CRESCER ESPIRITUALMENTE. ELES PARTICIPAM DA EBD, DOS CULTOS E DAS CLASSES DE DISCIPULADO.

9 QUAIS OS OBJETIVOS DO MINISTÉRIO?

NOSSO OBJETIVO É FAZER COM QUE JESUS CRISTO SEJA CONHECIDO PELOS SURDOS COMO ÚNICO SENHOR E SALVADOR DE SUAS VIDAS. QUE ELES RECONHEÇAM ISSO, ACEITANDO-O DE LIVRE VONTADE. TAMBÉM QUEREMOS FORMAR LÍDERES SURDOS QUE POSSAM TRAZER OUTROS SURDOS, PORQUE ENTENDEMOS QUE NINGUÉM MELHOR QUE ELES MESMOS PARA FALAR DE JESUS AOS OUTROS.

10 ORGANIZADO O TRABALHO HOJE:

- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 4 MEMBROS DA IGREJA MAIS 2 CONGREGADOS
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: 10
- LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA: COORDENAÇÃO DA JACKELINE SOUZA
- FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR SURDOS: AINDA ESTAMOS EM PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LIDERANÇA.

ENTREVISTADO(A) 8

ENTREVISTA CONCEDIDA POR NAIANA MARIA VIANA DE SOUSA EM 05 DE OUTUBRO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM, DISTRITO DE ICOARACI
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: IGREJA BATISTA DO SORRISO (É DA MESMA CONVENÇÃO, SÓ QUE SÃO TIPOS IRMÃS. AQUI EM BELÉM AS ÁREAS SÃO DIVIDIDAS POR METROPOLITANA. AQUI É A METROPOLITANA 3 E A PIB PARÁ É A METROPOLITANA 1.
- BAIRRO: PARACURI (ANTES O BAIRRO SE CHAMAVA SORRISO, POR ISSO A IGREJA RECEBEU O NOME DE PIB DO SORRISO, PORÉM COM AS MUDANÇAS GEOGRÁFICAS, O BAIRRO PASSOU A SE CHAMAR DE PARACURI)
- NOME DO MINISTÉRIO: ADORADORES NO SILÊNCIO

2 QUANDO INICIOU O MINISTÉRIO COM SURDOS?

NOSSA! O TRABALHO COM OS SURDOS COMEÇOU AQUI... MEU DEUS! DEIXA EU VER! UNS DEZ ANOS! SÓ COMO EU TE FALEI, NÉ? COMEÇOU COM IRMÃ JACY. COMEÇOU A ENSINAR LIBRAS PRA GENTE, NÓS ÉRAMOS...COMO NÓS ÉRAMOS.... LIBRAS ERA UMA COISA DIFERENTE PRA GENTE, UMA LÍNGUA NOVA, COMEÇOU COM UMA TURMA DE VINTE PESSOAS, NÉ? SÓ QUE AOS POUCOS AS PESSOAS VÃO DESANIMANDO, FORAM SAINDO. AÍ FICOU EU, NAYARA QUE CONTINUOU, MINHA IRMÃ. AÍ PAROU. AÍ DEPOIS É.. EU COMECEI A ESTUDAR NA IGREJA DA AGULHA QUE ESTAVAM DANDO O CURSO LÁ. APRENDI MUITA COISA. E AI, TIPO ASSIM!! DE DEZ ANOS. DEZ ANOS COMEÇOU O TRABALHO AQUI. MAS QUE SÓ DESDE O ANO RETRASADO QUE TA MAIS FORTE, ASSIM, SABE? GRAÇAS A DEUS!!

3 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

NO COMEÇO DO TRABALHO AGENTE NÃO TINHAM SURDO. SÓ QUE AOS POUCOS VIERAM. AÍ A GENTE FICOU COM TRÊS SURDOS AQUI NA IGREJA. SÓ QUE É ASSIM ... É O SURDO É DIFERENTE, A FREQUÊNCIA DE SURDO É DIFERENTE DOS OUVINTES E AI AOS POUCOS ELES FORAM SAINDO, MAS ELES PARTICIPARAM DURANTE MUITOS ANOS, SÓ NÃO ERAM MEMBROS, NÉ? ELES ERAM APENAS CONGREGADOS. É SÓ ISSO, VAI QUE EU RESPONDA OUTRA PERGUNTA (RISOS).

4 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O MINISTÉRIO E POR QUÊ?

IRMÃ JACIONE FRANCO. ELA COMEÇOU ESSE TRABALHO PORQUE ELA VIU UMA POSSIBILIDADE, NÉ? DA GENTE ABRIR OS OLHOS PARA AS PESSOAS SURDAS. PORQUE É MUTO FÁCIL PRA GENTE VIR PRA CÁ E OUVIR, MAS E AS PESSOAS QUE SÃO SURDAS? COMO É QUE ELAS VÃO OUVIR FALAR DE JESUS? QUE TEM UM DEUS QUE TRANSFORMA, QUE PODE MUDAR VIDAS.

E AÍ ELA COMEÇOU A ENSINAR LIBRAS PRA GENTE, EU ME APAIXONEI LOGO DE CARA! É UM OUTRO MUNDO NÉ PRA GENTE, MAS FOI ELA QUE COMEÇOU POR ISSO, NÉ?

5 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS? (INFORMAR NOME E SOBRENOME)

IRMÃ JACIONE FRANCO. DEPOIS FOI O ADRIEL LISBOA ELE COMEÇOU AQUI E EU COMECEI BEM DEPOIS. EU TINHA MUITO MEDO DE INTERPRETAR UMA COISA ERRADA. ENTÃO EU FICAVA MAIS NA MÚSICA E QUANDO EU ENSAIAVA EM CASA, NÉ? MAS MENSAGEM, OU QUANDO ALGUM IRMÃO IA DAR UM TESTEMUNHO... NOSSA!, INTERPRETAR MENSAGEM BÍBLICA ENTÃO!, MISERICÓRDIA!

SÓ QUE HOJE QUEM FAZ MAIS ISSO SOU EU, O ADRIEL FICA MAIS ASSIM PARA AJUDAR, POR CAUSA DO PROBLEMA DE SURDEZ DELE.

6 A PARTIR DO MINISTÉRIO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURGIRAM OUTROS MINISTÉRIOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

FOI INDEPENDENTE, NA VERDADE. A IRMÃO JACY ESTAVA APRENDENDO LIBRAS, AI MEU DEUS EU NEM ME LEMBRO MAIS! ELA TEVE AULA LA NA IGREJA DA AGULHA E AI ELA... COMEÇOU A FAZER OUTRO CURSO TAMBÉM POR FORA, SÓ NÃO SEI O NOME DO CURSO E, ... DEPOIS ELA COMEÇOU A TRAZER O TRABALHO PRA GENTE, NÉ? ELE TROUXE UMA PROPOSTA MUITO INTERESSANTE.

HOJE ELA NÃO ESTÁ MAIS NA FRENTE POIS ELE PAROU MUITO TEMPO E ELA FALA QUE ESTÁ COM A LIBRAS DESATUALIZADA, MAS ELA AINDA CONGREGA NESTA IGREJA, MAS ELA INCENTIVA MUITO A GENTE.

7 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE MINISTÉRIO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO MINISTÉRIO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

NÃO.

8 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

- VISITAÇÕES NAS CASAS DOS SURDOS.
- ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL INTERPRETADA NA CLASSE DE JOVENS.
- CULTO DE DOMINGO A NOITE INTERPRETADO
- QUARTA-FEIRA CULTO INTERPRETADO.

9 QUAIS OS OBJETIVOS DO MINISTÉRIO?

ALCANÇAR OUTRAS PESSOAS SURDAS E TAMBÉM DESPERTAR NA IGREJA A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS PARA EU ELES POSSAM TER COMUNICAÇÃO COM OS SURDOS, PORQUE QUANDO ELES VEM SÓ EU E O ADRIEL QUE ENTENDIA, QUE SABEM LIBRAS. AI EU COMECEI A CONVERSAR COM O MEU PASTOR ENOQUE E AI ELE TAMBÉM TEVE INTERESSE. EU COMECEI A DAR UMAS AULAS PARA ELE, ELE APRENDEU MUITAS COISAS. ELE TEM UMA SOBRINHA SURDA NA VERDADE, NÉ? E AI ELE GOSTOU MUITO, ATÉ DEU MUITO APOIO PRA GENTE. MAS O NOSSO OBJETIVO MESMO É QUE OS IRMÃOS ENTENDAM A IMPORTÂNCIA E QUEIRAM APRENDER ESSA LÍNGUA E QUE NÓS POSSAMOS INTERAGIR COM OS SURDOS PORQUE É TÃO DIFÍCIL, ELES FICAM TÃO DESLOCADOS, AS VEZES. AS VEZES ELES FAZEM MÍMICA, MAS É ASSIM QUE ELES TENTAM SE COMUNICAR COM OS SURDOS.

A NATÁLIA QUE É SURDA, ELA TEM FLUÊNCIA EM LIBRAS, SÓ QUE QUANDO ELA VAI SE COMUNICAR COM O NOSSO PASTOR, DE VEZ EM QUANDO ELE DÁ UMA ENROLADA E TUDO E ELA CONSEGUE ENTENDER, SABE? FAZ UMA MÍMICA.

10 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO HOJE:

- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 1 + 4 SURDOS VISITANTES. SURDOS GOSTAM DE VISITAR AS IGREJAS. AS VEZES ELES SOMEM, NÃO VEM NENHUM. TEM UM SURDO QUE VEM VISITAR A GENTE, ELE É DA CIDADE NOVA/ANANINDEUA, AI ELE APARECE DO NADA AQUI.
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: 2 – NAIANA SOUSA E ADRIEL LISBOA.
- LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA: NAIANA SOUSA E ADRIEL LISBOA, ASSUMEM AMBOS A LIDERANÇA.
- FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR SURDOS: NENHUMA. OS SURDOS AINDA NÃO ESTÃO PREPARADOS, POIS COM ELES SÃO NOVOS CONVERTIDOS, AINDA NÃO DEU PARA APRENDER MUITA COISA. E TU SABES COMO É DIFÍCIL MANTER UMA COMUNICAÇÃO COM ELES E TUDO. ATÉ ELES ENTENDEREM, TEM QUE EXPLICAR TUDO DIREITINHO. SE A GENTE FALAR DE ALGUMA HISTÓRIA, POR EXEMPLO, A HISTÓRIA DE DAVI EU VOU TER QUE CONTAR TODA A HISTÓRIA E PARA ISSO ELES PRECISAM VIR PARA EBD PARA APRENDER, NÉ?

ENTREVISTADO(A) 9

ENTREVISTA CONCEDIDA POR RENNAN ALBERTO DOS SANTOS BARROSO EM 27 DE SETEMBRO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM, DISTRITO DE ICOARACI
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: IGREJA BATISTA DA AGULHA
- BAIRRO: AGULHA.
- NOME DO MINISTÉRIO: VENDO VOZES

2 QUANDO INICIOU O MINISTÉRIO COM SURDOS?

INICIOU EM AGOSTO DE 2005

3 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

NO INÍCIO SÓ HAVIA UM SURDO CHAMADO EZEQUIEL EDUARDO PANTOJA

4 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O MINISTÉRIO E POR QUÊ?

NO QUE TANGE O MINISTÉRIO VENDO VOZES, A HELENEH AMORIM LEMOS QUE FOI A FUNDADORA. ELA COMEÇOU A APRENDER LIBRAS COM O EZEQUIEL E DAÍ ELA VIU A NECESSIDADE DE EVANGELIZAR. ELA JÁ ERA MEMBRO DA IGREJA BATISTA DA AGULHA, DAÍ APÓS A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA DE SINAIS ELA DESERTOU O DESEJO DE AJUDAR A EVANGELIZAR TANTO O EZEQUIEL QUANTO OS OUTROS SURDOS QUE VIERAM POSTERIORMENTE. ATÉ PORQUE A IGREJA BATISTA DÁ UMA GRANDE IMPORTÂNCIA PARA O ATO DE EVANGELIZAR, POR ISSO SE DEU INÍCIO AO MINISTÉRIO. LOGO DEPOIS QUE SE FORMOU A PRIMEIRA TURMA PARA INTERPRETE DE LIBRAS, O MINISTÉRIO AGREGOU COMO INTERPRETES CINCO PESSOAS. OS SEIS CONSTRUIRAM UM MINISTÉRIO MAIS FORTE. OUTRO SURDOS POSTERIORMENTE AGREGARAM AO MINISTÉRIO.

NO PERÍODO DE 2008 A 2014 O VENDO VOZES PASSOU A SER LIDERADO POR RENNAN ALBERTO CARDOSO BARROSO

5 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS? (INFORMAR NOME E SOBRENOME)

A HELENEH AMORIM LEMOS INTERPRETAVA OS CULTOS PARA O EZEQUIEL ENQUANTO SE PLANEJAVA A FORMAÇÃO DE TURMAS PARA TRADUTOR-INTERPRETE DE LIBRAS DA IGREJA BATISTA DA AGULHA PARA ENTRAR NO MINISTÉRIO. LOGO EM SEGUIDA ADENTROU NO MINISTÉRIO TEREZINHA CANTANHEDE, JOSIANE, PATRÍCIO MAGNO, DANIEL MORAES, CAROLINE E INGRID ESPÍNDOLA

6 A PARTIR DO MINISTÉRIO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURGIRAM OUTROS MINISTÉRIOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

NÃO. ELE FOI UM DOS PRIMEIROS DA DENOMINAÇÃO EM BELÉM. O PRIMEIRO FOI DO DA PIB DO PARÁ

7 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE MINISTÉRIO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO MINISTÉRIO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

INFLUENCIOU A CRIAÇÃO DO MINISTÉRIO COM SURDOS DA PIB DO SORRISO, DA IGREJA BATISTA DA CIDADE NOVA EM ANANINDEUA/PA E O MINISTÉRIO DA IGREJA BATISTA DO TAPAJÓS.

8 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

- INTERPRETAÇÃO DOS CULTOS
- NO COMEÇO ERA UM GRUPOS DE TEATROS E MÚSICA EM PRAÇAS PÚBLICAS REALIZANDO APRESENTAÇÕES EM LIBRAS (A PARTIR DO MOMENTO QUE NÓS SAÍMOS JUNTO COM A CONVENÇÃO BATISTA DO PARÁ, NÓS ÍAMOS AO ENCONTRO MISSÕES DE EVANGELIZAÇÃO A ESSES SURDOS. SENDO ASSIM USÁVAMOS DESSAS APRESENTAÇÕES PARA ATRAIR ESSE PÚBLICO.
- VISITA EM DOIS MUNICÍPIOS DO PARÁ SALINAS E SANTA BÁRBARA (ALCANCE DE 8 SURDOS).
- ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL PARA SURDOS (IMPLANTADA EM 2014 E APROVADA PELA IGREJA)

9 QUAIS OS OBJETIVOS DO MINISTÉRIO?

É INCLUIR OS SURDOS NA IGREJA, VISTO QUE ATÉ ENTÃO POUCAS IGREJAS TINHA A INTENÇÃO DE INCLUIR ESSES SURDOS NAS LITURGIAS, NA PREGAÇÃO DA PALAVRA. EM BELÉM NÓS NÃO TÍNHAMOS NENHUM PASTOR SURDO. DIFERENTE DE CURITIBA QUE A PIB DE LÁ JÁ ESTÁ BEM MAIS AVANÇADA. LÁ EXISTE O MINISTÉRIO COMUNICAR NÓS TEMOS COMO REFERÊNCIA O TRABALHO DO PASTOR ADONIRAN MELO. ENTÃO NÓS VIMOS A NECESSIDADE DE BUSCARMOS ISTO TAMBÉM.

10 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO HOJE:

- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 8
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: 15
- LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA: TEREZINHA CANTANHEDE, BEATRIZ
- SECRETÁRIO: PATRÍCIA
- PROFESSORES DE LIBRAS: TIAGO E EZEQUIAS NUNES
- FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR SURDOS: NENHUMA. OS SURDOS QUE DESEMPENHAVAM CERTAS FUNÇÕES ELES MIGRARAM PARA A IGREJA BATISTA EM LIBRAS PELA NECESSIDADE DE QUERER APRENDER MAIS COM O PASTOR EVERTON. MAS SEMPRE HÁ ESSAS TROCAS ATÉ PORQUE A IGREJA EM LIBRAS É DA DENOMINAÇÃO BATISTA, IGUAL A IGREJA BATISTA DA AGULHA, ENTÃO SÓ HÁ ESSAS TROCAS. O IMPORTANTE É QUE NENHUM SURDO DE DESVIOU.
- CULTO EM LIBRAS – CULTO MENSAL QUE COMEÇOU A SER PRATICADO EM 2014. COM ESTRATÉGIAS EM LÍNGUA DE SINAIS ONDE OS SURDOS DIRIGEM AS ATIVIDADES.



ENTREVISTADO(A) 10

ENTREVISTA CONCEDIDA POR TAISSA NAIARA DE OLIVEIRA MONTEIRO EM 07 DE OUTUBRO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: IGREJA BATISTA DA PEDREIRA
- BAIRRO: PEDREIRA
- QUAL O NOME DO TRABALHO DESENVOLVIDO COM SURDOS? MINISTÉRIO DO SILÊNCIO
- TEM SINAL? CASO TENHA, FAVOR FAZER UM VÍDEO OU FOTO.

2 QUANDO INICIOU O TRABALHO COM SURDOS?

O MINISTÉRIO TEVE INICIO EM AGOSTO DE 2001

3 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

O MINISTÉRIO INICIOU COM APROXIMADAMENTE VINTE SURDOS

4 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O TRABALHO E POR QUÊ?

A FUNDADORA FOI IZABELE CRISTINA COSTA E O OBJETIVO FOI EVANGELIZAR SURDOS POIS ELA JÁ HAVIA APRENDIDO LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM ESPAÇO SECULAR.

5 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS?

OS PRIMEIROS INTERPRETES FORAM IZABELE CRISTINA COSTA E ROBERTO. COMECEI A PARTICIPAR DO MINISTÉRIO EM 2004 PORQUE SENTI O CHAMADO DE DEUS PARA DESENVOLVER ESTE TRABALHO. ELA DESENVOLVIA O TRABALHO DE INTERPRETE DE LIBRAS E FICOU NESTE MINISTÉRIO ATÉ 2016. A MESMA MUDOU PAR A IGREJA BATISTA BÍBLICA E AGORA DESEJA INICIAR O MINISTÉRIO NESTA INSTITUIÇÃO RELIGIOSA.

6 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE TRABALHO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO TRABALHO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

NÃO SOUBE RESPONDER

7 A PARTIR DO TRABALHO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURTIAM OUTROS TRABALHOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

NÃO SOUBE RESPONDER

8 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

- VISITAR O SURDO PARA QUE SINTA-SE BEM E PASSE A CONFIAR NO INTERPRETE E DEPOIS O CONVIDA PARA PARTICIPAR DOS CULTOS.
- CULTO INTERPRETADO
- ESCOLA DOMINICAL EM LIBRAS OU INTERPRETADA?
- PASSEIO PARA O DISTRITO DE MOSQUEIRO/PA EM 2004
- CULTO DE CELEBRAÇÃO AO ANIVERSÁRIO DO MINISTÉRIO.
- APRESENTAÇÃO TEATRAL EM LIBRAS, PANTOMINAS E TEATRO MÃOS EM NEON

9 QUAIS OS OBJETIVOS DO TRABALHO?

EVANGELIZAR SURDOS E INCLUIR ELES NA CASA DO SENHOR

10 ORGANIZADO O TRABALHO HOJE:

- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 1
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: INCERTO
- LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA: NÃO TEM
- FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR SURDOS: NENHUMA NO MOMENTO

ENTREVISTADO(A) 11

ENTREVISTA CONCEDIDA POR HILMA LÚCIA COSTA DA SILVA EM 05 DE MAIO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: INSTITUTO FELIPPO SMALDONE. O TRABALHO DA IGREJA CATÓLICA É DIVIDIDO POR REGIÃO. A REGIÃO DO SMALDONE É CHAMADA DE MARA GORETH.
- BAIRRO: UMARIZAL

2 QUANDO INICIOU O MINISTÉRIO COM SURDOS?

NO ANO DE 1994.

3 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

30 URDOS

4 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O MINISTÉRIO E POR QUÊ?

IRMÃ CIRIA GOMES E TRADUTOR/INTERPRETE WANDERLEI RIBEIRO, COM A FINALIDADE DE EVANGELIZAR O SURDO E MOTIVA-LO A PARTICIPAR DA VIDA DA IGREJA CATÓLICA.

5 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS?

IRMÃ CIRIA GOMES, WANDERLEI RIBEIRO E CASSIA MENDES.

6 A PARTIR DO MINISTÉRIO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURGIRAM OUTROS MINISTÉRIOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

SIM, HÁ UM CALENDÁRIO ONDE SE CONTEMPLAM MISSAS INTERPRETADAS EM VÁRIAS IGREJAS, A SABER: BASÍLICA, FÁTIMA, PERPÉTUO SOCORRO, RAINHA DA PAZ, SÃO JUDAS TADEU, CAJU, CENTRÃO (É UMA EXTENSÃO DA IGREJA SAL E LUZ, LOCALIZADA NO BAIRRO BATISTA CAMPOS) E MENINO DEUS EM MARITUBA

7 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE MINISTÉRIO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO MINISTÉRIO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE.

8 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

- DINÂMICA BEM ELABORADA EVOLVENDO SINAIS LITÚRGICOS,
- DIVULGAÇÃO NO WHATSAPP DA PROGRAMAÇÃO PARA EVITAR O RISCO DO GRUPO DE INTERPRETES IREM PARA UMA DETERMINADA IGREJA E NÃO TER SURDOS PRESENTES.
- PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS DE WHATSAPP DE TILS E SURDOS A NÍVEL NACIONAL,
- FORMAÇÃO RELIGIOSA EM OUTROS ESTADOS AOS SÁBADOS
- CATEQUESE (EXCLUSIVO DO FELIPPO SMALDONE)
- DEPENDENDO DA PROGRAMAÇÃO ANUAL, TAMBÉM SE REALIZA A CATEQUESE EM OUTRAS COMUNIDADES, POR EXEMPLO: O GRUPO INTEIRO VAI PARA SANTA MARIA DO PARÁ NO FINAL DE SETEMBRO/2017. A PROGRAMAÇÃO VAI PARA A PASTORAL. ESSA PROGRAMAÇÃO É ENVIADA DIRETO PARA AS FREIRAS DO SMALDONE.

9 QUAIS OS OBJETIVOS DO MINISTÉRIO?

ACOMPANHAR OS ALUNOS QUE SÃO EDUCADOS E EVANGELIZADOS PELAS IRMÃS SALESIANAS DOS SAGRADOS CORAÇÕES DURANTE SUA PERMANÊNCIA NO INSTITUTO FELIPPO SMALDONE;

- EVANGELIZAR O SURDO PARA QUE ELE SE TORNE EVANGELIZADOR PARA OS SEUS E PARA OS DEMAIS;
- LEVAR O CONHECIMENTO DA PALAVRA, PARA QUE OS SURDOS CUMPRAM OS ENSINAMENTOS DE JESUS E TENHA A POSSIBILIDADE DE PARTICIPAR DA VIDA DA IGREJA UTILIZANDO SUA PRÓPRIA LÍNGUA (LIBRAS)

10 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO HOJE:

- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 20
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: 04
- LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA:

QUADRO FUNCIONAL DA PASTORAL:

- 1- COORDENAÇÃO GERAL DA PASTORAL: IRMÃ CIRIA;
- 2- COORDENAÇÃO DA PASTORAL: IRMÃ TATYANA;
- 3- COORDENADOR DA PASTORAL: LUÃ (SURDO);
- 4- VICE-COORDENADORA: ALINE (SURDA);
- 5- SECRETÁRIA: LEILA (SURDA);
- 6- TESOUREIRO: DANILO (SURDO);

CONSELHEIROS:

- 7- 1º CONSELHEIRO: MICAELA (SURDA)
- 8- 2º CONSELHEIRO: HILMA LÚCIA;
- 9- 3º CONSELHEIRO: CLEITON MARRUAZ;
- 10- 4º CONSELHEIRO: LENE LÚCIA.

QUADRO FUNCIONAL DA CATEQUESE:

COORDENAÇÃO GERAL DA CATEQUESE: IRMÃ CIRIA;
COORDENAÇÃO DA CATEQUESE: IRMÃ TATYANA
APOIO DA COORDENAÇÃO: HILMA LÚCIA;
1ª EUCARISTIA CATEQUIZANDO OUVINTE: SARA;
CRISMA I: LEILA (SURDA) E LENE;
CRISMA II: LUÃ (SURDO) E CLAYTON;
CURSO DE LIBRAS: SECRETÁRIA: LUCIANA;
CURSO DE LIBRAS: ALINE (SURDA) E HILMA LÚCIA;
COORDENAÇÃO DOS INTERPRETES: CLEITON MARRUAZ
INTERPRETE: CLEITON MARRUAZ, HILMA LÚCIA, IRMÃ CIRIA E WANDERLEY FERREIRA RIBEIRO.



PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

ENTREVISTADO(A) 12

ENTREVISTA CONCEDIDA POR EMILY MELISSA GOMES DA COSTA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: COMUNIDADE CRISTÃ DE BELÉM – CCB (SINAL C+B)
- BAIRRO: MARCO
- QUAL O NOME DO TRABALHO DESENVOLVIDO COM SURDOS?
MINISTÉRIO COM SURDOS EFATÁ
- TEM SINAL? SIM, “E” NAS DUAS ORELHAS, ABRE COM MÃOS ESPALMADAS.

2 QUANDO INICIOU O TRABALHO COM SURDOS?]

A INTERPRETAÇÃO DOS CULTOS INICIOU EM 2008.

3 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

APENAS UMA SURDA, CAMILA

4 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O TRABALHO E POR QUÊ?

LAIS CARNEIRO

5 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS?

LAÍS CARNEIRO, EMILY COSTA, TAYSE FERREIRA, NAYARA COSTA, FABRICIO COLARES, CAMILE PEREIRA, CAROL GOULART E NICOLE CARDOSO

6 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE TRABALHO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO TRABALHO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

ANTES DO MINISTÉRIO EFATÁ EXISTIR, HAVIA UMA OUTRA PESSOA QUE TOMAVA CONTA DO MINISTÉRIO, MUITOS ANOS ANTES DO EFATÁ EXISTIR. O EFATÁ SURTIU NO MOMENTO EM QUE A IGREJA TOMOU CONHECIMENTO QUE A LAIS CARNEIRO ESTAVA ESTUDANDO LIBRAS. NA OCASIÃO ELA FOI CONVIDADA PARA INTERPRETAR EM LIBRAS O CULTO NAQUELE DOMINGO, POIS UMA SURDA IRIA VISITAR. DESSA FORMA, A LAÍS PERCEBEU QUE NECESSITARIA DE AJUDA E ENTÃO DIVULGOU O CURSO DE LIBRAS NA IGREJA. DESTE CURSO, SAÍRAM OS PRIMEIROS INTERPRETES.

7 A PARTIR DO TRABALHO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURTIU OUTROS TRABALHOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

OUTRAS IGREJAS FILHAS TIVERAM INTERESSE EM DESENVOLVER UM TRABALHO, MAS NÃO POSSO AFIRMAR SE INICIOU ALGUM TIPO DE ATIVIDADE.

8 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

- UTILIZAMOS NOSSOS GRUPOS CHAMADOS DE CÉLULA ONDE REUNIMOS UMA VEZ POR SEMANA EM LARES OU NAS DEPENDÊNCIAS DA IGREJA.
- CULTOS INTERPRETADOS
 - CULTOS DE JOVENS AOS SÁBADOS
 - ESCOLA BÍBLICA AOS DOMINGOS PELA MANHÃ
 - CULTO DE ADORAÇÃO PELO DOMINGO A NOITE

9 QUAIS OS OBJETIVOS DO TRABALHO?

AJUDAR OS SURDOS A CONHECER MAIS SOBRE DEUS.

10 ORGANIZADO O TRABALHO HOJE:

- ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES NO SALÃO DO REINO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ – CONGREGAÇÃO EM LS AUGUSTO MONTENEGRO.
- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 1
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: 3
- FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR SURDOS: NO MOMENTO, NENHUMA.

ENTREVISTADO(A) 13

ENTREVISTA CONCEDIDA POR AMÉRICO LAMAS DE MENEZES EM 24 DE SETEMBRO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: IGREJA PRESBITERIANA CENTRAL DO PARÁ (IPCPA), MANTIDA PELA ASSOCIAÇÃO REFORMADA PALAVRA DA VERDADE, É UMA IGREJA FILIADA A IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL (IPB). É UMA INSTITUIÇÃO DE ORIGEM REFORMADA MAIS ANTIGA DO BRASIL. A PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA SURTIU NO RIO DE JANEIRO EM 1862 POR UM MISSIONÁRIO AMERICANO. A IGREJA PESQUISADA É LIGADA A IPB A QUAL É LIGADA TAMBÉM A IGREJA PRESBITERIANA DA MAGALHÃES BARATA. A IGREJA IPCPA FOI FUNDADA EM 1982.
- BAIRRO: MARCO
- QUAL O NOME DO TRABALHO DESENVOLVIDO COM SURDOS? NA VERDADE SILVIO, ASSIM ..., DEIXA EU TE FALAR AQUI NÓS NÃO CHAMAMOS DE MINISTÉRIO DE SURDOS. DIFERENTE DA ASSEMBLEIA, DA BATISTA, NÓS NÃO TEMOS UM MINISTÉRIO COM SURDOS. O QUE OCORRE É QUE EXISTE A IGREJA.

2 QUANDO INICIOU O TRABALHO COM SURDOS?

ENTÃO EM 2006, NÓS ÉRAMOS LÁ DA ASSEMBLEIA, FERNANDA E EU. NÓS CASAMOS EM 2006, NÓS CASAMOS NA ASSEMBLEIA, QUANDO FOI NA METADE, NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2006, NÓS VIEMOS PRA CÁ, EM DECORRÊNCIA DO MEU CONHECIMENTO COM O PASTOR PORQUE EU ERA ALUNO DELE NO SEMINÁRIO.

ENTÃO A FERNANDA E EU JÁ SABÍAMOS LIBRAS, NOS VIEMOS NOS CONGREGAR AQUI. ENTÃO FOMOS RECEBIDOS COMO MEMBROS E AI, DENTRO DESSE CONTEXTO DE RECEPÇÃO DE MEMBROS, JÁ MEMBROS DA IGREJA, NÓ FOMOS ATÉ O PASTOR, NA ÉPOCA ERA O PASTOR PAULO ANGLADA AÍ NÓS DISSEMOS PARA ELE: - OLHA, NÓS TRABALHAMOS COM LIBRAS. NÓS PODEMOS INTERPRETAR NUM CULTO SE VIER ALGUM SURDO? ELE DISSE, PODE!

ENTÃO FOI ASSIM QUE INICIOU, AÍ NÓS FICÁVAMOS AQUI, QUANDO VINHA SURDOS, NÓS CONVIDÁVAMOS OS SURDOS. JÁ VIERAM A SOCORRO, O RUBENS, NÃO SEI SE VOCÊ CONHECE O RUBENS. ALGUNS SURDOS CONHECIDOS DE BELÉM. NÃO LEMBRO DE O CLEBER CHEGOU A VIR, MAS ENFIM.

AÍ A GENTE INTERPRETAVA, QUANDO VINHA.

O QUE ACONTECEU É QUE A UISIS QUE HOJE É MEMBRO DA IGREJA, ELA ERA ALUNA DA ESCOLA. ELA NÃO ERA EVANGÉLICA, ELA NÃO ERA MEMBRO DE IGREJA EVANGÉLICA.

ENTÃO, O PASTOR PAULO SABENDO QUE A GENTE INTERPRETAVA, AI... A INGREJA TEM UMA ESCOLA, O CENTRO DE ESTUDO JHON NOX. ENTÃO NA ESCOLA TINHA UMA ALUNA SURDA, MAS NÃO TINHA INTEPRETE. O PASTOR PAULO: AH! VOCÊS NÃO QUEREM INTERPRETAR E TUDO?

AÍ NOS PASSAMOS A INTERPRETAR NA ESCOLA, FOMOS CONTRATADOS PARA INTERPRETAR NA ESCOLA, MAIS A FERNANDA. EU VINHA SUBSTITUIR A FERNANDA QUANDO ELA NÃO PODIA. AI A GENTE INTERPRETOU TUDINHO.

NISSO NÓS CONVIDADOS A UISIS PARA PARTICIPAR DAS REUNIÃO DA IGREJA. ELA COMEÇOU A PARTICIPAR, GOSTOU ATÉ QUE ELA FOI CONVERTIDA. ELA QUIS FAZER A PRODUÇÃO DE FÉ DELA E PASSOU A SER MEMBRO NA IGREJA.

ENTÃO, UMA VEZ QUE ELA PARTICIPOU/PASSOU A SER MEMBRO DA IGREJA, O QUE NÓS FIZEMOS? NÓS TRÊS, A FERNANDA, ELA E EU. NÓS AH... VAMOS DA UM CURSO DE LIBRAS PRA IGREJA. NÓS ABRIMOS VAGAS PRA IGREJA ALGUNS SE MATRICULARAM, FOI EM 2007, 2008 NÃO DEMOROU MUITO NÃO. NO MÁXIMO 2009. NÃO FOI DEPOIS DE 2009, ACHO QUE NÃO.

AI NÓS DEMOS O CURSO, O ELDER QUE HOJE É DIÁCONO, NA ÉPOCA NÃO ERA FEZ O CURSO. O ELDER É O INTERPRETE. FEZ A IRMÃ JOSI. A IRMÃ JOSI TAMBÉM INTERPRETA, ELA É ESPOSA DE UM PRESBÍTERO. TAMBÉM FIZERAM AS FILHAS DELA. MUITA GENTE FEZ. OS DIÁCONOS COM O OBJETIVO DE APRESENTAR A LIBRAS PRA IGREJA, NÓS FIZEMOS UM CURSO AQUI.

DESSE CURSO, SAIU O ELDER E... QUE... FOI... COMEÇOU A INTERPRETAR DEPOIS COM A GENTE.

NESSA ÉPOCA EU TAVA NO SEMINÁRIO, TERMINANDO O SEMINÁRIO, AÍ EU TAVA NA EMINÊNCIA DE SER ORDENADO PASTOR EU DISSE: FERNANDA, EU NÃO VOU FICAR INTERPRETANDO O CULTO, PORQUE EU QUERO PRESTAR ATENÇÃO NO PASTOR, NÉ?

AÍ ELA FICAVA, AÍ O ELDER DEPOIS SE APROXIMOU E ASSIM FOI. ENTÃO É ASSI ATÉ HOJE! POR ISSO QUE EU TE DISSE, NÃO É UM MINISTÉRIO COM SURDOS. NÓS TEMOS UM TRABALHO DE INTERVENÇÃO. O ELDER INTERPRETA EM TODAS AS REUNIÕES, A FERNANDA INTERPRETA QUANDO ELE NÃO VEM, A IRMÃ JOSI INTERPRETA TAMBÉM. ENTÃO É ASSIM QUE É.

PORQUE NESSA IGREJA AQUI NÃO TEM DEPARTAMENTALIZAÇÕES, POR EXEMPLO, AQUI NÃO TEM MINISTÉRIO COM MULHERES, MINISTÉRIO COM CRIANÇAS, MINISTÉRIO NÃO. É TODOS JUNTOS! NÓS ENTENDEMOS QUE A IGREJA DEVE ANDAR JUNTOS. ENTÃO A GENTE NÃO DÁ UM DESTAQUE ESPECIAL PRA UM MINISTÉRIO. A UISIS, ELA É MEMBRO COMO QUALQUER OUTRO. ELA É SURDA, TEM O INTERPRETE, GRAÇAS A DEUS PRA ELA. NUNCA ACONTECEU DELA VIR A UMA REUNIÃO E... NÃO TER INTERPRETE. QUER DIZER... DEVE TER ACONTECIDO UMA OU DUAS VEZES, NÃO SEI. MAS ASSIM, É MUITO DIFÍCIL ACONTECER PORQUE TAMBÉM ELA ACABA ENTRANDO EM CONTATO QUANDO O ELDER NÃO VIER, TIVER DOENTE E ELA NÃO VEM. ELA JÁ SABE.

MAS EU JÁ DISSE PRA ELA QUE SE UM DIA ELA VIER E EU SOUBER QUE O ELDER NÃO VEM, EU FICO... EU FALO E FAÇO LIBRAS AO MESMO TEMPO, NÃO TEM NENHUM PROBLEMA, NÉ?

3 VOCÊ CONSIDERA QUE O FATO DE NÃO HAVER DEPARTAMENTALIZAÇÃO, DENOMINADOS MINISTÉRIOS, PERMITE QUE OS MEMBROS OUVINTES TENHAM UM CONTATO MAIOR COM A MEMBRO SURDA?

NA REALIDADE PECULIAR DESTA CONGREGAÇÃO, É... CERTO SENTIDO SIM NÉ? PORQUE ESSE É O NOSSO OBJETIVO É POR ISSO QUE A GENTE NÃO TEM DEPARTAMENTALIZAÇÃO. NUM CERTO SENTIDO SIM. OS IRMÃOS CONVERSAM, TEM POR EXEMPLO A CAMILA QUE É PROFESSORA DE BIOLOGIA DO ESTADO E TAL, ELA NUNCA FEZ CURSO DE LIBRAS, MAS SE VOCÊ FOR VER NUMA REUNIÃO É ELA QUE TÁ CONVERSANDO COM A UISIS. ALI SE VIRANDO PARA CONVERSAR COM A UISIS.

NÃO É A MAIORIA DA IGREJA, INFELIZMENTE!, QUE SE VOLTA PARA A UISIS. ELA É A ÚNICA MEMBRO SURDA DA IGREJA. SEMPRE VEM OUTROS VISITAREM, MAS ELA É A ÚNICA MEMBRO DA IGREJA.

ENTÃO, NÃO É A MAIORIA DOS IRMÃO QUE SE VOLTAM PARA UISIS EM SI. ELA SENTE UM POUCO ISSO, COMO É NATURAL, NÉ? JÁ CONVERSEI COM ELA SOBRE ISSO. TENTO MOTIVAR OS IRMÃOS. TAMBÉM CHAMO ATENÇÃO DELA TAMBÉM PROCURAR, QUE A GENTE SABE, POR ELA SER SURDA, AS VEZES ELES ACHAM QUE TODO MUNDO TEM SABER LIBRAS, EU DIGO, NÃO... EU ENTENDO QUE É BOM QUE A PESSOA ENTENDA, MAS VOCÊ TAMBÉM TEM QUE FAZER UM ESFORÇO.

ENTÃO, É NESSÉ SENTIDO, ESSA É REALIDADE.

4 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

NO INÍCIO APENAS UMA SURDA, A UISIS PAULA DA SILVA GOMES.

5 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O TRABALHO E POR QUÊ?

AMÉRICO LAMAS DE MENEZES E FERNANDA MENEZES

6 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS?

AMÉRICO LAMAS DE MENEZES E FERNANDA MENEZES

7 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE TRABALHO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO TRABALHO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

FOMOS NÓS QUE VIEMOS E FIZEMOS

8 PARTIR DO TRABALHO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURGIRAM OUTROS TRABALHOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

NÃO, NÓS... NA VERDADE EU ATÉ CONVERSO COM A UISIS, NÉ? NÓS PARAMOS DE... COM O CURSO, NÃO PUDEMOS FAZER OUTROS CURSOS. O QUE OCORREU FOI QUE EU FUI TRANSFERIDO PARA MACAPÁ. EU FUI ORDENADO E FUI PARA MACAPÁ E LÁ EM MACAPÁ, NA CONGREGAÇÃO, NÓS TAMBÉM INTERPRETÁVAMOS. NÓS CONVIDÁVAMOS SURDOS PARA IREM A IGREJA, MAS NUNCA CHEGOU A TER ALGUÉM MEMBRO LÁ, PORQUE EU PASSEI DOIS ANOS E NÓS VOLTAMOS. AI EU ACHO QUE NÃO TEM MAIS NADA LÁ, MAS NUNCA OCORREU DE UM TRABALHO ASSIM, FILHO DESSE.

MACAPÁ FOI UMA EXTENSÃO. SÓ QUE HOJE NÃO TEM MAIS NÉ? NA ÉPOCA OCORREU, 2010 – 2011, NÓS FOMOS, AÍ TINHA LÁ; UM SURDO IA QUASE TODO DOMINGO. A FERNANDA INTERPRETAVA, EU PREGAVA, MAS AÍ, ELE DEPOIS DEIXOU DE IR E NÓS RETORNAMOS E FOI ESSE O ÚNICO TRABALHO QUE OCORREU COMO FRUTO DESSE AQUI, NESSE CASO.

9 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

NÓS TEMOS UMA CONFERÊNCIA É... TODO ANO. QUE... É UMA CONFERÊNCIA DA EDITORA OS PURITANOS. É UMA CONFERÊNCIA QUE VEM PASTORES ALTAMENTE CAPACITADOS. CANADENSES, AMERICANOS QUE VEM DAR PALESTRAS. SÃO ASSUNTOS VARIADOS. O ÚLTIMO ASSUNTO FOI EVANGELISMO, POR EXEMPLO, O EVANGELISMO CRISTÃO, NÉ? E... EU ACHO QUE DE UNS QUATRO ANOS PARA CÁ A UISIS TEM FEITO A DIVULGAÇÃO PELO *YOUTUBE* CONVIDANDO SURDOS PARA VIREM A IGREJA. E É ISTO QUE A GENTE TEM FEITO.

EU TENHO MUITO DESEJO QUANDO... QUANDO EU INICIEI O EVANGELHO DE JOÃO. AQUI TE A PRÁTICA DE PREGAR DISPOSITIVO SEQUENCIAL. SE DOMINGO VOCÊ VIER, EU VOU CONTINUAR. VOU PEGAR O INÍCIO DO CAPÍTULO 8. EU COMECEI LA NO CAPÍTULO PRIMEIRO E VOU ATÉ O FINAL EM JOÃO.

ENTÃO, QUANDO EU COMECEI JOÃO EU CHAMEI A UISIS, PORQUE EU JÁ TÔ AQUI COMO PASTOR EFETIVO DESDE 2012. EU VIM NO FINAL DE 2011, EM 2012 EU FUI ELEITO EFETIVO.

ENTÃO EU JÁ EXPUS GENESIS TODINHO, JÁ EXPUS AS CARTAS DE JOÃO, JÁ EXPUS TIAGO. A FERNANDA E EU SEMPRE TIVEMOS O DESEJO DE TRADUZIR TODO O LIVRO, TRADUZIR TODA A PREGAÇÃO. QUANDO FOI NO INÍCIO DO EVANGELHO DE JOÃO, EU CHAMEI A UISIS, CONVERSEI COM ELA E TUDO E PERGUNTEI QUE EU... ASSIM..., TEM AS VANTAGENS DE NÓS FAZERMOS, OS INTERPRETES, MAS EU QUERIA MAIS COLOCAR A UISIS COMO, FAZENDO NÉ?

EU CHEGUEI A CONVERSAR COM ELA, CHEGAMOS A VER O PRIMEIRO CAPÍTULO, MAS AI ELA MUITO OCUPADA E TUDO, PROFESSORA UNIVERSITÁRIA, ACABOU QUE NEM FOI PRA FRENTE, MAS É UM DESEJO NOSSO, TRADUZIR.

MAS É UM DESEJO QUE NÓS TEMOS DE DIVULGAR A PALAVRA DE DEUS E TUDO.

- REUNIÃO DE ORAÇÃO INTERPRETADA NA QUARTA-FEIRA
- ESTUDO BÍBLICO INTERPRETADO NO SÁBADO A NOITE, ONDE SE FAZ A LEITURA DE LIVROS E SURDOS E OUVINTES PARTICIPAM TIRANDO SUAS DÚVIDAS FAZENDO PERGUNTAS, QUANDO HOVER.
- ESCOLA DOMINICAL INTERPRETADA NO DOMINGO PELA MANHÃ.
- CULTOS INTERPRETADOS NO DOMINGO PELA NOITE.
- CONFERÊNCIA ANUAL DA EDITORA PURITANOS.

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=M5P7YHRT1GY&T=44S](https://www.youtube.com/watch?v=M5P7YHRT1GY&t=44s)

10 QUAIS OS OBJETIVOS DO TRABALHO?

NÓS ENTENDEMOS QUE O EVANGELHO É PARA TODOS, ENTÃO A IGREJA TÁ ABERTA PRA TUDO QUE É PESSOA, QUALQUER CLASSE SOCIAL PRA OUVIR O EVANGELHO. ENTÃO O OBJETIVO É TIRAR OS SURDOS DAS TREVAS, COMO MESMO OBJETIVO PROS OUVINTES.

SEMPRE MOTIVO A UISIS PARA CONVIDAR OUTROS SURDOS. TAMBÉM SEMPRE MOTIVO A IGREJA PARA CONVIDAR OUTRAS PESSOAS PARA VIREM A IGREJA, NÉ?, E ESSE É O OBJETIVO.

NOSSA IGREJA TEM COMO BASE 1ª TIMÓTEO, 3: 15 QUE “A IGREJA É COLUNA E BALUARTE DA VERDADE”. ISSO SERVE PARA TODOS!

ENTÃO, A VERDADE TEM QUE SER PREGADA, SEJA EM PORTUGUÊS, SEJA EM LIBRAS, SEJA PRA QUEM FOR.

11 COMO É QUE É SE SENTIR PASTOR BILÍNGÜE? SER UM DOS POUCOS PASTORES CONHECEDORES DA SEGUNDA LÍNGUA OFICIAL DO BRASIL?

NÃO ERA MEU PLANO. DEUS É QUE CHAMA A GENTE. EU NUNCA PENSEI QUE EU IA SER PASTOR DAQUI. ENTÃO, QUANDO EU COMECEI O ESTUDO DE LIBRAS ERA... EU FIZ O MEU CURSO DE LIBRAS NA IGREJA BATISTA. ENTÃO EU SOU FILHO DA IGREJA BATISTA. EU FIZ O CURSO DE OBREIRO COM SURDOS EM 2002. FOI LA QUE EU CONHECI A FERNANDA, A MINHA ESPOSA. EU NÃO FIZ UM CURSO DE LIBRAS FORA, PORQUE MEU OBJETIVO ERA EVANGELIZAR O SURDO.

EU FUI ALUNO DO EDGAR, EDGAR VERAS. FIZ O CURSO COM EDGAR. ENTÃO EU APRENDI COM O EDGAR. NÓS APRENDEMOS COM O EDGAR. NA ÉPOCA EU ERA DA ASSEMBLEIA DE DEUS. O MINISTÉRIO COM SURDOS QUE HOJE É A MISSAD LÁ NO TEMPLO CENTRAL ERA A IRMÃ SÔNIA FOI A PIONEIRA E A LILIAN. FOI LÁ QUE EU DESENVOLVI HABILIDADE. LÁ EU INTERPRETEI OS CULTOS DO TEMPLO CENTRAL. ENTÃO O OBJETIVO SEMPRE ERA ESSE, NÉ? EVANGELIZAR SURDOS, AI DEUS ME TROUXE PARA A PRESBITERIANA

E HOJE EU TENHO UMA OVELHA SURDA, QUE EU SEMPRE DIGO PRA FERNANDA, OVELHA SURDA QUE PELA GRAÇA DE DEUS, QUANDO ELA PRECISA DE ACONSELHAMENTO, ELA VEM COMIGO NÃO PRECISA DE INTERPRETE. AQUI OU ALI EU CHAMA A FERNANDA PORQUE TEM COISAS QUE EU NÃO ME SINTO TÃO BOM EM LIBRAS! ACHO QUE FERNANDA É MUITO BOA EM LIBRAS, MAS EU SEI FALAR, CONSIGO INTERPRETAR DO PORTUGUÊS PARA A LIBRAS; TENHO DIFICULDADE DE INTERPRETAR DE LIBRAS PARA PORTUGUÊS. EU LOUVO A DEUS POR ISSO, ME SINTO MUITO FELIZ DE VER ESSA LIBERDADE QUE ELA TEM DE VIR COMIGO. QUANDO ERA O PASTOR ANTIGO, A GENTE TINHA QUE IR LA COM ELE. ELA QUERIA FALAR COM O PASTOR PAULO, NÓS ÍAMOS ATÉ ELE PARA INTERPRETAR NÉ? AQUELE NORMAL QUE VOCÊ SABE, AS PESSOAS NÃO SABEM NEM COMO LIDAR DIREITO... AQUI NÃO, EU SENTO ALI COM ELA, FALO DIRETO COM ELA, CONVERSO COM ELA. UMA BENÇÃO DE DEUS SABER A LÍNGUA DE SINAIS.

12 ORGANIZADO O TRABALHO HOJE:

- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 1
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: 3 FERNANDA MENEZES, ELDER CUNHA E JOSIANE DE OLIVEIRA.



ENTREVISTADO(A) 14

ENTREVISTA CONCEDIDA POR ROSA MARIA RODRIGUES DINIZ EM 13 DE FEVEREIRO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: IGREJA DO EVANGELHO QUADANGULAR - IEQ
- BAIRRO: UMARIZAL
- NOME DO MINISTÉRIO: HAJA LUZ
- SINAL: UMA MÃO FAZENDO O SINAL DE LUZ E A OUTRA MÃO FECHADA EM “S”

2 QUANDO INICIOU O MINISTÉRIO COM SURDOS?

2004

3 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

OITO

4 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O MINISTÉRIO E POR QUÊ?

FERNANDA MENEZES

5 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS?

FERNANDA MENEZES, RENATA CRUZ, RENATA GARCIA

6 A PARTIR DO MINISTÉRIO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURGIRAM OUTROS MINISTÉRIOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

SIM

7 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE MINISTÉRIO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO MINISTÉRIO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

COM AUXÍLIO DO MINISTÉRIO DA ASSEMBLÉIA DE DEUS

8 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

USO DE DRAMATIZAÇÕES NA IGREJA E CULTOS INTERPRETADOS, AOS DOMINGOS

9 QUAIS OS OBJETIVOS DO MINISTÉRIO?

LEVAR CONHECIMENTO BÍBLICO AOS SURDOS

10 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO HOJE:

- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 8
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: 4
- LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA: ROSA DINIZ, ROGÉRIO DIAS
- FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR SURDOS: EVANGELISTAS

ENTREVISTADO(A) 15

ENTREVISTA CONCEDIDA POR TATIANE CRISTINA DE BRITO MOTA EM 24 DE SETEMBRO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM
 - INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: VIDEIRA IGREJA EM CÉLULAS
 - BAIRRO: QUANDO INICIOU ERA NO BAIRRO DO MARCO E QUANDO TERMINOU ESTÁVAMOS NO BAIRRO CASTANHEIRA.
- NOME DO MINISTÉRIO: SURDOS COM PROPÓSITO/SURDOS RADICAIS

2 QUANDO INICIOU O MINISTÉRIO COM SURDOS?

RESP: SETEMBRO DE 2009

3 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

RESP: 3 SURDOS QUANDO INICIAMOS O MINISTÉRIO OFICIALMENTE, DEPOIS DE 4 MESES MAIS OU MENOS HAVIAM 12 SURDOS FIXOS

4 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O MINISTÉRIO E POR QUÊ?

RESP: LUCIANA DE FREITAS SENA E TATIANA CRISTINA DE BRITO MOTA

5 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS? (INFORMAR NOME E SOBRENOME)

RESP: LUCIANA SENA, TATIANA MOTA E ALESSANDRA LOPES

6 A PARTIR DO MINISTÉRIO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURGIRAM OUTROS MINISTÉRIOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

RESP: NA ÉPOCA NÃO, MAS HÁ MAIS OU MENOS 2 ANOS ATRÁS A IGREJA VIDEIRA DE GOIÂNIA TEM UMA MOÇA SURDA COMO MEMBRO DA IGREJA E UMA INTERPRETE DE LIBRAS QUE FAZ A INTERPRETAÇÃO DOS CULTOS PARA ELA, MAS NÃO EXISTE MINISTÉRIO ESPECÍFICO DE SURDOS PARA ELA LÁ, APENAS DESENVOLVE O TRABALHO NO MINISTÉRIO INFANTIL JUNTAMENTE COM OS OUVINTES

7 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE MINISTÉRIO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO MINISTÉRIO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

DE FORMA INDEPENDENTE.

INICIALMENTE A PRIMEIRA INTERPRETE DE LIBRAS, VEIO DE OUTRA DENOMINAÇÃO (ASSEMBLEIA DE DEUS, PARTICIPAVA DO MINISTÉRIO MISSAD) E COM ELA VEIO UM SURDO. ELES SE PASSARAM A CONGREGAR NA IGREJA VIDEIRA E OS CULTOS ERAM INTERPRETADOS POR ELA, MAS NÃO EXISTIA UM MINISTÉRIO COM SURDOS EM SI, POR FALTA DE PESSOAS PARA SE ENVOLVER E DESENVOLVER O MINISTÉRIO. UM ANO DEPOIS, EU COMECEI A CONGREGAR NESSA MESMA IGREJA E ME JUNTEI A ELES DOIS PARA JUNTOS INICIARMOS UM MINISTÉRIO COM SURDOS LÁ, FOI ENTÃO QUE SAÍAMOS PARA EVANGELIZAR OUTROS SURDOS E ASSIM FOI INICIANDO O MINISTÉRIO E SE OFICIALIZANDO COM 12 SURDOS FREQUENTES NOS CULTOS E REUNIÃO DE CÉLULA, EM MENOS DE 4 MESES QUE O MINISTÉRIO SE CONCRETIZOU*

8 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

RESP: INICIALMENTE, EU, A OUTRA INTÉRPRETE (LÍDER NA ÉPOCA) E O ÚNICO SURDO MEMBRO DA IGREJA NA ÉPOCA, SAÍAMOS TODA TERÇA FEIRA À NOITE PARA EVANGELIZAR OS SURDOS QUE SE ENCONTRAVAM, NA UEPA CAMPUS CCBS DA ALMIRANTE BARROSO, PARA JOGAR FUTEBOL E CONVERSAREM ENTRE SI. COMO ESTE SURDO, MEMBRO DA IGREJA CONHECIA A MAIORIA DESTES SURDOS QUE ESTAVAM LÁ, IA NOS APRESENTANDO E JUNTOS CONVIDÁVAMOS ELES PARA UM EVENTO QUE ACONTECERIA NO FINAL DO MÊS (ESSA SERIA A PRIMEIRA REUNIÃO DE CÉLULA SOMENTE COM SURDOS, EXCETO EU E OUTRA INTERPRETE DE OUVINTES). PASSAMOS O MÊS DE SETEMBRO INTEIRO FAZENDO CONVITES, ATÉ QUE ACONTECEU A PRIMEIRA REUNIÃO DE CÉLULA NO ÚLTIMO DIA DO MÊS. PARTICIPARAM APROXIMADAMENTE 10 SURDOS. DESSES, 3 COMEÇARAM A PARTICIPAR DAS REUNIÕES E FIRMARAM-SE NA IGREJA.

COM O TEMPO, FAZÍAMOS ISSO TODA SEMANA, NÃO NOS LIMITAMOS A EVANGELIZAR APENAS NA UEPA, MAS ÍAMOS TAMBÉM PARA FRENTE DA ESCOLA ESCOLA ESPECIALIZADA ASTÉRIO DE CAMPOS E NOS BAIRROS DE SURDOS JÁ CONHECIDOS QUE NOS LEVAVAM A CASA DE OUTROS SURDOS E ASSIM, ÍAMOS

CONHECENDO VÁRIOS SURDOS, ATÉ QUE O MINISTÉRIO CONTOU COM 12 SURDOS PARTICIPANTES ASSÍDUOS, TANTO NAS CÉLULAS QUANTO NOS CULTOS NA IGREJA. AS VEZES ESSE NÚMERO AUMENTA E EM ALGUMAS REUNIÕES CHEGAMOS A TER 24 SURDOS EM ALGUNS CULTOS E CÉLULAS.

9 QUAIS OS OBJETIVOS DO MINISTÉRIO?

- APRESENTAR JESUS E SEU EVANGELHO PARA AQUELES QUE NÃO OUVEM;
- FAZER COM QUE ESSES SURDOS SINTAM-SE PARTE DO CORPO DE CRISTO ASSIM COMO OS OUVINTES
- INCENTIVÁ-LOS A PREGAR O EVANGELHO PARA OUTRAS PESSOAS SURDAS QUE AINDA NÃO CONHECEM JESUS OU QUE SE AFASTARAM DELE
- AJUDÁ-LOS NÃO SOMENTE A APRENDER A PALAVRA DE DEUS, COMO TAMBÉM CONTRIBUIR COM SEUS ESTUDOS (NA ÉPOCA AJUDÁVAMOS ENSINANDO ALGUMAS DISCIPLINAS QUE ELES TINHAM DIFICULDADES NA ESCOLA), NA SUA FAMÍLIA, ETC.

10 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO HOJE:

- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES:
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS:
- LIDERANÇA E VICE-LIDERANÇA:
- FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR SURDOS:

*ATUALMENTE O TRABALHO COM SURDOS E MINISTÉRIO NÃO MAIS EXISTE, DEVIDO VÁRIAS MUDANÇAS DE PRÉDIO DA IGREJA PARA BAIROS DISTANTES DA COMUNIDADE SURDA QUE FREQUENTAVA A CONGREGAÇÃO, TAMBÉM POR FALTA DE INVESTIMENTO NO MINISTÉRIO.

INÍCIO DO MINISTÉRIO: SETEMBRO DE 2009, COM 2 OUVINTES (EU E A ANTIGA LÍDER, AMBAS INTERPRETAVAM TAMBÉM) E UM SURDO.

EM 2010, A ANTIGA LÍDER MUDOU DE CONGREGAÇÃO E EU ASSUMI O MINISTÉRIO COMO LÍDER.

EM 2011, TODOS OS SURDOS SAÍRAM POR CAUSA DA MUDANÇA DO PRÉDIO.

EM 2012, RECOMECEI O MINISTÉRIO NO NOVO PRÉDIO, INDO ATRÁS DE SURDOS QUE HAVIAM SAÍDO E OUTROS NOVOS SURDOS. JUNTAMENTE COM A AJUDA DO MEU MARIDO CONTINUAMOS COM O MINISTÉRIO, MAS ELE ACABOU DEFINITIVAMENTE NO FINAL DO ANO DE 2015, DEVIDO A FALTA DE PESSOAS OUVINTES PARA SE ENVOLVER COM O MINISTÉRIO, PARA AJUDAR NA INTERPRETAÇÃO JUNTAMENTE COMIGO, FOI FICANDO CANSATIVO SOMENTE PARA EU INTERPRETAR SOZINHA TODOS OS CULTOS DO INÍCIO AO FIM E TODAS AS REUNIÕES DE CÉLULA, POIS MEU MARIDO NÃO PODERIA AUXILIAR NA INTERPRETAÇÃO POR NÃO SER FLUENTE (SABE SE COMUNICAR, MAS AO PONTO DE FAZER INTERPRETAÇÕES EM LIBRAS) E ESTAR ENVOLVIDO COM OUTROS TRABALHOS NA IGREJA. NÃO HAVIA INVESTIMENTO POR PARTE DA IGREJA TAMBÉM, COMO EVENTOS PARA ATRAIR OS SURDOS OU ALGO DO TIPO. ENTÃO RESTARAM DOIS SURDOS QUE FORAM REMANEJADOS PARA A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS- CENTENÁRIO, DEVIDO JÁ TEREM FREQUENTADO LÁ ANOS ANTERIORES E A LÍDER NA ÉPOCA LÁ SER MINHA AMIGA E TER UM BOM TRABALHO COM A AJUDA TAMBÉM DA IGREJA.

EU E MEU MARIDO, CONVERSAMOS COM OS DOIS SURDOS QUE ESTAVAM LÁ NA VIDEIRA, SE ELES QUERIAM CONGREGAR LÁ NA ASSEMBLEIA DE DEUS CENTENARIO, JÁ QUE ELES ESTAVAM FREQUENTANDO LÁ TAMBÉM, POIS NEM SEMPRE AS REUNIÕES DA VIDEIRA ERAM ACESSÍVEIS PARA ELES E COMO EU ERA A ÚNICA INTERPRETE ERA MUITO DIFÍCIL, POIS PASSAVA A SEMANA TODA TRABALHANDO COM LIBRAS E FINAL DE SEMANA AINDA INTERPRETAVA OS CULTOS E REUNIÕES SOZINHA.

OS SURDOS E EU NOS DESMOTIVAMOS COM A FALTA DE INVESTIMENTO E ATENÇÃO DEVIDA DA IGREJA E LIDERANÇA DA IGREJA PARA COM ELES, ENTÃO ELES ACHARAM MELHOR IREM PARA O CENTENÁRIO, ENTÃO EU ENTREI EM CONTATO COM A LÍDER DE LÁ E OS REMANEJAMOS.

DESDE ENTÃO NÃO HOUE MAIS TRABALHO E ACABEI MUDANDO DE CONGREGAÇÃO. ONDE ESTOU ATUALMENTE, ESTAMOS VENDO A POSSIBILIDADE DE INICIARMOS UM MINISTÉRIO COM SURDOS, MAS AINDA ESTÁ SENDO ARTICULADO COM LIDERANÇA DA IGREJA, ACREDITO QUE VÁ DEMORAR UM POUCO, POIS ESTOU HÁ POUCO TEMPO CONGREGANDO LÁ. DESDE O INÍCIO DESSE ANO.

ENTREVISTADO(A) 16

ENTREVISTA CONCEDIDA POR VICTOR AUGUSTO MARTINS SIQUEIRA EM 08 DE OUTUBRO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: SALÃO DO REINO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ
- BAIRRO: PARQUE VERDE (AUGUSTO MONTENEGRO)
- QUAL O NOME DO TRABALHO DESENVOLVIDO COM SURDOS?
SÃO CHAMADAS DE REUNIÕES OU CONGREGAÇÕES EM LÍNGUA DE SINAIS (LS)
- TEM SINAL? SIM, FAZER SINAL DE CASA + REUNIÃO + AUGUSTO MONTENEGRO

2 QUANDO INICIOU O TRABALHO COM SURDOS?]

AS REUNIÕES EM LS INICIARAM EM 2008.

3 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

NÃO SOUBE RESPONDER

4 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O TRABALHO E POR QUÊ?

NÃO HÁ UM NOME EM ESPECÍFICO. AS CONGREGAÇÕES EM LS SURGEM A PARTIR DE MAPEAMENTOS FEITOS POR PUBLICADORES QUE VÃO DE CASA EM CASA PERGUNTANDO SE AS PESSOAS CONHECEM SURDOS NA RUA ONDE MORAM

5 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS?

NO SALÃO DO REINO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ AUGUSTO MONTENEGRO A REUNIÃO NÃO É INTERPRETADA. TODO O TRABALHO É DESENVOLVIDO EM LÍNGUA DE SINAIS, TENDO COMO PREOCUPAÇÃO O SENTIMENTO DO SURDO.

6 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE TRABALHO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO TRABALHO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

7 A PARTIR DO TRABALHO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURTIRAM OUTROS TRABALHOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

NÃO

8 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

- REUNIÃO EM LIBRAS DURANTE A SEMANA: OBJETIVA TREINAR PARA A PREGAÇÃO. FORMAS DE ABORDAGENS E COMPORTAMENTOS.
- REUNIÃO EM LIBRAS NDO FINAL DE SEMANA: OBJETIVA TRABALHAR OS ENSINAMENTOS DA REVISTA A *SENTINELA*, UMA REVISTA PUBLICADA MENSALMENTE, DESDE 1879, SEM INTERRUPÇÕES. ESTA PUBLICAÇÃO AUXILIA O DESENVOLVIMENTO PARA A VIDA.
- UTILIZAÇÃO DE UM APLICATIVO DE SMATPHONE OU TABLET DENOMINADO *JW LIBRARY SIGN LANGUAGE* O QUAL FACILITA O AUTO-ESTUDO DO SURDO, POIS CONTÉM VÍDEOS EM LÍNGUA DE SINAIS.
- O ENDEREÇO ELETRÔNICO WWW.JW.ORG/BZS TAMBÉM PODE SER OBSERVADO NA VERSÃO LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS PARA AUXILIAR NO AUTO-ESTUDO DO SURDO.
- PARA SURDOS QUE NÃO SÃO FLUENTES EM LIBRAS HÁ UMA BROCHURA INTITULADA *ESCUTE A DEUS (LL-T)*. ESTA BROCHURA TRABALHA COM ICONOGRAFIAS VISANDO LEVAR O ASSUNTO A COMPREENSÃO DO ESTUDO.

9 ORGANIZADO O TRABALHO HOJE:

ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES NO SALÃO DO REINO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ – CONGREGAÇÃO EM LS AUGUSTO MONTENEGRO.

NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 6 PUBLICADORES + VISITANTES

ESTA DISTINÇÃO ENTRE PUBLICADORES E VISITANTES FOI REALIZADA, POIS NAS REUNIÕES DA INSTITUIÇÃO RELIGIOSA TESTEMUNHAS DE JEOVÁ HÁ UMA DIVISÃO DE PESSOAS SURDAS A PARTIR DA SEGUINTE CATEGORIA:

- PUBLICADOR BATIZADO – AQUELE QUE É CONSIDERADO UMA TESTEMUNHA DE JEOVÁ E QUE PASSOU POR TODAS AS ESTAPADAS DESCRITAS.
- PUBLICADORES NÃO BATIZADOS – INDIVÍDUO QUE É CONHECEDOR DOS ENSINAMENTOS BÍBLICOS A PARTIR DOS ESTUDOS DO LIVRO *O QUE A BÍBLIA*

REALMENTE ENSINA? (BH-T) E QUE APRESENTA SUA VIDA EM CONSONÂNCIA COM AS ESCRITURAS. UM PUBLICADOR NÃO BATIZADO DEVE ASSISTIR ÀS REUNIÕES CONGREGACIONAIS REGULARMENTE. ELE TAMBÉM DEVE ESTAR COMENTANDO NAS REUNIÕES.

- ESTUDANTE – INDIVÍDUO QUE ESTÁ EM PREPARAÇÃO PARA TORNAR-SE UM INSTRUTOR DA BÍBLIA. DEVE SER ACOMPANHADO POR UM INSTRUTOR QUE SE ENCONTRA UMA VEZ POR SEMANA PARA TRABALHAR OS ENSINAMENTOS BÍBLICOS A PARTIR DOS ESTUDOS DO LIVRO *BH-T*.
- VISITANTE – NÃO ASSUME O COMPROMISSO COM A PREPARAÇÃO DE INSTRUTOR DA BÍBLIA, VAI A CONVITE DE SURDOS E OUVINTES PARTICIPAR DAS REUNIÕES. NÃO NECESSITA ASSISTIR AS REUNIÕES REGULARMENTE.
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: NÃO HÁ INTERPRETES DE LIBRAS PORQUE A REUNIÃO É REALIZADA EM LÍNGUA DE SINAIS (LIBRAS) E TODOS OS PARTICIPANTES, SURDOS E OUVINTES UTILIZAM-SE DESTA LÍNGUA PARA ACOMPANHAR A PREGAÇÃO E ENSINAMENTOS FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR SURDOS: AS MESMAS DESCRITAS PELO ANCIÃO JOÃO



ENTREVISTADO(A) 16

ENTREVISTA CONCEDIDA POR TÂNIA MARA SENA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2017.

1 DADOS INSTITUCIONAIS:

- MUNICÍPIO: BELÉM
- INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: CENTRO ESPÍRITA YVON COSTA
- BAIRRO: FÁTIMA
- QUAL O NOME DO TRABALHO DESENVOLVIDO COM SURDOS? GRUPO DE ESTUDOS SISTEMATIZADOS DA DOCTRINA ESPÍRITA PARA SURDOS (GESDES)

2 QUANDO INICIOU O TRABALHO COM SURDOS?

AS REUNIÕES INICIARAM EM 2016.

3 QUANTOS SURDOS PARTICIPAVAM NO COMEÇO DO TRABALHO?

NO COMEÇO, CONTOU COM A PARTICIPAÇÃO DE QUATRO SURDOS

4 QUEM (INFORMAR NOME COMPLETO OU PRIMEIRO E ÚLTIMO NOME) INICIOU O TRABALHO E POR QUÊ?

O TRABALHO TEVE INICIO A PARTIR DA INICIAIVA DE DOIS MEMBROS DO CENTRO, NAZARÉ SALDANHA E JOSÉ SINÉSIO TORRES GONÇALVES FILHO

5 QUEM FORAM OS PRIMEIROS INTERPRETES DE LIBRAS?

INICIALMENTE APENAS A NAZARÉ SALDANHA INTERPRETAVA DURANTE A REUNIÃO QUE TEM DURAÇÃO DE 2H.

6 COMO O TRABALHO SE CONSTITUIU? ESTE TRABALHO SURTIU COM AJUDA OU INTERMÉDIO DE OUTRO TRABALHO COM SURDOS OU SE CONSTITUIU DE FORMA INDEPENDENTE?

SURTIU DE FORMA INDEPENDENTE. A PRESENÇA DO SINÉSIO NO CENTRO É O QUE MOTIVA A INICIATIVA DO GESDES

7 A PARTIR DO TRABALHO QUE VOCÊ PARTICIPA/LIDERA SURTIAM OUTROS TRABALHOS COM SURDOS NA SUA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE?

NÃO

8 QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO UTILIZADAS PARA ATRAIR OS SURDOS AO TRABALHO? EM QUE DIA(S) ELA(S) OCORRE(M)?

- REUNIÃO DO GRUPO DE ESTUDOS SISTEMATIZADOS DA DOCTRINA ESPÍRITA PARA SURDOS INTERPRETADA EM LIBRAS AOS DOMINGOS PELA TARDE DAS 16H AS 18H.

9 ORGANIZADO O TRABALHO HOJE:

ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES NO CENTRO É COMPOSTA PELA PRESENÇA DA IRMÃ TÂNIA SENA COMO PRECEPTORA. O GRUPO ESTÁ VINCULADO A DIRETORIA DE ESTUDOS DOCTRINÁRIOS QUE PE DIRIGIDO PELA SR.A TÂNIA MARIA O. SENA

- NÚMERO DE SURDOS PARTICIPANTES: 6
- NÚMERO DE INTERPRETES DE LIBRAS: OFICIALMENTE UM, MAS HÁ OUTRA MEMBRO QUE AJUDA CONFORME A NECESSIDADE.
- FUNÇÕES DESEMPENHADA POR SURDOS: NO MOMENTO TODOS ELES SE ENCONTRAM COMO ESTUDANTES DA DOCTRINA ESPÍRITA.